

Para o Avô Brito e para a Avó Maria José

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar fica o meu sincero agradecimento a todos os Romeiros que colaboraram comigo neste trabalho. A todos eles o meu muito obrigado por me receberem e ajudarem sempre. Principalmente ao Renato Pereira do Rancho das Sete Cidades, ao Raúl Resendes, ao Padre José Paulo e a todo o Rancho de romeiros de Santa Clara, que para além de Irmãos Romeiros do meu pai se tornaram também os meus principais Irmãos romeiros nesta caminhada. Para todos aqueles que caminham na nossa Ilha, enquanto romeiros e enquanto admiradores dos mesmos, fica aqui esta pequena homenagem.

Também vai o meu maior agradecimento ao Professor Doutor João Soeiro de Carvalho, o meu orientador que aceitou em ajudar-me sempre, com toda a sabedoria e amizade. Fico principalmente agradecida pela forma calorosa como passou, à medida que trabalhou do meu lado, a admirar e reconhecer o imenso valor nas Romarias Quaresmais da minha Ilha.

Não poderia deixar de dedicar este trabalho a todas os membros da minha família, principalmente as pessoas que mais caminharam perto de mim, com especial atenção ao meu pai Pedro, à minha mãe Maria e à minha tia Teresa, por percorreram diferentes momentos deste trabalho comigo, e mais do que isso não me deixarem caminhar sozinha.

Para a Ana Teresa e para o Rodrigo Sabino, por verem sempre o melhor de mim.

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado desenvolve-se no âmbito da disciplina de Etnomusicologia em torno do tema das Romarias Quaresmais de São Miguel e da música performada nesta tradição do tempo da Quaresma. Este trabalho compreende as Romarias como uma prática performativa que envolve o indivíduo enquanto Romeiro, o indivíduo na sociedade e o indivíduo no contexto cultural do tempo da Quaresma. Dedicar-se o trabalho, principalmente, a compreender e a analisar o repertório musical utilizado na caminhada das Romarias Quaresmais de São Miguel, constituído pela Avé – Maria dos Romeiros. A análise musical é justificada através do contexto onde a performance da Avé – Maria acontece. Contextualizada histórica e geograficamente esta tese de mestrado revê todos os momentos necessários para a concretização das Romarias: desde a sua preparação até à sua performance, bem como a participação dos elementos externos a uma Romaria. O trabalho enquadra-se teoricamente nos conceitos de tradição, performance e antropologia musical.

ABSTRACT

This master dissertation unfolds within the discipline of ethnomusicology, on the theme of the *Romarias Quaresmais de São Miguel* (Lenten Pilgrimages of St. Michael) and the music performed on this Lent tradition. This work analyses the pilgrimages as a performing practice that involves the individual (Pilgrim), the individual in society and the individual in the cultural context of Lent. The work is dedicated mainly to understand and analyze the repertoire used in the journey of Lenten Pilgrimage of St. Michael, made by the prayer “Hail - Mary of the Pilgrims”. The musical analysis is justified by the context where the performance of Hail – Mary happens. Contextualized historically and geographically this master's thesis reviews all the process necessary for the implementation of Pilgrimages: from preparation to its performance as well as the involvement of external elements to a pilgrimage. The work fits in theory the concepts of tradition and performance and musical anthropology.

Índice

1. Introdução.....	1
1.1 Enquadramento Teórico.....	4
1.2 Metodologia.....	12
Capítulo I	
1. Contextualização Histórica e Geográfica.....	14
1.1 O culto eclesástico: implantação da Igreja e criação das Misericórdias	14
1.2 O culto popular: Romarias	16
2. Os Romeiros de São Miguel.....	19
Capítulo II	
1. A criação e constituição dos Ranchos	25
2. A preparação para a caminhada.....	31
2.1 A preparação com o Rancho de Romeiros das Sete Cidades.	32
Capítulo III	
1. Prática Performativa da Avé – Maria dos Romeiros	35
1.1 O princípio da Avé – Maria: A partida para a caminhada	36
1.2 A Avé – Maria na caminhada.....	49
1.3 Prática Performativa da caminhada	50
2. A participação das mulheres na performance da romaria	58
Capítulo IV	
1. Análise Musical da Avé – Maria dos Romeiros	62
Conclusão.....	75
Bibliografia	80
Anexos	87
Anexo 1: Entrevista	88
Anexo 2: Regulamento dos Romeiros de São Miguel	101

1. Introdução.

Proponho a elaboração de uma dissertação de Mestrado no âmbito da disciplina da Etnomusicologia, em torno do tema das Romarias Quaresmais de São Miguel e da música performada nesta tradição no tempo da Quaresma. Este estudo concentrar-se-á nas Romarias como uma prática performativa em que se englobam todos os elementos que tornam possível concretizar o momento designado por Romarias Quaresmais. Para o estudo da sua actividade musical opto por dividir o seu repertório em duas etapas distintas: o que diz respeito aos momentos da celebração e que é ensaiado e trabalhado nas reuniões de preparação e o repertório musical da caminhada dos Romeiros, constituído pela Avé - Maria. Sobre esta última canção debruçar-me-ei com mais afinco de modo a conseguir compreender as influências e proceder a uma análise musical. Como parte complementar do estudo musical conferido ao ritual de performance das Romarias tentarei compreender a constituição dos ranchos de Romeiros e a posição dos Romeiros dentro do mesmo face à sua formação ou aptidão musical ao mesmo tempo que procuro dar um novo contributo para o estudo das origens e manutenção deste fenómeno religioso da Ilha de São Miguel. Como parte complementar ao estudo do repertório terei em conta aquele que é composto especificamente para este fim, bem como os seus autores.

Mais especificamente, na dissertação que apresento abordar-se-ão as seguintes questões: Quais os elementos que constituem a Prática Performativa das Romarias Quaresmais de São Miguel e quem os constitui? Qual a razão e de que forma é reunido e encontrado o repertório musical para uma romaria? Porque se tornou a Avé - Maria dos Romeiros uma melodia estilizada quase na sua totalidade, cantada e afinada de determinada forma? Qual a origem desta melodia e que a torna uma das mais características da ilha de São Miguel? Será esta tradição a grande impulsionadora do repertório musical da ilha de São Miguel? Porque cantam os Romeiros de São Miguel, e porque o fazem na Quaresma? Porquê explicar, de forma académica, especificamentente no ramo da Etnomusicologia, uma tradição reconhecida, centenária e aceite? Porquê explorar a ideia de tradição que abraça as Romarias Quaresmais de São Miguel?

Na pesquisa e no questionar destas Romarias e dos homens que se encarregam de as transportar, procuro contribuir, com o cuidado e respeito que o tema assim merece, para um enquadramento académico e registo etnomusicológico do mesmo. Questionando, de certa

forma, o seu lugar de origem, observando caminhos para a manutenção da tradição, procuro, de forma humilde (como qualquer homem Romeiro) ser um contributo para a divulgação, no contexto académico, das Romarias Quaresmais de São Miguel.

Num momento em que se tornou tão recorrente a divulgação de trabalhos acerca do tema das Romarias, defendo-me pela originalidade da área em que me especializo. Num momento de grande fulgor académico para com esta tradição religiosa, a minha dissertação de mestrado pretende distinguir-se pela sua abordagem e estudo etnomusicológicos, sobre o qual, este tema carece, na sua totalidade, de trabalho académico.

Através da bibliografia etnográfica e etnomusicológica concentro-me, em grande parte desta dissertação de mestrado, no repertório musical, na organização de vida da sociedade em romaria e na caminhada musical. Faço-o desta forma porque a música parece encontrar-se no cerne de toda a performance da caminhada e preparação em romaria. A criação musical que é cada vez mais dedicada às Romarias, torna este fenómeno um dos maiores momentos musicais da ilha. Se assim não for, será então, um dos maiores momentos musicais, no calendário religioso da ilha. Ou será o momento musical mais envolvente da ilha. Isto porque, durante os quarenta dias da Quaresma, toda a ilha se prepara para ser o palco desta peregrinação penitencial. Com os Romeiros em lugar de destaque, durante o tempo da Quaresma, é sempre possível ouvir o cântico cadenciado ao compasso dos homens que entoam a Avé - Maria. Tendo como defesa o senso comum do micaelense, denominarei esta cantiga como a Avé - Maria dos Romeiros. A melodia que aparenta traços medievais (assim o tentarei demonstrar) reconhecível e reconhecida por todos aqueles que (como diz o micaelense) “desde sempre” se acostumaram a ouvi-la nos dias quaresmais da ilha grande. Esta música parece completar a paisagem verde da Primavera quase sempre invernosa da ilha de São Miguel na Quaresma. As madrugadas nascem ao som da quase murmurada Avé - Maria dos Romeiros. As estradas, ao longo do dia, estão cobertas da mesma melodia que por horas sucessivas se mostra com mais força, e qualquer pôr-do-sol da micaelense quaresma é feito ao som da mesma Avé - Maria, mas agora com sabor de desejo de algum descanso. Posso dizer que, no calendário religioso das ilhas dos Açores, na ilha grande, a paisagem sonora nos é dada pelas canções dos Romeiros. Estes homens de coragem, com a crença na sua oração, levam na sua cantiga o dever de pedir a Nossa Senhora Mãe de Deus, a Nossa Senhora Mulher, a Nossa Senhora Filha e Esposa, que as orações de tantos sejam ouvidas e atendidas.

Assim sendo, e colocando-me, da forma como me é possível, lado a lado da coragem destes homens, pelo menos durante os momentos que caminho nas linhas da minha dissertação de mestrado, procuro contribuir para o crescimento do conhecimento desta tradição no meio académico e no meio etnomusicológico. Considerando o ritual das romarias como uma tradição que tem lugar de grande destaque na etnografia do arquipélago, mais especificamente na etnomusicologia da ilha de São Miguel. Procuro homenagear todos aqueles que nela se envolvem e a tornam possível, procuro que a minha caminhada seja tão digna e valorosa como a dos homens Romeiros que conheci, conheço e irei conhecer ao longo desta viagem.

1.1 Enquadramento Teórico

Ao começar a trabalhar no âmbito das Romarias Quaresmais de São Miguel, surgem de imediato, duas questões: Porque cantam os Romeiros, e porque o fazem na Quaresma, ou seja, porque fazem música e porque o fazem num determinado contexto. Com estas duas perguntas levantadas, encontrei, de imediato, um paralelo na antropologia musical escrita por Anthony Seeger (1987): *Why Suyá Sing*. A pergunta era a mesma: Porque cantam os Romeiros e porque cantam os Suyá. O estudo relatado da vida musical do povo Suyá do Mato Grosso no Brasil, apresentou-me o caminho para a análise do povo Romeiro da Quaresma na ilha de São Miguel. Mais do que a questão central, existia a semelhança dos Romeiros com os Suyá, na medida em que a parte fundamental da vida social dos Suyá é construída em torno da performance de cerimónias através da música (Seeger: 1987). Outra questão que os aproxima, diz respeito à organização circular de, por parte dos Suyá, a sua vila, e por parte dos Romeiros, o percurso circular em volta de toda a ilha. A sociedade Suyá tem a sua comunidade composta de uma única grande casa, ou um círculo de casas que rodeiam uma praça lembrando um palco em torno da mesma praça (Seeger: 1987). Os Romeiros organizam o seu percurso de oito dias de caminhada em torno da ilha de São Miguel num círculo fechado (começa e acaba no mesmo lugar). Segundo a opinião de Bettencourt da Câmara (1984) o movimento circular em volta da ilha poderá estar relacionado com características específicas das civilizações agrárias, ou seja, a do dia e da noite, as estações do ano agrícola e do ano religioso e as colheitas. Naturalmente o movimento circular dos Romeiros está condicionado pelo espaço geográfico da insularidade. Tanto para os Suyá em que toda a aldeia se torna o palco das suas performances (Seeger: 1984) também a ilha de São Miguel se torna o palco para a performance das celebrações Quaresmais dos Romeiros. O estudo de Seeger sobre a música como uma emoção que acompanha, produz, qualifica e participa no momento da performance, abraçava a ideia de concretização das Romarias que vim a construir no desenvolvimento deste trabalho. Para a concretização da prática performativa do ritual das Romarias Quaresmais, existe a necessidade de fazer música, ou seja, é na música que se encontram os princípios organizadores do grupo e do produto visível desta peregrinação. Os romeiros acreditam que são conduzidos pela força da sua oração cantada, que lhes confere a concentração e unidade necessária para o bom funcionamento e resultado enquanto grupo. Dentro do rancho, tanto o Mestre (como figura maior entre os irmãos), bem como a música, são os responsáveis por manter o grupo organizado por modo a alcançarem o cumprimento

dos seus diversos objectivos pessoais (de cada um dos membros do rancho). Se por um lado o Mestre exerce a autoridade na organização do grupo, a música exerce autoridade na celebração de um momento cantado (como por exemplo na organização musical de uma missa) e, mais importante ainda, exerce a autoridade na medida em que é responsável pela concentração e unidade de todo o rancho na caminhada. Também o estudo de Seeger (1987) confere uma resposta a esta ideia aquando do discurso sobre os pitagóricos que designam a música como uma fonte harmonizadora, unificadora e capaz de conciliar elementos dispersos. Num tempo do calendário relesioso destinado à reflexão silenciosa e à penitência, as Romarias encontram na música a forma de conseguir cumprir o objectivo da peregrinação e no canto a forma mais elevada de oração. Segundo o autor Agostinho Pinto (2008) o silêncio é a atitude que o Romeiro deve ter para falar com Deus. Quanto maior for o silêncio (tendo em conta a opinião do mesmo autor) mais o irmão se concentra na sua tentativa de comunicar com Deus. No entanto o silêncio, na Romaria é feito também ao som da Avé - Maria. O Regulamento¹ explica: “todos os romeiros devem observar o silêncio em todo o percurso (...)”. Todos os irmãos admiram o tempo de silêncio em que a própria natureza participa (Pinto: 2008). Estas são as horas em que os Romeiros caminham sozinhos, entre as quatro e as sete da madrugada, porque toda a ilha ainda está silenciosa (Pinto: 2008). Mas neste momento, de maior silêncio, ouve-se música, a Avé – Maria cantada ao som do bater dos bordões e dos passos dos Romeiros.

A performance das Romarias é também uma performance que se concentra na busca da música como fio condutor e no resultado musical que desenvolve emoções e conduz comportamentos (Seeger: 1987). A ideia de contexto, também avançada por Seeger (1987) quando discute porque cantam os Suyá num determinado lugar e tempo, encontra-se da mesma forma envolta no tema das Romarias: porque cantam os romeiros no contexto da Quaresma, de uma determinada forma e porque o fazem de diferentes formas mediante a audiência presente no momento. O autor de *Why Suyá Sing?* (1987) propõe a análise feita por Lomax (1968) que explica que os Suyá produzem a sua música de determinada forma através do seu contexto, por se tratar de uma tribo nativa da América do Sul, por viverem numa região isolada, por não terem classes sociais e por pensarem a música de forma diferente (Seeger: 1987). Surge assim a possibilidade de estudar a música através da sua relação com o contexto geográfico, contexto cultural e a vida social com o momento da sua performance.

¹ O Regulamento dos Romeiros de São Miguel é um documento comum a todos os ranchos e que inumeras as regras que os diversos ranchos devem ter em conta. A última versão deste documento data do ano de 2003 (ver anexo 2).

Aos Romeiros está imposta a situação geográfica da insularidade, o contexto cultural do momento da Quaresma e a relação com todas as outras pessoas envolvidas para que a performance das Romarias seja possível; e a relação entre homens dentro de um mesmo rancho. Qualquer que seja o momento a ser performado pelos Romeiros, estão a fazê-lo criando um elo de comunicação com o que os rodeia, seja a restante população da ilha que assiste e participa, ou mesmo com a metafísica (no caso específico da religião católica onde se inserem as romarias: com Deus). A música torna-se explicável porque é performada por membros de uma comunidade, num lugar e tempo específicos e que muitas vezes tem uma audiência composta por elementos da mesma comunidade (Seeger: 1987), assim sendo, a música tem implicações no indivíduo, no indivíduo socialmente envolvido e na comunidade em que a própria música acontece. A música é muito mais do que aquilo que podemos registar num gravador (Seeger: 1987), a música é conduzida por uma intenção de fazer música, por oposição às restantes formas de verbalização / discurso. A música é uma construção e é, também, o resultado da sua emissão (Seeger: 1987). Para concretizar música é preciso ter essa mesma intenção e realizá-la, necessita estar envolta de valor e emoção e também de ser conseguida com uma determinada estrutura e forma (Seeger: 1987).

Outra questão que aproxima a sociedade Suyá da sociedade de Romeiros é o seu funcionamento musical. Segundo Seeger (1987) o ano para o povo Suyá funciona como um grande concerto, que por sua vez é constituído por dois andamentos: a época seca e a época de chuvas. A vila dos Suyá encontra um paralelo numa sala de concerto, o seu ciclo anual com uma temporada de concertos e onde a população Suyá é a orquestra (Seeger: 1987). As consecutivas performances pelos Suyá fazem com que todos os seus dias sejam transformados numa performance musical. Também com qualquer rancho de Romeiros acontece o mesmo; os dias são construídos em torno de diversas performances musicais (como irei explorar mais adiante neste trabalho) e, como tal, os dias sucedem-se construindo uma única grande performance musical: a peregrinação. Tanto para os Suyá como para os Romeiros, as funções estão estipuladas dentro do grupo, e aquando de uma performance cada um participa conforme está designado na sua função (Seeger: 1987).

Uma sugestão feita por Seeger (1987) para a concretização de um estudo sobre o contexto musical passa pelo processo do que o autor designa como as perguntas jornalísticas (*basic journalistic questions*): o quê, onde, como, por quem, para quem e porquê. Para Seeger (1987) a resposta a estas perguntas não significam a conclusão de uma análise, mas preitem um caminho para a mesma. Estas perguntas servem para localizar e iniciar um estudo de

performance num dado contexto. Aplicando as perguntas ao contexto das Romarias surgem as respostas necessárias para o contexto musical da performance da peregrinação. Assim sendo: os romeiros cantam um vasto repertório musical para as suas celebrações bem como a sua música da caminhada (Avé – Maria). A performance tem lugar no tempo da Quaresma na ilha de São Miguel. Toda a performance está cuidadosamente estudada, sendo que o repertório musical se divide entre as canções aprendidas para serem cantadas nas missas e nos momentos de convívio, e a música da caminhada está entregue apenas à Avé – Maria. A música é performada por todos aqueles que ocupem o lugar de Romeiro e é recebida por todos os habitantes da ilha de São Miguel. Cantam por forma a enriquecer os momentos de celebração e para tornarem o seu grupo unificado no decorrer da caminhada. O estilo da performance está relacionado com a intenção, o espaço e o tempo do contexto de que uma performance faz parte (Seeger: 1987).

Para a elaboração de um quadro teórico no contexto da disciplina onde desenvolvo a dissertação de mestrado, deparei-me, ao analisar o fenómeno das Romarias Quaresmais à luz de bibliografia específica em torno de dois conceitos principais: Tradição e Performance.

A palavra mais associada às Romarias Quaresmais da ilha de São Miguel, e que surge em todos os contactos que fiz durante esta investigação, é a palavra / conceito de Tradição. Uma das discussões mais importantes na área da etnomusicologia sobre este conceito diz respeito ao estudo de Ranger e Hobsbawm: *The Invention of Tradition* (1992), onde se discute, tradições que aparentam ser antigas e por vezes a sua origem é recente e até pode dar-se o caso da origem ser inventada. Neste caso estão inglobadas as tradições criadas e aquelas que apenas parecem inglobar em si um passado curto. Por tradições inventadas, Hobsbawm (1992) ilustra práticas com regras ritualizadas e de natureza simbólica que procuram incutir valores e normas de comportamento através da repetição e a tentativa de ligação com um suposto passado histórico. Segundo os autores, a distinção entre ideia de tradição e costume deve ser considerada, principalmente numa sociedade tradicional, porque uma tradição não significa apenas uma repetição, não significa uma rotina (Hobsbawm: 1992).

O conceito de tradição ainda mantém, em grande parte, neste contexto, o seu significado etimológico. O termo vem do latim *traditio* e do verbo *trans-dare* que significa dar completamente ou passar de um lado para o outro. O prefixo *trans* que surge em palavras como transmitir, transparecer, transferir confere-lhe o seu total sentido. Esta transmissão que normalmente é feita ao longo de gerações de hábitos, ideias, instituições e crenças espirituais

de uma colectividade (um contexto), não provém, especificamente, de uma codificação escrita. Neste sentido será o cultivo, ao longo do tempo, de uma determinada arte, ciência ou conhecimento, transmitidas através de gerações de forma a desenvolver contextos que mais tarde se tornarão a base para a construção de uma actividade cultural posterior (Beard: 2005). Para realizar este trabalho foi o conceito de tradição um recurso recorrente. Ao que foi possível apurar, grande parte dos diálogos sobre a tradição referem-se ao seu significado etimológico. No sentido émico, tradição é muitas vezes, neste contexto, visto como um costume que foi transmitido e trazido do passado e que é dever das gerações do presente manterem vivo. Esta ideia de tradição, no sentido émico, não rejeita a evolução e adaptação das Romarias, mas acredita e revê-se na sua definição etimológica.

Após esta definição etimológica podemos assumir que a tradição deriva, supostamente, de um passado e que se encontra envolvida num processo de transmissão e repetição. Se analisarmos o conceito de tradição segundo este ponto de vista pressupomos que operar a tradição implica uma repetição idêntica, ou seja, que não é suposto mudar com o passar do tempo. Mas rapidamente me apercebi da “impossibilidade” quase absoluta de, no caso da tradição das Romarias, se tratar de um processo de repetição idêntica e imutável. A evolução geográfica de São Miguel confere, logo à partida, uma necessidade dos Romeiros se adaptarem à evolução geográfica do espaço de performance. Será de facto importante a ideia imutável de tradição? Perde valor uma tradição que se adapta ao presente e se pretende pronta para o futuro? Na minha opinião o segredo da longevidade das Romarias reside na capacidade de encontrar diferentes contextos para se produzirem. Terão sido, como o senso comum assim assume, criadas como resposta aos cataclismos de que a ilha foi vítima em séculos passados, e que tenham encontrado nas confrarias e nas mesericórdias refúgio para poder continuar a sua existência, e que finalmente se tenha assumido sob um Grupo Coordenador das Romarias Quaresmais, mecanismo independente, que se gere e organiza a si mesmo.

É imprescindível destacar aqui o conceito de performance. Mcleod e Herndon (1980) no seu estudo destacam a importância do conceito para o estudo etnomusicológico, justificando a performance como o “comportamento real” de um determinado evento musical, por oposição ao que seria um “comportamento ideal” (Seeger: 1987). Com a ideia do “comportamento real” pretende-se incluir no momento da performance o resultado imediato da interacção dos performers entre si e com a audiência, bem como os erros ou variações que possam ocorrer no momento. Daí o estudo da música embebido do significado da performance, pois a música não é apenas o som musical que acontece num determinada

momento. É da opinião das autoras que, por vezes, a realidade do momento da performance é ignorada para dar lugar ao que se pretendia que fosse uma performance ideal. Mcleod (1980) propõe que os estudos etnomusicológicos se dediquem a momentos reais de performance em vez de suporem o que o mesmo momento poderia ser (Seeger: 1987).

Para o desenvolvimento deste trabalho, as descrições feitas ilustram momentos de performance real, pois não pertendo que a natureza do que foi observado sofra qualquer tipo de alteração. A acompanhar esta ideia está o desenvolvimento do conceito por Bauman (1974) ao descrever o acto da performance como um “comportamento situado”; situado dentro e com significado relevante para o contexto (Seeger: 1987). Se inicialmente este conceito se cingia ao estudo do fenómeno musical, rapidamente os etnomusicólogos se deram conta que esta era uma abordagem incompleta. Assim, e com o evoluir deste conceito, o estudo da performance passou a preocupar-se com todos os aspectos que complementam o objecto de estudo e não só aqueles que resultam e têm influências no material sonoro: a interligação entre o momento de performance e o seu contexto (Melodis: 1966). Como explica Gerard Béhague (1984), a performance deve colocar o som musical no contexto da sua prática, não só do evento, mas também do processo. Para Béhague o ideal para estudar a performance musical como um evento e um processo, bem como a prática performativa que daí resulte, deve concentrar-se no momento musical e no comportamento extra – musical dos participantes (Seeger: 1987). As regras condicionantes da performance são definidas por cada comunidade em questão para um momento ou ocasião específicas. Para além disso é importante ter em conta o comportamento musical e o não musical dos performers e dos seus receptores / audiência, e como consequência a interacção social que daí vemos resultar. O estudo de Abrahams e Bauman enfatizava a atenção aos comportamentos e a “interacção social” dos participantes envolvidos na performance (Béhague: 1984). Com isto, a análise da performance como principal fonte de estudo resulta numa forma de abordar o objecto de estudo mais amplamente, uma vez que não abordo as Romarias Quaresmais de São Miguel apenas na perspectiva do seu som.

O conceito de ritual é muito utilizado para o discurso sobre as romarias; é preciso salvaguardar, neste momento, a definição ao abrigo da qual será, ao longo deste trabalho, utilizada esta palavra. Assim, ritual é abordado no seu conceito émico, e não necessariamente além disso. Ritual, visto no contexto das Romarias, representa uma prática religiosa, com regras bem definidas e reconhecidas por todos aqueles que praticam esta tradição. Não querendo excluir de todo as possibilidades do conceito no estudo etnomusicológico, neste trabalho optei por não lhe dar outra dimensão para além do seu conceito émico.

Quando decidi observar as Romarias no seu contexto de performance, muito rapidamente me deparei com o problema do género, principalmente quando da execução do trabalho no campo (Babiracki: 2008). A verdade é que o “interveniente” visível deste ritual é masculino. Apesar de algumas excepções que aconteceram muito esporadicamente, como denota Ana Isabel Sousa (2006), este ritual não pode ser participado por mulheres. Assim decidi a força da tradição popular (Costa: 2008), e como tal, este é um dos problemas referidos no desenvolvimento do meu trabalho. O estudo de género deve ser tido em conta no momento da prática performativa, e do lugar que as mulheres desempenham na tradição das romarias. Indubitavelmente o género deve ser visto no papel do investigador, no relacionamento que desenvolve no campo com os seus informantes e na forma de escrever os dados recolhidos (Babiracki: 2008).

É também importante destacar as Romarias Quaresmais de São Miguel no seio das demais Romarias que existem em Portugal. Apesar da actividade da romaria sempre ter feito parte da vida quotidiana, mantêm sempre parte da sua actividade no plano lúdico (Oliveira:1984). Em São Miguel as romarias são na sua totalidade religiosas, e ainda assim, no que diz respeito a este plano, são exclusivas e diferenciadas da caracterização feita por Veiga de Oliveira. “As Romarias são fundamentalmente celebrações religiosas em honra de qualquer santo ou invocação divina, patronos de uma localidade ou de um santuário, compreendendo missa de festa com sermão e prática, e, as mais das vezes, procissão, que tem lugar no seu dia e nesse santuário, duplicadas de uma festa profana característica, em que coexistem elementos de todas as espécies, religiosos e profanos, cristãos e mágicos, cerimoniais e festivos, num caleidoscópio extremamente variado e complexo.”² Segundo Câmara Cascudo, “romarias” são: “centros de interesse folclórico pela variedade de elementos convergentes, danças, cantos, alimentos, indumentária, sincretismo religioso, sobrevivências de costumes que encontram nesses momentos clima favorável à exteriorização normal.” (Câmara: 1984). A descrição inserida no livro que também trata as Romarias e Festividades Cíclicas de Portugal, concentra em si, quase todas as diferenças que existem entre as Romarias em São Miguel e as restantes estudadas no livro de Ernesto Veiga de Oliveira. O peditório que, regra geral, precede as romarias não é um factor constituinte das romarias na ilha de São Miguel, porque este peditório é feito essencialmente pela comissão que tem a seu cargo a organização das festas, que no caso das romarias em estudo neste trabalho não existem. O carácter festivo não existe nas Romarias Quaresmais de São Miguel. Se noutros

² Ernesto Veiga de Oliveira, in *Festividades Cíclicas em Portugal*. 1984: 217.

momentos de romaria em Portugal Continental existem mostras de artesanato, mostras de costumes e da sua cultura, no caso das Romarias em São Miguel a mostra que existe é a própria romaria em si. Não se tratando necessariamente de um foco de divulgação / atracção turística, são algumas as pessoas que regressam ou visitam pela primeira vez a ilha de São Miguel para assistir e, por vezes, participar nas romarias. No entanto encontro um paralelo entre todas elas, “O pagamento ou cumprimento de promessas é um dos aspectos mais importantes e sugestivos das romarias, que se articula no sentido religioso da festa.” (Oliveira: 1984) O ponto onde surge a diferença é que para os Romeiros micaelenses, o sentido religioso é o único que existe na sua romaria. “Além dos aspectos religiosos, a romaria define-se (...) por um painel lúdico, que coexiste indissociavelmente com esses aspectos, e é igualmente fundamental, e que se actualiza plenamente, para os romeiros, findas as devoções e promessas” (Oliveira: 1984). Este será o ponto primordial da diferença. É quase certo que o termo romaria signifique em parte festa, o que não acontece nas Romarias de São Miguel. A Romaria tem a duração de oito dias, e durante todo o tempo, os romeiros em peregrinação, estão a cumprir a sua promessa em oração cantada em torno de toda a ilha. Este é o único patamar da romaria micaelense: o plano religioso (Oliveira: 1984). Como explica Bettencourt da Câmara (1984) a intenção penitencial destas Romarias é o factor que as determina, e nelas não transparece nenhum sinal lúdico.

1.2 Metodologia

Para elaborar este trabalho foi necessário definir prioridades para executar toda a pesquisa em busca da informação e conhecimento sobre as Romarias Quaresmais de São Miguel. A metodologia planeada cruzou a pesquisa e a investigação documental com o método etnográfico. Para lançar o trabalho numa primeira fase foi importante a pesquisa em biblioteca e arquivo em torno de registos e periódicos sobre o tema e bibliografia publicada em torno do mesmo. A investigação histórica conferiu-me os alicerces para percorrer o caminho para o trabalho de campo junto dos diversos ranchos de Romeiros. Para completar o trabalho de pesquisa junto às fontes históricas das diversas freguesias, foi necessário travar conhecimento com o maior número de ranchos de Romeiros possível, e, ao longo deste processo, concretizar então a amostra a utilizar para o trabalho no terreno. Na busca constante de repertório musical, no decorrer da fase de trabalho de investigação, a transcrição musical, e posteriormente a análise musical, constituiu uma ferramenta fundamental para a elaboração da dissertação de Mestrado. No entanto, e não descurando a importância da transcrição, esta nunca deve ser considerada como um fim, mas sim como uma ferramenta que levante questões (Seeger: 1987). Numa transcrição existem sempre problemas que não podem ser ilustrados (Seeger: 1987).

Numa segunda e complementar fase do trabalho primário foi levado a cabo um exaustivo trabalho de campo, tendo como principal meio de trabalho a observação participante. Sendo que a integração num rancho é impraticável (principalmente por questões relacionadas com o género) fui criando outras formas para a recolha da informação necessária. A entrevista foi o método que me permitiu recolher testemunhos e impressões pessoais sobre os homens Romeiros, bem como de todos aqueles que, ao girar em torno desta tradição religiosa, a tornam possível e visível. A par deste método foram construídos registos áudio e vídeo dos momentos da romaria, quer seja da preparação, da celebração, caminhada e até mesmo convívio. Tal como em Seeger (1987) chegou o momento em que também eu, enquanto investigadora, me senti avaliada e observada. À medida que desenvolvi uma relação de proximidade com os homens Romeiros, senti que a não era a única a trocar informação. Lembro-me de me perguntarem se eu iria escrever um livro. É necessário compreender que um relacionamento funciona nos dois sentidos: tal como eu queria informação, os romeiros também se interessavam em saber da pertinência e mais valia do meu estudo. Foi a etnomusicologia que me trouxe, por fim, a possibilidade de ultrapassar a barreira de distância

do investigador / investigado. Foi a preocupação musical, que em primeiro plano conduz a minha tese, que fez render os romeiros ao ponto de me darem a honra de me chamar Irmã.³ Escreveu Seeger (1987) que todos os investigadores devem estar preparados para serem questionados sobre a utilidade do seu projecto, e que parte do tempo do investigador deve ser dispensado para ir ao encontro dos desejos da comunidade que estudamos (Seeger: 1987). Como tal, usando este princípio para o meu trabalho de mestrado, procuro servir o movimento que engloba todos os Romeiros de São Miguel para que esta tradição seja devidamente registada, principalmente no que diz respeito à sua música.

³ A palavra Irmão, no contexto das Romarias, é a forma fraterna como os Romeiros se tratam entre si, criando assim uma designação igual entre todos eles.

Capítulo I.

1. Contextualização histórica e geográfica.

1.1 O culto eclesiástico: implantação da Igreja e a criação das misericórdias

No que diz respeito às ilhas dos Açores, todo o comportamento religioso e todas as diversas manifestações religiosas são resultado de diferentes factores, sendo de destacar, na minha opinião, três deles: a orientação religiosa trazida do reino, a situação geográfica da insularidade e a actividade vulcânica. Três factores capazes de moldar as características do povo açoriano (Costa: 2008). Vivendo em contexto de isolamento e em confronto com os fenómenos geológicos e muitas vezes alvo de pirataria, com o tempo, criou-se o perfil do micaelense. (Pinto: 2008). Isto reflecte-se de modo particular, na sua religiosidade. (Pinto: 2008).

Paralelamente à descoberta e povoamento das Ilhas do arquipélago dos Açores dá-se a evangelização das mesmas. No caso específico de S. Miguel, entregue em primeiro lugar ao Infante D. Henrique, cuja administração militar da Ordem de Cristo se encontrava sob sua responsabilidade, e em segundo lugar pelas mãos de Gonçalo Velloso Cabral, nomeado responsável das ilhas do Grupo Oriental do mesmo arquipélago. Como explica Frutuoso no Livro IV das *Saudades da Terra*: “Era Gonçalo Velloso, o famoso comendador de Almourol e primeiro Capitão que foi da ilha de Santa Maria e desta de S. Miguel (...)”⁴ Por isso, o desenvolvimento e criação das primeiras estruturas religiosas é feito sob a influência da Ordem de Cristo. Entre as funções dos cavaleiros desta ordem, estavam a sacramento dos templos, administração de sacramentos e a observação de atitudes e comportamentos seculares e religiosos. Por outro lado, cabia à Ordem de Cristo a construção e, seguidamente, conservação, de igrejas e templos, bem como os respectivos recursos humanos necessários para o bom funcionamento dos mesmos. A religiosidade micaelense do século XVI já se encontra bastante instituída, e é possível avaliar pelo número de lugares de culto já existentes na ilha. Neste século, já existiam 138 lugares destinados ao culto, muitos deles construídos pela Ordem de Cristo, outros lugares, como ermidas ou capelas eram cerca de 35. (Pinto: 2008).

⁴ Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra* – Livro IV.

No entanto, o plano religioso da ilha não se encontrava entregue somente à acção da hierarquia secular. As misericórdias e confrarias têm um papel de extrema importância no cuidado com os fiéis, tanto no decorrer da vida, como na morte. Já no final do século XVI todo o arquipélago contava com onze misericórdias, sendo que três destas se encontravam na ilha de São Miguel, mais especificamente em Ponta Delgada, Ribeira Grande e Vila Franca do Campo. A principal característica destas irmandades mostra-se no seu trabalho solidário, ou seja, a caridade, atitude que se quer típica de um bom cristão. A faceta de solidariedade aqui referida é um dos valores ainda levados a cabo pelos grupos de romeiros da ilha de São Miguel. As confrarias do tipo devocional eram as que se destacavam: por exemplo, as dedicadas a Nossa Senhora do Rosário. Segundo Gaspar Frutuoso (1998) e Agostinho de Monte Alverne (1994) as confrarias de Nossa Senhora do Rosário encontram-se directamente relacionadas com as procissões que, segundo sustenta a tradição oral na ilha de São Miguel, evoluíram para o que conhecemos nos nossos dias por Romarias Quaresmais,⁵ a partir das procissões penitenciais pelos terramotos do século XVI. Nas palavras do cronista Gaspar Frutuoso, a confraria de Ponta Delgada era “bóia que sustenta em peso toda esta ilha, para que não vá ao fundo (...)” (1998).

Na verdade, a formação em confraria é uma das iniciativas mais comuns na história das peregrinações cristãs (Pinto: 2008). Era costume reagrupar os peregrinos de acordo com os santos da sua devoção, principalmente a partir do século XII. A actividade destas confrarias justificava-se na assistência e ajuda aos confrades e peregrinos e na organização de celebrações de festa em honra do seu santo patrono, principalmente na sua festa anual (Pinto: 2008).

Para além da influência da Ordem de Cristo e da actividade das misericórdias, que, segundo Susana Goulart Costa, “(...) a Igreja registava com desagrado(...)” (2008), a ilha do Arco assiste a um novo patamar na vivência religiosa/ penitencial da população; destacando-se, portanto, as designadas nos nossos dias por Romarias Quaresmais (procissões marianas a que me dedico neste trabalho) bem como o culto ao Espírito Santo.

⁵ Gaspar Frutuoso: *Saudades da Terra- Livro IV*, 1998 “Fez também o pregador fazer um voto a todos irem a esta casa do Rosário com procissão, todas as quarta-feiras, e dizerem uma missa, que ao seu dia dizem, e que há confraria, em memória daquela quarta-feira, triste dia, indo ali procissões de noite ou de madrugada, o que se cumpriu sempre (...)”

1.2 O culto popular: Romarias

Durante a Quaresma, na ilha de São Miguel, Grupos de Homens atravessam a ilha cantando Avé - Marias. São as Romarias Quaresmais de São Miguel, manifestação religiosa que emana e se sustenta na população e que se distingue por se tratar de um percurso em torno de toda a ilha. Paralelamente à liturgia oficial católica, o povo micalense manteve a sua própria liturgia (Bettencourt: 1984). Em São Miguel convivem até hoje dois tipos de demonstrações de religiosidade: um institucional, dirigido pela hierarquia da Igreja, o outro, popular: as Romarias e o culto ao Espírito Santo.

A origem destas romarias parece estar relacionada com os fenómenos sísmicos que soterraram quase por completo Vila Franca do Campo, que na altura em que ocorreram era a principal cidade da Ilha de São Miguel. Assim se encontra documentado no preâmbulo do actual Regulamento dos Romeiros de São Miguel: “As Romarias, cuja prática foi e ainda é conhecida por *Visitas às Casas de Nossa Senhora*, tiveram como causa remota, como é da tradição, as calamidades públicas que ocorreram com os terramotos e erupções vulcânicas de 22 de Outubro e 25 de Junho de 1563, que arrasaram Vila Franca do Campo e prejudicaram gravemente a Ribeira Grande.”⁶ A origem das Romarias também se encontra documentada em fontes históricas seicentistas, como é o caso das *Saudades da Terra* do cronista Gaspar Frutuoso. Após uma descrição exaustiva das calamidades ocorridas diz: “A Deus, que mandou este castigo, prometeram os povos desta ilha, fazerem procissões no tal dia, cada ano, como sempre fazem.”⁷ Da obra do autor falecido em 1679, António Mendes Arouca, ficou, entre nós, apenas o título: *Peregrinação que costumam fazer os moradores da Ilha de São Miguel visitando as Igrejas de Nossa Senhora* (Bettencourt: 1984). Ao contrário das medievais procissões feitas por penitência referidas pelo historiador Gaspar Frutuoso, este título é mais específico, e explica, o porquê de ainda hoje as Romarias Quaresmais de São Miguel serem designadas por *Visitas às Casas de Nossa Senhora* (Bettencourt: 1984). As Romarias Quaresmais são portanto, um reflexo destas procissões de penitência, uma das formas mais comuns das populações se auto castigarem pelos pecados cometidos. (Pinto: 2008).

⁶ Preâmbulo, in *Regulamento dos Romeiros de São Miguel*, Diocese de Angra, 2003.

⁷ Frutuoso, Gaspar; *Saudades da Terra- Livro IV*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

Nas *Crónicas de São João Baptista e das Ilhas dos Açores* de Frei Agostinho de Monte Alverne, fonte histórica do século XVII, também se encontram referências aos terramotos e ao surgimento das peregrinações que hoje chamamos de Romarias: “ O padre (...) ordenou duas coisas que logo fizeram. Foi a primeira tomarem por advogada da ilha a Virgem Santíssima do Rosário e fazendo-lhe uma casa (...) na Alagoa se fez outra, que é freguesia; na Ribeira Grande se fez outra (...) na Lomba da Maia se fez outra, que tem princípio de ser freguesia. Foi a segunda fazerem voto de todas as quartas – feiras acudirem a ela em procissão”.⁸

De acordo com esta interpretação, a partir do séc. XVI o povo da ilha de São Miguel assumiu o compromisso de organizar procissões em homenagem à Mãe de Jesus. Foi a força da tradição popular que se encarregou de manter viva, até aos nossos dias, esses costumes, com hábitos muito próprios e em tempo bem definido: a Quaresma penitencial. Possivelmente, a época da Quaresma terá sido escolhida para a concretização das Romarias, por se tratar da quadra mais propícia à penitência e em que os trabalhos agrícolas exigem menos esforço. (Coutinho: 2006).

Uma fonte histórica (do século XIX/XX) mais próxima dos nossos dias encontra-se no jornal *A Persuasão*, de Francisco Maria Supico, na sua *Escavação* de 1896. Pela descrição feita sobre a tradição das Romarias, já me parece que no final do século XIX se encontravam organizadas e estipuladas de forma muito semelhante ao que assistimos nos nossos dias. Escusado será, parece-me, excluir a evolução, pois creio-a necessária para a manutenção de qualquer uma tradição, sendo que as romarias não são excepção. “Ainda subsiste no nosso povo o costume das romagens quaresmais”.⁹ E continua “(...) houve uma mais falada, há vinte anos, com mais de 200, saída de Rabo de Peixe, de que foi Mestre Manuel Bento de Faria(...)”.

No dia 30 de Abril do ano de 1835, foi publicada uma proibição das peregrinações pelo mando do Perfeito de Distrito. Existia a suposição de que os Romeiros transportavam em si a peste e por isso eram apedrejados à sua passagem (Coutinho: 2006). Ultrapassando todas as adversidades que se lhe apresentaram, como também foi o caso do anticlericalismo fruto do Governo Provisório da Primeira República (1911-1918)¹⁰ e a proibição de ultrapassar

⁸ Frei Agostinho de Monte Alverne; *Crónicas da província de São João Baptista Evangelista das Ilhas dos Açores* – Vol. II, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1994.

⁹ Francisco Maria Supico; *Escavações* – Volume I, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995, pág. 58.

¹⁰ Agostinho Pinto; *Uma singular peregrinação cristã- Romarias Quaresmais da Ilha de São Miguel*, ECCE- Ponta Delgada, 2008, p. 63.

povoações cantando. Também o ditador Salazar tentou pôr fim às Romarias, principalmente devido à convivência de pessoas de condições sócio-económicas diferentes (Coutinho: 2006). A verdade é que tudo isto passou, e ainda hoje, na Ilha, é possível escutar, durante a Quaresma, o canto cadenciado e dolente da Avé - Maria dos Romeiros.

Por se tratar de uma ilha, logo, de um lugar fechado sobre si mesmo, e como a peregrinação tem o mesmo lugar de partida e de chegada, os ranchos fazem a romaria em torno da ilha, mantendo o mar à sua esquerda, ou seja, um percurso circular que percorre todas as localidades de São Miguel. Nos dias de hoje, um rancho de romeiros usa diversos tipos de trajectos: tanto podem utilizar estradas principais e secundárias, como percursos / roteiros pedestres. Ainda hoje há caminhos pedestres na ilha que se chamam os “caminhos dos Romeiros”. O lugar de partida e chegada é designado pela freguesia de onde pretence cada rancho, assim, por exemplo o rancho de Santa Clara tem como lugar de partida e chegada a igreja da sua freguesia que tem o mesmo nome do rancho: igreja de Santa Clara. O patrono da freguesia será, por regra, o patrono de cada um dos diferentes ranchos.

Apesar de serem sempre descritas como caminhadas, a própria evolução e desenvolvimento rodoviário da ilha sujeitou os ranchos a adaptarem-se e utilizarem novas opções de percurso. Segundo Gaspar Frutuoso (1998), São Miguel era constituído por: uma cidade, cinco vilas, vinte e dois lugares ou aldeias e trinta freguesias (Frutuoso: 1998). Nos dias que correm a ilha concentra: três cidades, quatro vilas e mais de sessenta freguesias. As Romarias tiveram, pois, que adaptar-se a esta nova realidade e ao evoluir da mesma.

É difícil apurar, ao certo, quando começaram as romarias a ter a duração de uma semana. No livro IV das *Saudades da Terra* do já referido Gaspar Frutuoso, a procissão que parece ter dado origem à tradição da Quaresma micaelense, é concretizada apenas num dia da semana, uma quarta-feira, lembrando, assim, o mesmo dia em que se deu a catástrofe (Frutuoso:1998).

Com todas as evoluções que sofreu o circuito destas Romarias Quaresmais de São Miguel, certamente causado pela evolução rodoviária da ilha, nos nossos dias são feitas em torno da ilha (respeitando o sentido dos ponteiros do relógio), num período de 8 dias (de sábado a sábado), rezando em todas as localidades de São Miguel e visitando o maior número possível de igrejas e ermidas com altar mariano.

2. Os Romeiros de São Miguel.

A ideia de peregrinação significa “andar pelos campos”, fora das povoações, longe das rotinas da vida do quotidiano, e está relacionado a todo um fenómeno religioso (Coutinho: 2006). Se nos dias de hoje a palavra peregrinação se encontra intimamente ligada à religião, a verdade é que nem sempre foi assim, e a palavra já existia antes da prática (Pinto: 2008). Mais do que isso, a peregrinação é uma necessidade do ser humano na procura da sua transcendência (Pinto: 2008). Com diferenças muito próprias é possível encontrar esta necessidade de peregrinação em diferentes religiões: o islamita que peregrina a Meca, o hindu que faz peregrinações até ao rio sagrado e no budismo que acredita que a forma de alcançar a perfeição passa também pela peregrinação (Pinto: 2008). No cristianismo existia o costume de visitar em peregrinação os Lugares Santos da Palestina, ligados à vida de Cristo. No entanto, uma peregrinação não é algo característico da religião católica (crença na qual se alojam as Romarias Quaresmais de São Miguel) e é possível de se encontrar noutros cultos religiosos. Aquando da ocupação da Terra Santa, tornou-se impossível esse tipo de peregrinação, e por essa razão começaram a realizar-se peregrinações a Roma, com o nome de “Romarias” (Coutinho: 2006). Desde sempre as peregrinações têm marcado o seu lugar, por exemplo no que diz respeito ao culto mariano, aquele que mais peregrinos atrai, e que também é o caso estudado neste trabalho. A peregrinação é uma das formas que o Homem encontra para se relacionar com Deus. (Pereira: 2003)

“Denominam-se Romeiros de São Miguel os grupos de católicos que, organizados em ranchos por localidades, se propõem visitar, durante o Tempo da Quaresma, o maior número de Igrejas e Ermidas da Ilha de São Miguel, cantando e rezando em todo o percurso.”

Regulamento dos Romeiros de São Miguel, capítulo I, secção I art.º 1º.

Normalmente associamos uma “romaria” à ideia de uma festa. Noutros locais de Portugal as romarias são sinónimo de momento de festa, uma celebração em honra de um determinado santo, da qual fazem parte a dança, o canto, entre outros aspectos festivos. Para além disso, em Portugal, uma peregrinação pode ter diferentes pontos de partida (tantos quantas as origens dos peregrinos); mas tem um só destino e local de oração.

Se por um lado, o canto faz parte fundamental da vida desta Romaria, o mesmo não se pode afirmar dos restantes factores que integram uma festa. Ao que consegui apurar, na interacção com alguns romeiros para a concretização deste trabalho, nenhum deles enfrenta este período como um momento de penitência. O romeiro Renato Pereira do Rancho de Romeiros das Sete Cidades, disse-me: “Ana, aquela é a melhor semana.”¹¹ Todos o apontam como extenuante, mas nunca como um sacrifício. Apesar da sua natureza penitencial, não será esse o principal factor que conduz aquela pequena sociedade de Romeiros na semana em que partilham juntos a caminhada, bem como a sua preparação.

Estes ranchos de Romeiros, vivendo apenas uns com o outros no decorrer de uma semana, e de modo a que este núcleo funcione, encontram-se organizados numa hierarquia, em que cada um desempenha uma tarefa que tem em vista o bom funcionamento de todo o grupo. Vive-se e mostra-se um sentimento colectivo, uma experiência tida em comunidade. Estas funções desempenhadas pelos membros do grupo levam a uma crescente interdependência uns com os outros. Assim, cada elemento pertencente a esta estrutura hierárquica define-se pelas funções desempenhadas relativamente ao grupo.

Tal como se encontra estipulado no *Regulamento dos Romeiros de São Miguel*; “Cada Rancho de Romeiros terá: Mestre, Contramestre, Procurador de Almas, Lembrador de Almas, dois Guias e dois ou mais Ajudantes.” No topo desta hierarquia encontra-se o Mestre, responsável pelo grupo, que exerce autoridade sobre o mesmo e prevê o bom funcionamento no decorrer de cada dia. Logo em seguida encontra-se o Contra – Mestre, que auxilia, em primeiro lugar, o Mestre e que o substitui quando este não pode estar presente. Segue-se o Procurador de Almas, nomeado pelo Mestre, que recebe as orações pedidas pelos populares e que depois deverão ser rezadas pelo Rancho. Para abordar o Procurador a pergunta que se ouve é: “Oh Irmão quantos vão?”. Quem fizer o pedido de oração ficará encarregue de rezar tantas orações quantos os Irmãos que estão no Rancho. Regra geral, são pedidas Avé-Marias, assim sendo, a pessoa que fizer o pedido, fica encarregue de rezar o mesmo número de Avé - Marias quantos irmãos estiverem no Rancho, ou seja, se um Rancho tiver setenta e oito irmãos, a pessoa que fez o pedido, terá de rezar setenta e oito Avé - Marias. No entanto, em alguns casos, há populares que abordam o rancho e pedem um terço, neste caso ficarão encarregues de rezar 78 terços. Todas estas orações pedidas são registadas num dos 3 terços que traz o Procurador, e serão, descontadas nos terços rezados em casa final do dia. Nos casos

¹¹ Entrevista de trabalho de campo realizada com o lembrador das almas do Rancho das Sete Cidades, Renato Pereira, em Maio de 2007.

de maior afluência ao rancho, o Mestre poderá designar um dos seus Ajudantes para colaborar com o Procurador. O cargo que se segue nesta hierarquia pertence ao Lembrador de Almas, que, também nomeado pelo Mestre, é quem lembra ao Rancho a intenção da Avé – Maria que se reza. Geralmente, o Lembrador das Almas levanta uma Salva nos diferentes cemitérios por onde passa o rancho. São, portanto, estas almas, aquelas que não têm quem se lembre delas. Seguem-se os Guias, que tal como os dois cargos anteriores, são escolhidos pelo Mestre, e que “(...) conduzem o Rancho pelo itinerário previamente traçado.(...)” também explicado no capítulo I, secção II, subsecção III, art.º 12 do *Regulamento dos Romeiros de São Miguel*. Os Ajudantes auxiliam o Mestre nas Orações feitas nos templos, ou seja, na celebração diária das eucaristias, nas Orações comunitárias do rancho (por exemplo antes e depois de uma refeição) a coordenar as refeições e a cooperar com as situações imprevistas que possam suceder no decorrer da caminhada.

Também no que diz respeito à sua posição durante as quase três centenas de quilómetros da caminhada, os Romeiros seguem uma hierarquia rígida, paralela ao posto que ocupam dentro do grupo. O rancho desloca-se em duas filas paralelas, sendo que, na frente de cada uma destas se encontra um guia. Também na frente, mas entre as duas filas, caminha o Romeiro mais novo do grupo, ou um dos mais novos, que transporta o crucifixo.



Figura 1: Rancho de Romeiros de Santa Clara em Caminhada

Estas duas filas laterais são preenchidas pelos restantes Irmãos do grupo que, muitas vezes, ocupam sempre a mesma posição durante toda a caminhada. Na fila central encontram-se as outras quatro figuras referidas anteriormente, o Mestre, o Contra – Mestre, o Procurador de Almas e o Lembrador de Almas. A localização deste último é a mais favorável ao cumprimento das suas funções, em primeiro lugar, porque se encontra próximo do Procurador das Almas e, em segundo, porque fica em contacto com os populares que intercedem com o mesmo, pedindo-lhes as suas orações. À parte das duas filas paralelas que se matém sempre visíveis, e do romeiro que transporta o crucifixo, todos os outros cargos designados anteriormente, podem e, normalmente circulam por todo o rancho.

Cada rancho sai em caminhada numa das semanas do tempo da Quaresma, sendo que o primeiro rancho deverá sair no fim-de-semana seguinte à quarta-feira de Cinzas, mais especificamente no primeiro sábado da Quaresma, e o último rancho deverá entrar na sua localidade no sábado seguinte à quinta-feira Santa, realizando um percurso que é sempre feito no sentido dos ponteiros do relógio, e por isso, o mar encontrar-se-á, por regra, à esquerda do rancho. Devido ao elevado número de ranchos que se encontra presentemente na ilha do Arco, acontece que quatro ranchos estão programados para sair na quinta-feira e regressar a casa na quinta-feira seguinte, ou seja, no dia antes à sexta-feira santa. Nos últimos 3 anos, coube este lugar aos ranchos de Rabo de Peixe (com cerca de cem homens), Pico da Pedra e Rosário da Lagoa.

Outro momento específico da caminhada acontece quando o rancho forma em filas de quatro para rezar um terço em conjunto. Este terço é rezado por antecipação, ou seja, pelas famílias que acolhem os romeiros durante a noite. Assim, quando os romeiros se vão deitar deixam aos donos da casa os seus terços já rezados, pelas intenções da família que os recolhe e acolhe.

Podemos encontrar, nas romarias, um certo revivalismo histórico, sendo que estas permitem recriar as peregrinações de outros tempos, pertencentes a uma ordem religiosa, nomeadamente no ritual de entrada nos templos para orar. Alguns Romeiros identificam-se com os antigos cavaleiros da Ordem de Cristo, que marcaram os primeiros anos do povoamento das Ilhas dos Açores. De facto, Arquipélago foi concedido como património da Ordem de Cristo ao seu Grão Mestre, Infante D. Henrique, em 1439. O seu povoamento, que se iniciou em 1444, foi entregue a Gonçalo Velho Cabral, cavaleiro e frade da Ordem de Cristo e senhor de Almourol. Nos dias de hoje o brasão dos Açores ostenta um balcão com a

cruz da Ordem de Cristo. (AAVV: 2008) Além disto a Romaria, na sua caminhada cristã, pode significar também um paralelo à caminhada da vida (Pereira: 2003) Através da caminhada o crente consegue tomar contacto com o transcendente através da sua presença física no lugar (ou lugares) sagrado /s.

No que diz respeito ao vestuário, os Romeiros também são obrigados a seguir determinadas regras. A verdade é que o significado interior da peregrinação costuma ser manifestado pelo exterior (Pinto: 2008). Por cima de uma qualquer roupa usada, o Romeiro veste um lenço de lã que se encontra dobrado em ponta, que pode ser usado ao pescoço ou a cobrir a cabeça, lenço este que estes homens nunca tiram. Também é obrigatório o uso de um xaile, de cor escura, que o Romeiro utiliza a cobrir os ombros. O perfil do peregrino cristão tem associado à sua imagem uma sacola e um bordão (Pinto: 2008). A bolsa é pequena e simboliza a pobreza e simplicidade do peregrino e a crença tanto no receber como no partilhar com o outro (Pinto: 2008). Também os Romeiros usam uma sacola (a cevadeira) e um bordão. O bordão é um dos acessórios mais visíveis. Na caminhada, é levado horizontalmente e sempre mantido do lado de dentro do rancho. É muito habitual vermos os Romeiros, em frente de uma qualquer Igreja, a fazer a sua reza apoiados sobre o seu bordão. Os bordões nunca entram na Igreja, são deixados do lado de fora e são cuidadosamente pousados para que fiquem paralelos uns aos outros, sem nunca se cruzarem. O bordão simboliza o amparo espiritual e moral do peregrino (Pinto: 2008). Um dos dois terços que possuem os Romeiros é usado na mão oposta à do bordão, ou seja, no lado de fora do grupo, e é aquele que utilizam para rezar, sendo que o outro é posto ao pescoço junto do lenço e do xaile. O terço que utilizam para rezar é aquele que à noite vão oferecer ao donos da casa de quem os acolhe. É o terço oferecido, já rezado, pelas intenções das famílias daquela casa. De manhã, quando acordam, voltam a trazer o terço consigo. Às costas, cada homem transporta a “cevadeira”, onde se guarda uma muda de roupa e comida para o caminho. Nos dias de hoje, muitos homens optam por usar uma mochila, em vez da cevadeira, por se tornar mais cómodo para a caminhada. São as suas insígnias que os romeiros associam simbolicamente aos últimos momentos da vida de Cristo: o xaile representa o manto colocado pelos Romanos nos ombros de Jesus; o bordão representa o ceptro - cana que Cristo trazia nas mãos; o lenço, a coroa de espinhos; a cevadeira representa a Cruz transportada nas suas costas (Coutinho: 2006). É assim que estas sociedades de Romeiros se organizam e se deslocam no decorrer de todo o período da quaresma em torno da Ilha de São Miguel.

Sendo o canto a forma verdadeiramente importante da celebração da vida em Romaria, este trabalho destina-se a compreender o uso das canções para estes homens. A forma como a música é vivida na preparação e nos caminhos percorridos pelos Romeiros, ou seja: Porque cantam os Romeiros.

Capítulo II

1. A criação e constituição dos Ranchos

Um rancho de romeiros deve ser constituído pelo número mínimo de irmãos de modo a perfazer todos os lugares hierárquicos a que as regras das romarias obrigam, ou seja: Mestre, Contra – Mestre, dois guias, Lembrador das Almas e Procurador das almas. Para além disso, deve também ter um número mínimo de irmãos que sustente o bom funcionamento do rancho. Nos últimos anos, em média, o número mínimo de irmãos a integrar o rancho foi de cerca de vinte. E o número máximo entre os cento e vinte e os cento e quarenta romeiros. Neste último caso, o rancho de romeiros de Rabo de Peixe, é o melhor exemplo, sendo que reúne sempre um número acima dos cem irmãos. Em alguns anos, o rancho desta freguesia chegou a integrar cerca de duzentos irmãos (Supico: 1995)

Heterogéneos nas profissões, ocupações, idades e até apesar de na sua maioria se identificarem na religião católica, são aceites no grupo outros irmãos cuja crença religiosa não se integre no catolicismo. Heterogéneos, mas todos sob o mesmo título: o de irmão. Se durante muito tempo as Romarias foram mais procuradas por pessoas dos campos, de certa idade e de com uma condição económica menos favorecida, a verdade é que isto já não corresponde à realidade do quotidiano (Pinto: 2008). Há uma grande afluência dos jovens à tradição das romarias. Segundo Agostinho Pinto (2008) cerca de sessenta a setenta por cento dos Romeiros são jovens.

A Romaria é, cada vez mais, uma organização laica, e os três factores representativos desta realidade são a comunidade paroquial, o grupo paroquial de romeiros e, por fim, o grupo coordenador das romarias. (Pinto:2008) O primeiro factor, comunidade paroquial, diz respeito ao lugar de onde se insere um rancho, não há portanto nenhum rancho que exista fora de uma paróquia. Todo e qualquer rancho tem o seu nome ligado à comunidade de onde vem, chama-se rancho de Santa Clara, rancho das Sete Cidades ou Rancho de Rabo de Peixe, tendo em conta o nome da paróquia ou freguesia onde se insere. O segundo factor, o grupo paroquial de romeiros, é uma realidade que ainda se encontra a dar os seus primeiros passos; no entanto, um dos grupos com quem mais trabalho realizei, o rancho de romeiros de Santa Clara, tem no seu grupo paroquial uma actividade solidária já muito enraizada. Como me explicou em conversa o Padre José Paulo do Rancho de Santa Clara: “(...) desde há dois anos que nós

temos o chamado Grupo Paroquial, que é no fundo o braço do rancho de Santa Clara para que os romeiros se empenhem portanto nas actividades da comunidade, tais como procissões, tais como festas de Santa Clara, acções sócio caritativas, mensalmente o rancho de romeiros faz quatro ou cinco cabazes, ricos cabazes para dar às populações(...)”. Além disto, é um factor que já figura no novo regulamento dos romeiros de São Miguel. O terceiro factor, o grupo coordenador dos Romeiros de São Miguel, será, talvez o mais importante e o que mais sustenta os Romeiros da ilha como uma organização independente. Este grupo conta com cinco romeiros considerados entre os mais experientes na ilha e nomeados pelo Ordinário da diocese, que têm como função principal a gestão do Movimento de Romeiros de São Miguel; gerem as actividades, coordenam o diálogo entre os diferentes mestres, são os responsáveis pela calendarização das saídas dos diferentes ranchos bem como das suas pernoitas nas diversas freguesias. São também responsáveis por gerir o *site* do Movimento de Romeiros de São Miguel, lugar ao dispor de todos os interessados que se queiram inteirar sobre o calendário das romarias (mrsm.webnode.pt).

Para compreender a criação de um rancho e como consequência escrever este capítulo, serviu-me principalmente de referência a entrevista feita ao Padre José Paulo, irmão romeiro do Rancho de Santa Clara desde a sua fundação e pároco da freguesia com o mesmo nome. Responsável pela fundação do rancho, como me explicou, “(...) mas na medida em que fui eu que lancei a ideia, no entanto os responsáveis foram os cerca de 30 irmãos que há 10 anos atrás quiseram, como eu, que Santa Clara tivesse um rancho (...) correspondeu a um desejo (...)”. Segundo o Padre José Paulo, o Rancho de Santa Clara trouxe à cidade de Ponta Delgada a vontade e como consequência o surgimento de outros ranchos, como são exemplo o Rancho de romeiros em São José e na Matriz da mesma cidade. O primeiro passo foi convidar um mestre, um homem magnífico e bom, muito admirado pela população, o Irmão Manuel Pacheco. Actualmente já não é o Irmão Mestre no rancho de Santa Clara, sendo que quem ocupa o cargo é o Irmão José Maria, anteriormente contra-mestre. “Eu escolhi em primeiro lugar porque o Mestre, no caso do Manuel Pacheco que é paroquiano aqui de Santa Clara, portanto, mora no Ramalho, na rua direita do Ramalho e não deixou de estar ligado à sua terra natal que são as Feteiras, mas já mora aqui em Santa Clara há trinta anos. Portanto, acho que ele passa mais tempo aqui em Santa Clara do que nas Feteiras; portanto, seria contraditório também se ele não desse a cara por um projecto de uma romaria aqui em Santa Clara. Até porque ele estava nas Feteiras e não era Mestre nas Feteiras. Tinha sido noutro tempo e tinha passado o mando para o irmão mais novo. As Feteiras é uma Romaria já muito amadurecida,

uma Romaria que tem para aí sessenta anos ou setenta anos, portanto no rancho existem oradores q.b., dois ou três mestres que já foram, contra-mestres com fartura, um que já foi que já é que já tornou a ser porque já saiu e porque já entrou, portanto tem um naipe de irmãos que nós aqui na altura não teríamos; então ele apenas ía na Romaria das Feteiras porque tinha lá parte da família, e o meu desafio foi convidá-lo (...).”

Sendo que a parte fundamental nas Romarias é o canto, tentei compreender até onde iria a consciência musical na formação de um rancho. À primeira vista, compreendi que o ensaio musical é tão importante na preparação como a evangelização, sendo que grande parte das reuniões são ensaios musicais, como se de um gupo coral se tratasse. Não me impressionou, portanto, quando o resultado musical que tive o gosto de escutar foi tão bem conseguido. Perguntei então ao Irmão Padre José Paulo: “Vocês têm empenho musical?! E eu pergunto isso porque: cantam bem, muito raramente cantam a uma voz só – tem sempre duas vozes. Alguém ensina isso, porque nem toda a gente que está aqui sabe música e não querendo destacar nenhum dos Irmãos, mas isso é uma pergunta que eu tenho de fazer, o facto de ter um membro do grupo que escreve música, que escreve muito bem música (...) isso tem influência, isso faz com que vocês todos tenham cuidados musicais e influências musicais?” A resposta do Padre José Paulo foi: “É um dom ter-se o Aníbal, acho que é uma mais valia, como agora se diz, e é um dom de Deus ter-se alguém como o Aníbal. Porque é um poeta, porque é alguém que respira Açores, respira a ilha e tem um poeta, tem uma visão, tem uma atenção aos sons às aves, à natureza, basta ir ao lado dele, ele este ano foi um bocado ao meu lado e estava atendo e apercebi-me disso (...) ele é uma boa voz, mas a afinação não depende só dele, a afinação depende do mestre, um Homem que também está ligado a grupos corais. Eu creio que é importante nós fazermos o segundo termo de comparação. Eu creio que existem dois ranchos aqui na ilha que estão no mesmo patamar, o rancho da Conceição da Ribeira Grande e o rancho de Santa Clara. Portanto, não sei se já ouviste o rancho da Conceição da Ribeira Grande.” Mais do que a importância de um membro activo no ramo musical, foi a escolha de um Mestre que igualmente tivesse instrução musical, e que com esta sua faceta motivasse musicalmente o rancho de Santa Clara. Por isso, referindo-se ao Irmão Mestre me explicou que “ (...) é um homem muito bom, cheio de qualidades humanas, tem uma voz excepcional e ele assume a liderança do rancho (...)” No entanto, não é de todo imperativo que um bom Mestre seja um bom cantor, deve mesmo é ser um bom líder – explicou-me o Padre José Paulo.

Se por um lado a caminhada da Romaria está assegurada pelo canto da Avé – Maria, os restantes momentos pautados pelo canto estão, ao que parece, em constante mudança. O repertório musical pode ser sugerido por qualquer membro do rancho, e todos os anos é notório que existem canções novas no rol a ser apresentado. Mas o repertório que pretendo destacar aqui, é aquele que é escrito propositadamente para os romeiros. No caso do rancho de Santa Clara, o Irmão Anibal Raposo, músico amador, é responsável por escrever todos os anos, pelo menos uma música para o seu rancho; no entanto não fica por aí, ou seja, não fica pelo seu rancho. Passado algum tempo é possível ouvir estas músicas cantadas por outros ranchos. Aqui são colocados dois exemplos deste Irmão Romeiro compositor, dois tipos de canção e com características muito distintas. A primeira canção aqui transcrita é uma marcha, o segundo exemplo é uma oração (Avé – Maria) entoada de forma responsorial.



Dos teus san tos ca mi - nhos m'a - chas te trans vi

3

a do sem o teu a mor só tu sa - bes por que me cha

6

mas te a qui estou pe re gri no Se nhor

*Caminhando vou nesta jornada.
Com a fé que em mim renasceu
Cada flor que abre a beira da estrada.
Bendiz alto o teu nome Deus meu.*

*Cada ave ao romper da manhã.
 No caminho canta em Teu louvor.
 No perfume a incenso e hortelã
 Sinto a Tua presença Senhor.*

*Virgem santa sejas a primeira.
 A pedir por nós todos a Deus.
 Santa Clara nossa padroeira.
 Interceda por nós lá nos céus.*

A qui che - ga-mos Se nhor ó mãe dos céus À vos

sa san ta mo rada luz da vi da ro gai por nós nes ta ho ra mãe de

Deus Gui a nos sa ca mi nha da luz da

vi da Gui a nos sa ca mi nha da Mãe que ri da

2ª Quadra

Orador: *Ouvi a nossa oração*
 Rancho: *Oh Mãe dos Céus*
 Orador: *Atendei nossos clamores*
 Rancho: *Luz da Vida*
 Orador: *Lançai-nos a vossa luz*

Rancho: *Mãe de Deus*
Orador: *Rogai por nós pecadores*
Rancho: *Luz da Vida*
Orador: *Rogai por nós pecadores*
Rancho: *Oh Mãe Querida.*

3ª Quadra
Orador: *Senhor escutai também*
Rancho: *Oh Mãe dos Céus*
Orador: *Nosso pedido ao clemente*
Rancho: *Luz da vida*
Orador: *Dai Pão a quem o não tem*
Rancho: *Mãe de Deus*
Orador: *Saúda quem está doente*
Rancho: *Luz da Vida*
Orador: *Saúda quem está doente*
Rancho: *Oh Mãe querida.*

4ª Quadra
Orador: *Nós humildes pecadores*
Rancho: *Oh Mãe dos Céus*
Orador: *Pedimos Mãe de virtude*
Rancho: *Oh Mãe querida*
Orador: *Cuida dos nossos velhinhos*
Rancho: *Mãe de Deus*
Orador: *E orienta a juventude*
Rancho: *Luz da Vida*
Orador: *E orienta a juventude*
Rancho: *Oh Mãe querida.*

2. A preparação para a caminhada

O início da preparação para a concretização das Romarias Quaresmais de São Miguel é feito através de reuniões dirigidas, organizadas e conduzidas pelo mestre do rancho; este é o momento de “formação” para que os homens se preparem para a semana de romaria que acontece no período da Quaresma.

A preparação de um Rancho de Romeiros diz respeito a tudo aquilo que envolve a saída do grupo, a caminhada bem como o que é necessário para formar aqueles que fazem parte do Rancho. É sempre constituída por uma parte prática e outra doutrinal, e nunca poderá ser inferior a vinte horas.¹¹ No entanto, é o Mestre de cada rancho, responsável pela organização de todos os momentos que dizem respeito ao seu grupo, pode, se achar necessário, criar regras que sustentam situações diversas nos momentos de preparação.

É também neste período que se fomenta o espírito de grupo e comunhão entre todos os Homens, que devem tratar-se por “Irmãos”. Na minha opinião, a designação de Irmão realça a proximidade: antes de se sentirem irmãos, devem tratar-se como tal. Na parte prática destas reuniões de preparação dedicam especial atenção à parte musical. É aqui que se ensaiam os cânticos, a Avé – Maria, as “salvas” para as Missas, entre muitas outras canções que fazem parte do cancioneiro de cada Rancho. Para além disso é lido com atenção o Regulamento, e são discutidas questões de ordem prática, como é exemplo a indumentária apropriada e o comportamento que devem ter enquanto Romeiros. Quanto à parte doutrinal é preenchida com a leitura e interpretação de partes da Bíblia, previamente escolhidas pelo Mestre para cada um dos encontros. A primeira parte fica a cargo dos responsáveis do Rancho. No entanto, é permitido a presença de convidados, o que fomenta a partilha do repertório musical entre grupos diferentes, e com isso, o crescimento do mesmo. A parte doutrinal, para além do Mestre, pode ser dirigida pelo Pároco ou por um Sacerdote. Ao longo do trabalho foi-me dada a oportunidade de assistir e participar em diferentes reuniões de preparação. No entanto, uma das mais marcantes foi no seio do Rancho de Romeiros das Sete Cidades.

¹¹ A preparação próxima dos Romeiros deverá ter uma componente prática e outra doutrinal, esta preparação, em conjunto, não poderá ser inferior a 20 horas, sob pena de não participação na Romaria. Excepcionalmente, poderá ser dispensado o Romeiro já experiente na parte prática. In Regulamento dos Romeiros de São Miguel. 2003.

2.1 A Preparação com o Rancho de Romeiros das Sete Cidades



Figura 2: Rancho de Romeiros das Sete Cidades¹²

Quando cheguei à freguesia das Sete Cidades já estava escuro, o nevoeiro fazia-se sentir de tal forma que o caminho até lá levou o dobro do tempo necessário. Quando começamos (eu e o meu pai) a descer por entre as lagoas a freguesia impôs-se sobre nós exigindo um respeito ao qual eu não estava acostumada quando por ali passava. Foi uma sensação única, a chegada as Sete Cidades no final do dia 23 do mês de Fevereiro de 2010. A freguesia das Sete Cidades é como um pequeno presépio, rodeado de musgo, das suas lagoas e de um silêncio que parece vir de uma moldura. Naquele lugar das Sete Cidades parece que o tempo abrandou e o presente é algo que vem, mas muito devagar.

Cheguei ao local da reunião mesmo em cima da hora, já eram 19:30 há uns segundos quando eu e o meu pai chegamos a uma pequena sala, de tecto baixo, com bancos em toda a sua volta, e um colocado cuidadosamente no centro. Depressa vim a entender que estava

¹² Fotografia do livro *Rostos de Fé – Romeiros na ilha de São Miguel*.

guardado para mim, porque assim que entrei foi-me feito o convite para sentar, para que me sentisse à vontade; sentiam-se todos preocupados em receber-me o melhor possível.

A Reunião começou com a leitura de uma passagem da bíblia, e, como foi explicado pelo Sr. Nicolau Gaidola (Mestre do Rancho) que conduzia a reunião, é sempre assim que se inicia mais um dia de preparação. A leitura daquela sexta-feira falava de Jesus Cristo como agricultor, e cada Romeiro como o terreno onde cada semente iria ser colocada. O orador comparou as reuniões à preparação da terra para a semente, quanto mais preparada estiver a terra, mais crescerá a semente, e mais frutos será capaz de dar. Esta foi a mensagem deixada aos Irmãos Romeiros que se instruíam para a caminhada. Depois desta leitura, que apenas ocupa 7 minutos da hora destinada para o encontro, o ensaio é dedicado às músicas que compõem o repertório destes romeiros.

Antes de começarem, o Irmão Mestre explicou-me que iriam encenar a chegada a uma Igreja, e como era o procedimento de quando se encontravam nesta situação. Coube a Renato Pereira, que conhece como ninguém o mundo dos romeiros, conduzir a oração. Todos os quarenta e nove homens presentes na sala se levantaram e se viraram para um crucifixo que se encontrava no fundo da sala. Quando todos se uniram a cantar a sala tornou-se demasiado pequena para aquelas vozes que se mostravam com uma força impensável. Aquela Avé - Maria que os acompanha foi cantada para me ajudar a escrever as linhas deste trabalho. Na realidade, este é um cântico nunca ensaiado nas reuniões, mas foi-me dedicado com toda a atenção e intenção por aqueles homens diferentes de todos os que eu havia conhecido até aqui. Depois desta simulação foram ensaiados alguns outros que fazem parte do seu livro de canções escolhidas para a semana da romaria, principalmente para serem cantados nas missas que são celebradas na semana em que o rancho se encontra em Romaria.

O livro é muito pequeno, feito propositadamente para levar na semana da romaria, e é costume ver-se, nas missas por eles realizadas, os livros nas suas mãos, sempre que se esquecem da letra de uma canção menos vezes entoada ou por alguma razão esquecida. Foi sobre uma conversa acerca deste livro que comecei a entender que a produção musical que existe dentro deste mundo é imensa e que, em alguns casos se sustenta a si mesma. Ou seja, algumas canções são escritas de propósito para a romaria e vivem de serem cantadas num determinado grupo. Claro está que muitas canções são trazidas de outros mundos, como é exemplo o coro da Igreja da freguesia, ou em alguns casos foi aprendida ouvindo cantar um grupo de outros Romeiros.

A Reunião teve a duração mais ou menos de uma hora, e acontece três vezes por semana, até perfazerem as vinte horas de formação obrigatórias para cada romeiro. O encontro acaba com a chamada, para que haja um controle das horas de cada Homem que integra o grupo.

Capítulo III

1. Prática Performativa da Avé - Maria dos Romeiros

Ao pensar na existência de um som que se torna inteiramente parte de uma ilha, ganha, ao passar do tempo de estudo e pesquisa, a melodia da Avé - Maria o lugar com maior importância e destaque aos olhos de quem vê e ouve a ilha de São Miguel na época da Quaresma. Quando cai sobre a ilha a poderosa nuvem de bruma da época que prepara a Páscoa e o tempo é normalmente cinzento e húmido, é perceptível o clima penitencial da Quaresma. Para completar esta paisagem falta apenas a música. Esta música existe e é rezada e cantada, segundo as interpretações das fontes históricas relativas à ilha, há cerca de 500 anos. Os quilhentos anos remetem-nos quase que imediatamente para o povoamento das ilhas dos Açores e, neste caso específico, para o povoamento da ilha de São Miguel. As primeiras fontes históricas escritas sobre as ilhas falam das Romarias Quaresmais de São Miguel (ainda não denominadas desta forma) de forma muito rudimentar, ou seja, procissões mais pequenas, geradas devido às catastrofes sísmicas típicas de ilhas de origem vulcânica. Para além disso, as procissões eram, de facto, um evento a realçar numa localidade. Naturalmente, devido ao espaço temporal que se encontra desde os terramotos de 1522 e 1563 até aos dias de hoje, a designada aqui Avé – Maria dos Romeiros, deverá ter sofrido transformações. No entanto, em todas as conversas que percorri, ninguém se recorda desta caminhada feita a não ser ao som da Avé – Maria. O som trazido pelos homens que se tornam Romeiros de todos os diferentes lugares da ilha de São Miguel, é o elemento que completa o quadro desta época. O som cadenciado, lento, lúgubre, como se de um som de caldeira a ferver se tratasse, ilustra, em pleno, a côr da ilha verde do Arquipélago dos Açores. Em conversa com um Romeiro amigo, o Padre José Paulo, irmão fundador do rancho de Santa Clara, aprendi o seguinte sobre esta oração: “ A Avé - Maria é um som telúrico. Como se viesse das entranhas da terra. E eu acho que o som da Avé - Maria é um som que tem a ver com esta terra, quase como um terramoto que nos invade. É um som muito virado para esta terra que treme, que é vulcânica...”¹¹

Assim, conduzida pela vontade de compreender a necessidade de concretizar durante quilhentos anos a tradição das Romarias, tornou-se a performance da Avé - Maria dos Romeiros um dos principais focos de estudo deste trabalho académico. O poder que parece

¹¹ Entrevista de trabalho de campo, ao Padre José Paulo, em Abril de 2011.

transformar a melodia em oração torna-se evidente quando nos damos conta das muitas centenas de homens que a cantam. Será esta melodia a fonte da força para superar a prova dura e de fé que são as Romarias Quaresmais de São Miguel?

1.1 O princípio da Avé - Maria: A Partida para a Caminhada

Uma semana de romaria começa bem cedo, por volta das cinco horas da manhã num qualquer sábado do período da Quaresma, e só terminará no sábado seguinte. A performance da peregrinação começa com a celebração de uma missa na Igreja da Paróquia respectiva de cada rancho de romeiros; normalmente tem o seu início por volta das cinco horas da manhã e terá a duração de, mais ou menos, uma hora. A primeira parte da celebração consiste numa missa característica da época do calendário religioso: a Quaresma. As diversas celebrações da eucaristia ao longo da semana têm uma particularidade: todos os momentos, ou seja, leituras e cânticos, são concretizados pelos romeiros.



Figura 2: Missa de Saída do Rancho de Romeiros de Santa Clara

Toda a missa foi cuidadosamente ensaiada. Antes de uma celebração desta dimensão ter lugar, todos os diferentes momentos que a constituem já estão trabalhados e cada Romeiro já sabe qual o momento que lhe diz respeito. O repertório musical que se segue foi captado no ano de 2010, na Missa de Saída para Romaria do Rancho de Santa Clara. A igreja de Santa Clara é um templo pequeno e quase todos os bancos no seu interior estavam ocupados pelos irmãos Romeiros (setenta e quatro irmãos). A igreja está totalmente preenchida e apenas algumas pessoas fora do rancho tiveram lugar sentadas. Quando se ouve a assembleia cantar, cantam todos os presentes. Apesar da missa ser conduzida e performada apenas pelos membros que pertencem ao rancho, quando é feito o convite para rezar e cantar, toda a assembleia participa em conjunto. O primeiro cântico, de convite à celebração foi: Somos a Igreja de Cristo

Refrão: Somos a Igreja de Cristo,

As pedras vivas do Templo do Senhor.(2x)

1º Quadra: Povo em marcha pra casa do Pai.

Com Cristo amigo com Cristo irmão.

Abres caminhos na fé e na esperança.

De mão em mão e um só coração.

Refrão (2x)

2ª Quadra: Povo aberto em cada manhã

Ao som da fé ao fogo da graça.

Como quem conta na história do mundo.

A Luz divina de Cristo que passa.

Refrão(2x)

3ª Quadra: *Povo que luta trabalha e anseia.*

Pela justiça de um mundo melhor

Povo que segue os caminhos de Cristo.

Único reino de Paz e Amor.

Refrão (1x)

Segue-se a celebração da missa. Importante, neste momento, referir que o Padre José Paulo, que conduz a eucaristia, é também irmão Romeiro. Assim, nesta missa todos os momentos são protagonizados pelos irmãos romeiros. Após a leitura, é feito o salmo responsorial, em oração. Segue-se o cântico do Glória.

Louvor e Glória a Voz, Jesus Cristo Senhor.

Louvor e Glória a Voz, Jesus Cristo Senhor.

A missa segue com a leitura de uma passagem do evangelho, e a homilia. A homilia, oferecida pelo Padre José Paulo falava do culto mariano de forma muito curiosa. Falava da forma como os irmãos Romeiros presentes haviam sido seduzidos pelo amor de Maria, Mãe de Deus. Falava do culto mariano assumido de forma pessoal e que cada homem Romeiro, pois cada um estava presente por se sentir seduzido por aquela mulher: Maria. O momento musical que se segue tem a particularidade de ser o primeiro cântico que se ouve cujo refrão é cantado a duas vozes. Normalmente a segunda voz que se ouve ser cantada é feita uma terceira superior relativamente à melodia original. A melodia que os Romeiros ensaiam nas suas preparações é a linha melódica principal (que designei acima de original) a segunda linha melódica muitas vezes é ensaiada, mas não ensinada. É feita de ouvido, por intuição.

1ª Quadra: *A Ti Meu Deus, elevo o meu coração,*

Elevo a minhas mãos, meu olhar, minha voz.

A Ti Meu Deus, eu quero oferecer, meus passos e meu viver.

Meus caminhos meu sofrer.

Refrão: A tua ternura Senhor, vem-me abraçar.

E a tua bondade infinita me perdoar.

Vou ser o Teu seguidor e Te dar o meu coração.

Eu quero sentir o calor de Tuas mãos.

2ª Quadra: A Ti meu Deus, que és bom e que tens amor.

Ao pobre e ao sofredor vou servir e esperar.

Em Ti Senhor, Humildes se alegrarão

cantando nossa canção, de esperança e de paz.

O momento que se segue é preenchido pelo Santo cantado em conjunto por toda a assembleia presente na igreja e numa só voz (numa só linha melódica):

Santo santo, santo é o Senhor.

Santo santo, santo é o Senhor.

O céu e a terra proclamam a Vossa glória.

Hossana nas alturas!

Bendito o que vem em nome do Senhor.

Hossana nas alturas!

Santo, santo, santo é o Senhor.

Santo, santo, santo é o Senhor.

Dado o início à cerimónia da comunhão, prepara-se o pão e o vinho (corpo e sangue de Cristo), reza-se o Pai - Nosso (de mãos dadas), cumprimentam-se os presentes na paz em Cristo, reza-se o Credo de Deus, convidam-se os presentes para a refeição; canta-se a música para o momento da comunhão. Também são os irmãos Romeiros que assistem o Padre na distribuição da comunhão. Sendo que todo o grupo deve comungar e permanecer cantando

o rancho segue para a comunhão de forma muito organizada. Como disse anteriormente no trabalho, os bancos da frente da igreja estão preenchidos pelos Romeiros. No momento da comunhão os Romeiros levantam-se começando da fila de trás para a fila da frente, mantendo sempre a sua organização. Os restantes presentes na missa, se querem comungar, devem fazê-lo após todo o rancho já ter comungado. Neste período da missa, sem qualquer interrupção, a assembleia (rancho de romeiros e os restantes que se encontram presentes) canta três cantigas: duas para a comunhão (Tomo este pão e este vinho e Sentimentos) e a terceira para a acção de graças (Te Amarei). O facto de terem sido necessárias duas canções para a hora da refeição ilustra que a igreja estava preenchida nesta missa de saída.

Refrão: Tomo este pão e deste vinho.

Em memória do meu Salvador.

Tomo este pão e este vinho.

São o sangue e corpo do Senhor.

1ª Quadra: Dentro do caminho do teu reino

É o pão que me torna capaz

De fazer de mim a juventude

Liberdade, amor, justiça e paz.

Refrão

2ª Quadra: Bebendo o Teu sangue deste cálice

Bebo o sangue da nova aliança

Que Tu derramaste pelos Homens.

Para remissão e esperança.

Refrão

3ª Quadra: *Tomando o pão que é Tteu corpo*

Comungo a Igreja transcendente.

Traz Teu corpo eterno a minha alma

Para que a Fé te salve para sempre.

Refrão

4ª Quadra: *Levarei comigo a Tua Luz.*

Irei pelo mundo anunciar.

Que por nós morreste numa cruz.

Mas pudeste a morte derrotar.

Refrão

5ª Quadra: *Comendo o teu corpo que foi Cristo*

Suando nas mãos do lavrador.

Levo como a força que alimenta,

Para mudar o mundo com amor.

Refrão.

A canção que se seguiu (Sentimentos):

Senhor eu não sou digno,

De que entres em minha morada.

Mas digo uma só palavra,

E minha alma será curada.

Sentimentos de desânimo.

Necessitam de ser esquecidos.

Sentimentos de desespero,

Necessitam de ser banidos.

Para o agradecimento após a comunhão ouviu-se a assembleia cantar na igreja:

1ª Quadra: *Me chamaste para caminhar na vida contigo.*

Decidi para sempre seguir-Te não voltar atrás.

Me puseste uma brasa no peito e uma flecha na alma.

É difícil agora viver sem parte de Ti.

Refrão: *Te amarei Senhor, te amarei Senhor.*

Eu só encontro a paz e a alegria bem perto de Ti.

Te amarei Senhor, te amarei Senhor.

Eu só encontro a paz e alegria bem perto de ti.

2ª Quadra: *Eu pensei muitas vezes calar e não dar nem dar resposta.*

Eu pensei na fuga esconder-me ir longe de Ti...

Mas Tua força venceu e ao final fiquei seduzido.

É difícil agora viver sem saudades de Ti.

Refrão

3ª Quadra: *Oh Jesus não me deixes jamais caminhar solitário.*

Pois conheces a minha fraqueza no meu coração

Ensina-me a viver a vida na tua presença.

No amor dos irmãos, na alegria, na paz e na união.

A celebração da Eucaristia termina com a bênção de todas as insígnias que os romeiros pretendem levar para a sua caminhada. As insígnias são, normalmente, os terços, as dezenas, as medalhas de diferentes santos que os Romeiros levam consigo na semana da Romaria. Os Romeiros também transportam o bordão, no entanto, neste momento encontram-se todos os

bordões no andro da igreja e só pegarão neles quando saírem da igreja. No meu caso pessoal, a minha insígnia foi o meu gravador, o caderno de anotações e a máquina fotográfica que também foram benzidos pelo Irmão Padre José Paulo neste momento da missa. Dá-se, com este primeiro momento da bênção, o início da Performance da Romaria em si.

Na segunda parte da missa, como neste caso específico aqui descrito, o Padre integra o rancho, desce do altar e junta-se aos Irmãos de frente para este. Com um cântico se assinala o final da celebração da Missa. Esta canção foi escrita pelo romeiro Aníbal Raposo, músico amador que integra o rancho, e que dois exemplos de composições musicais ficaram registados anteriormente neste trabalho. Escrita em tom de marcha é composta por quatro quadras, sendo que os dois últimos versos de cada uma devem ser cantados por duas vezes, para além de que estes dois últimos versos da composição são cantada a duas vozes. À linha principal da melodia é criada, de improviso, uma linha melódica superior. Por ser de improviso, nem sempre se ouve a mesma melodia na segunda voz. Esta obra é um dos exemplo de outras escritas por este irmão.

Dos teus santos caminhos me achaste.

Transviado, sem o teu amor.

Só tu sabes porque me chamaste.

Aqui estou, peregrino Senhor.

Caminhando vou nesta jornada

Com a fé que em mim renasceu

Cada flor que abre à beira da estrada

Bendiz alto o teu nome Deus meu.

Cada ave ao romper da manhã.

No caminho canta em Teu louvor.

No perfume a incenso e hortelã.

Sinto a tua presença Senhor.

Virgem Santa sejais a primeira.

A pedir por nós todos a Deus.

Santa Clara nossa padroeira.

Interceda por nós lá nos céus.

A partir deste momento é o Mestre tornar-se-á a figura que toma a liderança entre o seu grupo de Irmãos. Neste momento, é o Irmão Mestre Manuel Pacheco a figura máxima na hierarquia do rancho de irmãos. Esta celebração prossegue com uma sequência de orações feitas pelas intenções proferidas pelo orador naquele momento; neste caso aqui descrito foi o orador das orações por intenção o Mestre. São rezados, neste momento, Avé – Marias, Pai – Nossos e Salvé Rainhas, mas, no entanto pode dar-se o caso de se rezarem outras orações. É costume serem estas as orações principais utilizadas para as orações por intenção. Como exemplo destas orações por intenção o orador faz um determinado pedido, por exemplo: “Pelas famílias dos irmãos que partem em romaria um Pai-Nosso e Avé – Maria”. Ao que os irmãos Romeiros em conjunto com todos os que vieram participar na missa de saída e que se encontram ainda no interior da igreja respondem a rezar um Pai-Nosso e uma Avé – Maria. Outro exemplo destas orações pode ser o seguinte pedido: “pela intenção de todas as suas famílias um Pai-Nosso” e a resposta da assembleia presente é um Pai-Nosso rezado. O número de vezes que as orações por intenção são feitas no momento da partida parece absolutamente aleatório, sendo que, no entanto, há pedidos “obrigatórios” que quase todos os oradores (que nesta ocasião é o Mestre do rancho) proferem. Depois destas orações é feita a Salva (ou também Salvação) em que o Mestre diz: “Seja bendita louvada a sagrada vida paixão morte e ressurreição do Nosso Senhor Jesus Cristo”, ao que o rancho responde (mais uma vez em conjunto com todos os presentes): “Seja para sempre louvada com Sua e Nossa Mãe Maria Santíssima.” Depois disto, no caso específico do rancho de Santa Clara é ouvido um cântico ao qual se segue, novamente, a Salva. É nesta sequência de orações pedidas e rezadas por intenção que se irá ouvir, pela primeira vez, na semana de Romaria do rancho, a Avé – Maria dos Romeiros. Neste momento, já em cântico o Mestre diz (esta transcrição foi realizada a partir da gravação feita na missa de saída do Rancho de Romeiros de Santa Clara aqui descrita):



“Santa Clara oh padroeira olha nestes filhos teus.

Rancho: Santa clara padroeira, olha nestes filhos teus.

Mestre: Sede a nossa mensageira, no santo reino de Deus.

Rancho: Sede a nossa mensageira, no santo reino de Deus.

Mestre: Vamos nesta romaria, escuta a minha voz.

Rancho: Vamos nesta romaria, escuta a minha voz.

Mestre: Pede a Cristo que é nosso guia, tenha piedade de nós.

Rancho: Pede a Cristo que é nosso guia, tenha piedade de nós.

Mestre: Dai-nos vossa protecção, chamai-nos filhos da luz,

Rancho: Dai-nos vossa protecção, chamai-nos filhos da luz

Mestre: Deitai-nos a vossa bênção, para sempre Ámen Jesus.

Rancho: Deitai-nos a vossa bênção, para sempre Ámen Jesus.

Mestre: Como a cruz que vai á frente, estamos prontos pra seguir

Rancho: Como a cruz que vai a frente, estamos prontos pra seguir.

Mestre: *Os que ficam peçam pla gente, que por vós vamos pedir.*

Rancho: *Os que ficam peçam pla gente, que por vós vamos pedir.*

Mestre: *Por essa estrada de luz, vai a nossa romaria.*

Rancho: *Por essa estrada de luz, vai a nossa romaria.*

Mestre: Ao Jesus cantando (começam a sair da igreja)

Todos: *Avé-Maria, cheia de Graça...*

Esta oração aqui escrita, transcrita de forma integral deste exemplo de missa é cantada sempre entre o Mestre (ou orador) com resposta por parte do rancho. A primeira parte da melodia (que corresponde à primeira pauta) é a pergunta. A segunda parte da melodia (que corresponde à segunda pauta) é a resposta. Quanto à segunda frase, a resposta dada pelo rancho, tem melodia igual à primeira frase, com a diferença de que a melodia é entoada a duas vozes. Este intervalos de terceira superior que completam a melodia na segunda frase, são cada vez mais recorrentemente ouvidas em diferentes ranchos. Se calhar deve-se isso a um cuidado cada vez mais notório por parte de todos os ranchos de conseguir um resultado musical mais rico.

Neste momento, em que se ouve pela primeira vez a sua Avé - Maria, os Romeiros vão saindo da igreja, agarrando nos seus bordões que ficaram, como sempre ficam, no adro, à porta da igreja. Curiosamente também já se ouvem algumas mulheres cantar. Enquanto cantam vão-se reunindo à porta da igreja já na sua formação de caminhada. Dão-se as últimas despedidas, de quem vai para quem fica. Enquanto tudo isto acontece, ouve-se sempre o cântico da Avé - Maria. Já estão posicionados em duas filas paralelas para a caminhada. O cântico é interrompido (“o baixar do canto” é a expressão utilizada) e ouve-se recitado por todos no final de uma Avé – Maria a pequena doxologia e canto recitado: “Glória ao Pai ao Filho e ao Espírito Santo, assim como era no princípio agora e sempre Amen.” Faz-se um silêncio. Novamente a Salva é dita por todos os Romeiros. O rancho de Santa Clara canta “Madrugada do Romeiro”. O Romeiro Aníbal Raposo, como quem dá o mote da tonalidade em que a música deve se entoada e por ser o orador desta música, é a primeira voz que se ouve. Para além disso, este é mais um dos exemplos das suas composições originais escritas para a Romaria:

Orador: *Seja pra sempre recordada*

A paixão que é sagrada

Do Bom Jesus neste dia.

(o rancho repete a estrofe cantando a duas vozes)

Rancho: *Seja pra sempre louvada*

Com dua Mãe adorada

Nossa Mãe Virgem Maria.

(todo o rancho canta duas vezes e a duas vozes)

Orador: *Inda vem longe a madrugada*

A luz por Deus enviada

Que é a prova do Seu amor.

(todo o rancho canta a duas vozes a primeira quadra)

Junta-te ao rancho meu irmão

Beija a Cruz em oração

Bendigamos o Senhor.

(todo o rancho canta duas vezes e a duas vozes)

Orador: *Somos Romeiros andarilhos*

Palmilhando os santos trilhos

Tal como os nossos avós.

(todo o rancho canta a duas vozes a primeira estrofe)

Rancho: *Com alegria e sem cansaços*

Que Deus guie os nossos passos

Tenha piedade de nós.

(todo o rancho canta duas vezes e a duas vozes)

Segue-se a canção “Chegou a hora do Adeus”, e assistem-se a novas despedidas.

Chegou a hora do adeus, irmão

Vamos partir.

Com fé e confiança, irmãos

Vamo-nos despedir.

Partimos com esperança, irmãos

De um dia cá voltar

Com fé e confiança, irmãos

Partimos a cantar:

Avé – Maria...

Este momento em que se canta esta canção de despedida, é, ao que parece, uma tradição do rancho de Santa Clara. Assim a caminhada começa: “Com fé e confiança irmão partimos a cantar: *Avé-Maria, cheia de graça (...)*”. E partem em caminhada.

Desligo o gravador e vejo-os ir embora. Durante toda a semana que agora começa esta vai ser a música que mais se ouvirá; o hino dos Romeiros é a companhia dos dias de peregrinação. A semana está a começar agora nos pés e nas vozes dos Romeiros. Está agora a clarear um céu escuro. A Quaresma está completa, agora sim há música na Quaresma micaelense.



Figura 3: Romeiros de Santa Clara em caminhada.

1.2 A Avé - Maria na caminhada

A partir do momento em que deixam a igreja da sua paróquia, os Romeiros, enquanto caminharem, jamais estarão em silêncio. Começa aqui uma caminhada cantada, uma vida organizada em torno de uma melodia que irá ser repetida incontáveis vezes.¹² Mais do que uma melodia a ser repetida durante todo o tempo da caminhada por um determinado rancho, é importante, e por forma a compreendermos a dimensão desta melodia, perceber que durante as semanas da Quaresmas estão em peregrinação em simultâneo entre dez a doze ranchos. Surge assim uma das principais questões sobre esta tradição, tal como Anthony Seeger questionou na sua etnografia musical: *Why Suyá Sing?* Porque cantam os Romeiros? A primeira percepção enquanto observadora prende-se pela constante presença do canto na vida em Romaria. Na caminhada, o grupo está organizado em duas filas paralelas, e assim permanecerá durante toda a semana, com o mar à sua esquerda. A metade da frente do grupo é

¹² Robert A. Yalle, in *Explaining mantras: ritual, rhetoric, and the dream of a natural language in Hindu tantra*: “De acordo com o dicionário Oxford de inglês, a palavra mantra significa um texto ou passagem sagrados (...) Mantras são utilizados tanto com propósito mundano como propósito espiritual, e fazem a ligação entre os feitiços e seus oradores. No inglês coloquial um mantra pode significar qualquer slogan repetido inúmeras vezes, como são exemplos os slogans publicitários ou os políticos.”

designada por Avé - Maria a outra metade é designada por Santa Maria. São assim chamadas pela parte da melodia que estão encarregues de entoar na caminhada. Assim sendo, é um cântico antifonal.¹³ A primeira metade do grupo entoa: “Avé Maria cheia de graça, Senhor é convosco, bentita sois Vós, entre as mulheres, bendito o fruto do vosso ventre Amen”. A segunda metade do grupo responde: “Santa Maria Mãe de Deus rogai por nós pecadores agora e na hora da nossa morte. Amen.” O resultado musical é uma melodia partilhada entre o grupo que os mantém unidos e concentrados durante toda a caminhada. Relativamente a este efeito e o resultado que produz entre o rancho, será desenvolvido no capítulo dedicado à análise musical da Avé – Maria. Quando a metade do rancho designada de Avé – Maria canta, a Santa Maria encontra-se a rezar a oração da Avé - Maria e o contrário também vai acontecer. Estas orações rezadas quando o outro grupo dentro do rancho está a cantar, são contabilizadas no terço que os homens levam na mão oposta ao bordão. Este é também o terço que será oferecido às famílias que os recolhem no final do dia para pernoitar.

1.3 Prática Performativa da caminhada

No decorrer da caminhada, que em quase todo o percurso os Romeiros vêm cantando a Avé – Maria, vão entrando nas igrejas que estão previstas para ser visitadas pelo rancho.

O número de igrejas, lugares e pequenas ermidas a visitar, fica planeado anteriormente e está sob a responsabilidade de cada Mestre para cada rancho. Estes (os Mestres) entram em acordo com os guias (membros responsáveis pelo reconhecimento do percurso a concretizar nos oito dias). Quando se aproximam de uma Igreja que se encontra com a porta aberta ouve-se, em cântico, a doxologia:

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Como era no princípio agora e sempre Amén.

Ao chegar ao adro de uma determinada igreja os Romeiros pousam os seus bordões (mais uma vez são colocados cuidadosamente por forma a não se cruzarem entre si) colocam-se num semi-círculo e cantam, todos em conjunto o começo do que será o pedido de licença a Nossa Senhora e ao respectivo patrono da igreja para que possam entrar, fazer as suas orações e depois sair para prosseguir com a caminhada:

¹³ Ulrich Michael, in Atlas da Música – volume I: O cântico antifonal é uma das formas de entoar o canto gregoriano e caracteriza-se pela alternância de dois coros a entoar uma melodia.

*Deus vos Salve Maria, Filha de Deus Pai! Deus vos Salve Maria, Mãe de Deus Filho!
Deus vos Salve Maria, Esposa do Espírito Santo! Deus vos Salve Maria, Templo e Sacrário
da Santíssima Trindade.*

Com todo o rancho aguardando que a licença seja concedida, o orador prossegue:

Orador: *E os Anjos dos céus louvam Soberana Senhora, Por nós pecadores mil cento
e cinquenta milhares de vezes.*

Todos: *Ámen.*

Orador: *Rogai por nós ó Santa Mãe de Deus, para que sejamos salvos pela paixão de
Cristo.*

Todos: *Ámen!*

Orador: *Tens grande dor ó Virgem pura desde que viste Jesus, pelos caminhos da
amargura caminhando com a cruz. Pela tristeza haverá de ter o seu coração feliz, Quando
sentires gemer o teu filho Santo bendito. Que tristeza tens agora o teu coração em pedaços,
em estares vendo Senhora o teu filho morto nos braços. Vós estais cheio de dores
contemplando a Jesus, vendo a chaga no ombro feita pela pesada cruz. As mãos furadas dos
pregos foi em ser crucificada, Ainda deu a vista aos cegos ao ser crucificado. Que mágoa te
veio causar ficando só a virgem pura, quando o teu filho ficar jazendo na sepultura.*

Todos: *Ámen.*

Neste momento, muda a melodia da oração cantada. De frente para a porta da igreja o orador entoa o pedido de licença e o rancho responde.



Orador: *Senhora dai-nos licença. Para em Vossa morada entrar.*

Todos: *Senhora dai-nos licença. Para em Vossa morada entrar.*

Orador: *Para podermos chegar à Vossa santa presença.*

Todos: *Para podermos chegar à Vossa santa presença.*

Orador: *Pecadores, entrai, entrai. Nesta casa de Jesus.*

Todos: *Pecadores, entrai, entrai. Nesta casa de Jesus.*¹⁴

Estas duas frases, de melodia igual a uma já transcrita na descrição da missa de saída, está aqui transcrita num andamento mais lento. Esta decisão foi tomada por se tratar de um ritual que acontece no decorrer da caminhada, por isso, confere a ideia de que o cantar já está mais lento, como que acusar algum cansaço. Esta melodia, também composta por duas frases (a primeira frase que corresponde à primeira pauta e a segunda frase que corresponde à segunda pauta) tem como particularidade que, por vezes, a segunda frase entoada por todo o rancho será feita em duas vozes, utilizando um intervalo de terceira superior face à melodia original.

Assim que lhes é concedida essa licença vão entrando e sentam-se ou ajoelham-se ao longo da igreja:

Orador: *E água benta tomai, fazendo o sinal da Cruz.*

Todos: *E água benta tomai, fazendo o sinal da Cruz.*

Orador: *Pecadores, ajoelhai. Pondo o joelhos no chão.*

Todos: *Pecadores ajoelhai. Pondo o joelhos no chão.*

Orador: *E humildemente rezai, o acto de contrição.*

¹⁴ Este pedido de licença para entrar na igreja, tal como todas as outras orações, diferem de racho para rancho. Inclusive, o mesmo rancho pode fazer o mesmo tipo de oração, usando a mesma melodia, mas com uma letra diferente.

Todos: *Meu Deus porque sois tão bom, tenho muita pena de Vos ter ofendido, ajudai-me a não tornar a pecar. (recitado)*

Orador: *Seja bendita, louvada, a sagrada, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.*

Todos: *Seja para sempre louvada com Sua e Nossa Mãe Maria Santíssima.*

A oração dentro da igreja é feita com os Romeiros sentados ou ajoelhados ao longo dos bancos no interior do templo. O ritual prossegue com a melodia entre orador e rancho:



Orador: *Senhor Deus.*

Todos: *Misericórdia.*

Orador: *Senhor Deus.*

Todos: *Misericórdia.*



Orador: *Virgem Maria Mãe de Deus e Mãe Nossa.*

Todos: *Alcançai o Vosso amado filho, Misericórdia.*

Orador: *Virgem Maria Mãe de deus e Mãe nossa.*

Todos: *Alcançai o vosso amado filho, Misericórdia.*

Orador: *Virgem Maria Mãe de deus e Mãe nossa.*

Por fim, é dita a Salva:

Orador: *Seja bendita, louvada a sagrada, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.*

Todos: Seja para sempre louvado com Sua e Nossa Mãe Maria Santíssima.”¹⁴

Aqui é repetido o ritual que já foi descrito anteriormente no trabalho das orações rezadas por intenção. São rezados Avé – Marias, Pai - Nossos e Salvé Rainhas por intenção das pessoas da freguesia ou paróquia onde se encontram. Depois é feita, novamente a Salva. Seguidamente, em cântico é novamente pedida licença a Nossa Senhora e ao patrono da Igreja para o rancho poder sair da Igreja e prosseguir com a sua caminhada. A melodia ouvida é a mesma usada para o pedido de licença para entrar na igreja.

Orador: *“Senhora vamos embora, vinde em Nossa Companhia.*

Rancho: *Senhora vamos embora, vinde em nossa companhia.*

Orador: *Ajudai-nos a toda a hora a cantar...*

Todos: *Avé – Maria, cheia de graça...”*

¹⁴ Gravação de Trabalho de Campo com o Rancho de Romeiros das Sete Cidades em 2007.



Figura 4: Romeiros de Santa Clara na saída de uma Igreja.

Ao mesmo tempo que vão abandonando a igreja vão agarrando num qualquer bordão¹⁵ e seguem em caminhada rumo à igreja seguinte. Estão novamente entregues ao poder da sua cantada Avé – Maria.

Contudo, a caminhada dos Romeiros não se faz apenas de portas abertas. Ou seja, ainda são algumas as Igrejas que na altura da Quaresma têm a sua porta fechada. Mesmo assim, os homens param para rezar, não o farão neste momento no interior da igreja, mas sim à sua porta. Trata-se, portanto de um momento mais rápido, na medida em que o rancho não tem de completar o ritual de entrada e saída da igreja.

Fica aqui o exemplo de uma oração do Rancho de Santa Clara à porta fechada de uma igreja, mais especificamente a igreja do Sr. Santo Cristo, no Campo de São Francisco em Ponta Delgada. Esta gravação foi captada no seu último sábado da caminhada a que se encontram a menos de uma hora para regressar à Igreja de onde saíram, uma semana antes, da paróquia de Santa Clara. A Avé – Maria é interrompida com a doxologia (com o “baixar do canto):

¹⁵ No decorrer da semana da caminhada, apercebi-me que quando um rancho sai de uma igreja para prosseguir a caminhada, fá-lo, agarrando num qualquer bordão. Nem sempre alcançam o seu, que será reavido posteriormente num momento de pausa entre todos.



Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo

Assim como era no princípio agora e sempre Amén.

Neste momento, e como a porta da igreja se encontra fechada, os romeiros não pousam os seus bordões, e o orador dirige-se para o centro das alas do rancho, de frente para a porta da igreja, onde estão o irmão da cruz no centro ladeado pelos guias e virados para o grupo que se encontra em semi-círculo apoiados nos seus bordões. Com esta movimentação pretende-se simular o altar com o Cristo virado para os irmãos. São feitos os pedidos habituais, pelo povo da localidade, pelas almas dos seus defuntos e, por vezes, outros pedidos particulares ou mesmo pessoais. Seguindo-se a esta oração por intenção (feita no adro da igreja) o orador faz a Salva: “Seja bendita a louvada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Ao que o rancho responde: “Seja pra sempre louvada com sua e Nossa Mãe Maria Santíssima”. Em seguida, em cântico.



Figura 5: Romeiros de Santa Clara em frente a uma Igreja de porta fechada.

Orador: *Bendita foi a hora, Bendito foi o dia, em que o anjo São Gabriel desceu dos céus à terra, para anunciar a Maria, e na sua anunciação dizia...*

Todos: *Avé – Maria, Cheia de Graça...* (recomeçam a caminhada com a sua canção)

Neste momento, em que assisto a este momento, já se compreende algum alívio no grupo de irmãos. O fim está próximo e o descanso também. Daqui a pouco mais de uma hora este grupo vai para a sua igreja, de onde saiu há exactamente oito dias.¹⁶

Quando a semana de Romaria terminar os homens terão repetido este ritual durante oito dias a partir das quatro horas da madrugada até ao final do dia, por volta das vinte horas. Durante esta semana, um Romeiro caminha mais e dorme menos, canta mais do que está em silêncio e canta mais do que reza. Seeger (1987) descreve uma cerimónia que desde o seu começo até ao final os homens Suyá estarão a cantar durante quatorze dias. A cerimónia das Romarias condicionam todos lugares onde estas acontecem: a ilha de São Miguel. As horas do dia, e os momentos do dia vão ser marcados pela música, seja com o repertório das cerimónias, com as melodias cantadas que constituem o ritual da caminhada das Romarias e a música da Avé – Maria que entoam durante todo o seu percurso. Os homens que integram um rancho desempenham uma função dentro do mesmo, quem assiste participa por ser o receptor desta performance. As mulheres desempenham um papel menos activo, mas de igual importância para que seja possível concretizar o contexto completo desta peregrinação (assunto que será desenvolvido em seguida no trabalho). A música e o repertório apresentado será condicionado pelo dia e pelo momento específico. Toda a população da ilha estará envolvida na performance das Romarias, por mais inconsciente e distante que assim pareça. As relações sociais dentro e fora do rancho e as diferentes formas de cooperação, preparação e concepção das diferentes celebrações são elaboradas pela organização musical. O ambiente do grupo durante os oito dias vive diferentes concepções, à medida que se afastam de casa e posteriormente quando regressam no sentido de casa. Durante todos este percurso a música será capaz de expressar o cansaço ou a euforia do rancho, a música ouvida é o rosto do rancho nas suas celebrações e caminhadas.

¹⁶ Anotação de trabalho de campo em Abril de 2010, Sábado, 19:00 horas.

2. A participação das mulheres na performance da romaria

Para vivermos todas as experiências tidas por um rancho no decorrer desta semana é necessário integrarmos um. No entanto, no meu caso, isso era de todo impossível, visto que este ritual aceita apenas membros do sexo masculino. Assim está descrito no Regulamento das Romarias Quaresmais de São Miguel: “Somente serão admitidos como romeiros: Homens dotados do uso da razão, com capacidade para participar nos sacramentos da Penitência e da Eucaristia e que habitualmente procuram cumprir os Mandamentos da Lei de Deus. Homens com espírito de obediência para aceitar e cumprir as normas do regulamento e as que lhes forem determinadas pelos responsáveis(...)”. A par da dificuldade aparente de não pertencer a um rancho de Romeiros e de querer fazer um trabalho enquanto investigadora para a análise científica desta tradição, deparei-me, por fim, com o problema do género.¹⁷ A verdade é que não sabia que consequências adviriam daqui.¹⁸ Como ponto de partida, para a concretização do trabalho de campo, lidava com uma série de questões que me poderiam causar problemas ao ponto de não ser capaz de avançar com a pesquisa desejada. No decorrer da experiência de trabalho de campo senti-me, em primeiro lugar, atenta às possíveis dificuldades que o género me poderia trazer; no entanto, rapidamente me apercebi da diferença que existia entre mim (investigadora mulher a “participar” numa romaria) e todas as outras mulheres que se foram tornando acompanhantes na minha investigação. Com o passar do tempo, e com o estreitar de relacionamentos com um grupo de homens Romeiros, tornei-me um pouco o que Carol Babiracki (1997) identifica como o investigador sem género (*ungendered researcher*). A verdade é que os motivos académicos que me relacionavam com aquela performance se tornaram a forma de esbater uma diferença tão evidente como a integração de um elemento exterior feminino num ritual exclusivamente masculino.

À medida que a experiência de campo foi avançando, e preocupada como estava com a problemática do género, encontrei-me a rever a posição e o lugar da mulher (esposa, mãe ou filha) numa tradição que visivelmente se mostrava estritamente performada por homens. Como explica Merriam (1964), uma performance só faz sentido quando é feita de umas

¹⁷ Sabendo, à partida, que a questão do género é determinante na formação dos ranchos, tentei compreender as razões que se encontravam em torno desta questão.

¹⁸ Babiracki (1980: 37), “ (...) Just about every time I have predicted how the man/ woman of it would work out in some particular case, I have been wrong, which means that I have stopped predicting.”

pessoas para outras¹⁹; assim sendo, se os homens eram os produtores desta performance musical, as mulheres nesta tradição preenchiam o lado dos receptores, e isso bastaria para fazerem parte integrante da existência das Romarias. Partindo desta ideia, porém, comecei a reviver toda a experiência de campo tida até ali e direcionei o meu olhar de investigadora para o lado feminino desta performance.

“A Romaria da ilha de São Miguel é feita apenas por homens, mas é uma mulher que os conduz.” explica Agostinho Pinto (2008) na sua obra sobre as Romarias. A verdade é que se trata de um culto Mariano²⁰; para além disso, encontrei a presença das mulheres em todos os momentos de celebração da romaria, mais especificamente: nas missas feitas ao longo do dia (missas realizadas em igrejas com o altar Mariano) e no almoço que é dedicado naquela semana à convivência com todas as famílias dos homens que integram um rancho. É possível acompanhar, como explica a autora Ana Sousa (2006) todas um lado feminino neste processo das Romarias. Pela natural frustração que sentem por apenas poderem acompanhar os seus parentes masculinos em Romaria (Sousa: 2006) vão concretizá-lo da forma mais solidária que lhes for possível. Desde logo a sua participação na missa de saída dos romeiros que pretendem acompanhar (Sousa: 2006), momento no qual também se nota uma divisão entre homens e mulheres, Romeiros e as mulheres que os acompanham:

“São seis horas da madrugada quando ouço tocar o sino da Igreja de Santa Clara. Toca o sino para que comece a missa. A igreja é pequena, principalmente por estar tão cheia de gente. Vieram todos. Estamos todos aqui. Nos bancos da frente da igreja estão os Romeiros. Homens que agora se tornaram todos Irmãos Romeiros em início de uma longa caminhada. O meu pai está entre eles. A restante igreja está, quase na sua totalidade, preenchida com membros do sexo feminino. Mães, esposas e filhas. Fala-se baixinho. Quando se começa a cantar, cantamos todos. Ouvem-se vozes masculinas e femininas. As masculinas estão mais afinadas do que as nossas (as femininas). Estou com a minha mãe, viemos participar da semana de romaria do meu pai, hoje, e como todos os outros dias que nos for possível estar presentes. (...)”²¹

¹⁹ Alan Merriam (1964) “Music sound cannot be produced except by people for other people (...) one is not really complete without the other. Human behaviour produces music, but the process is one of continuity; the behavior itself is shaped to produce music sound, and thus the study of one flows into the other.” (1964: 6).

²⁰ Culto Mariano é a designação dada ao culto feito a Nossa Senhora Mãe de Jesus. Como o seu primeiro nome era Maria, adopta-se a designação culto Mariano.

²¹ Excerto retirado das anotações de campo no dia 28 de Março de 2009, Igreja da Freguesia de Santa Clara.

Apesar da Igreja de Santa Clara estar dividida entre homens e mulheres, a verdade é que o resultado musical daquela missa cantada ainda de madrugada foi um coro de vozes mistas: sopranos e baixos, sexo feminino e masculino cantando em conjunto para um produto final. Com o final da missa todas as pessoas saíram da igreja, ficaram apenas os romeiros a rezar sozinhos. Peguei, juntamente com a minha mãe, no bordão do meu pai, para que quando saísse da igreja o pudéssemos passar para ele.

Depois desta celebração que assiná-la a saída para a romaria, há exemplos de mulheres que, por sua iniciativa, transportam a cevadeira até aos limites da freguesia por forma a ajudar quem participa activamente neste ritual (Sousa: 2006). Mas esta ajuda não se fará sentir só neste momento da partidada (Sousa: 2006). Segundo a autora Sandra Silva este acompanhamento mais visível, far-se-á sentir por mais duas vezes: no almoço convívio dedicado às famílias e que será confeccionado pelas mulheres e, no dia da chegada, em alguns ranchos de Romeiros é possível acompanhar os momentos de regresso caminhado até à Igreja (Sousa: 2006). No entanto, é possível encontrar mulheres em todas as Igrejas, ao longo de toda a semana de caminhada em Romaria. É costume, no final de cada dia, levar uma muda de roupa a quem se presta auxílio em caminhada. Para além disso, durante todos os oito dias da peregrinação será realizada uma missa e estará aberta a quem quiser a ela assistir.

Um dos factores muitas vezes apresentados para a não participação activa das mulheres nesta tradição religiosa da ilha de São Miguel relaciona-se com necessidade de prover o sustento da casa na ausência do marido (Sousa: 2006). A completar o sustento da casa, está o possível alojamento de outros Romeiros que se encontrem em Romaria (Sousa: 2006).

Da opinião do autor da obra *Para uma sociologia da música tradicional açoriana* (1984) a ausência e proibição da participação das mulheres na participação activa das Romarias, pode justificar-se num apelo à abstinência sexual, facto que se pode aproximar da ideia de castidade (Bettencourt: 1984). São desaconselhadas todos os tipos de ostentação de riqueza, e esta obrigatoriedade dos ranchos serem apenas constituídos por membros do sexo masculino, pode, simplesmente ser uma forma de conseguir o bom funcionamento do grupo (Bettencourt: 2008).

Sendo este um ritual que se dedica a homenagear a Mãe de Jesus, o lugar da mulher tinha de ser de maior importância ainda. Mais tarde, recordando aquele gesto de passagem de bordão, entendi que a representação mais evidente das mulheres entre aqueles homens

Romeiros era também o seu acessório mais visível: o bordão. Assim como o bordão os acompanha em todo o percurso (mesmo naquele em que não pude participar), o mesmo bordão que é colocado à porta da igreja quando lá entram para rezar, o mesmo bordão que serve de apoio ao corpo dos homens quando já estão cansados: assim são simbolicamente as mulheres. Numa feita de forma mais pessoal, abandonando em parte o lugar de investigadora: são as mulheres que os esperam à porta de uma igreja para os ver prosseguir em caminhada, as mulheres em que eles descansam o pensamento quando o corpo se sente demasiado exausto, as mulheres que os recebem com um abraço quando regressam. Numa análise mais romântica, e se a ousadia me é permitida, escrevo mais além, e assumo (imagino) que para cada homem Romeiro Nossa Senhora toma o lugar de todas as mulheres para quem eles cantam todos os dias no decorrer da sua peregrinação.

Com esta breve descrição pretendo concluir dando também lugar de destaque ao lado “invisível” da performance da Romaria: as mulheres. Partindo de um momento inicial em que me senti prejudicada pela questão da diferença marcada pelo género, levantada na realização de trabalho de campo, acabei desviando a minha atenção para as mulheres dos peregrinos Romeiros que também tomavam partido nesta tradição. A minha opinião pessoal, justificada pela experiência do trabalho no terreno que, talvez só por a mulher ter um lugar de destaque no coração daqueles homens, eles me tenham recebido da forma tão educada e receptiva como o fizeram, partilhando comigo todos os momentos que lhes são permitidos, mesmo sendo eu uma mulher investigadora com interesses académicos na sua centenária manifestação religiosa.

Capítulo IV

1. Análise musical da Avé – Maria dos Romeiros

Porque cantam os Romeiros? Porque cantam os romeiros na Quaresma e porque cantam a Avé – Maria? Poderia aqui apenas justificar-se com o dito comum, vulgarmente usado em São Miguel que explica que “ao cantar se reza por duas vezes”. No entanto, trata-se aqui de tentar compreender esta Avé - Maria que se tornou um dos reportórios mais utilizados da ilha de São Miguel. Como explicar a existência de uma melodia que, de alguma forma, parece ter-se tornado estilizada? Qualquer pessoa com quem tive a oportunidade de contactar me disse que sempre se recorda da caminhada dos romeiros ser feita pela alçada da oração cantada da Avé – Maria. Esta parte do reportório musical das Romarias ocupa um lugar central em toda a performance: é repetida milhares de vezes por cada Romeiro ao longo dos oito dias de Romaria, e por isso merece uma observação particular. Proponho a seguinte transcrição da Avé – Maria dos Romeiros:

A a vé Ma ria — Chcia d'graça Osenhor é con vos co

4 Ben dita a a sois vós En — tras Mu lheres Bendito é o fruto

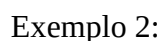
7 de vos so ventre Jesus — San an ta Ma ri a

10 Mã ã ãe de Deus Ro ga a aī por nós pe ca dores

13 A go ra'e na hora da nos sa morte A mén Je sus

Tomei a decisão de transcrever a *Avé – Maria dos Romeiros* utilizando a notação da tradição ocidental. Em primeiro lugar por se tratar de uma melodia que, apesar das características específicas relacionadas com a sua interpretação, é possível ser ilustrada na nomenclatura ocidental. Farei portanto aqui alusão a Mantle Hood (Meyers: 1992) quando se referiu a uma solução relativa à transcrição de Hipkins (Meyers: 1992), que pretendia adaptar a notação tradicional de diferentes culturas a uma cultura específica. No que diz respeito à análise da melodia, intervalos e da relação entre a música e o texto será feita à luz da teoria do cantochoão, cântico da igreja cristã ocidental. Para além disso o uso da notação ocidental serve a oração na medida em que a *Avé – Maria* faz parte das orações relacionadas com a religião católica ocidental. Optei por fazer a transcrição na clave de fá para respeitar desta forma as regras de escrita da notação escolhida. Uma vez que se trata de uma cantiga entoada por homens, represento-a no registo e na clave em que as vozes masculinas (baixos e baritonos) são escritas, portanto, na clave de fá. A ausência de compasso e, como consequência directa, de barras de compasso, foi uma escolha pessoal por achar que estas regras conferem uma rigidez que não se aplica neste caso a uma melodia cujas regras são impostas por um andamento conferido, e não por um compasso; pela velocidade do andamento do rancho, pela dureza do percurso percorrido no momento e pela inclinação mais ou menos acentuada do caminho. Assim sendo, pretendo que os crescendos e decrescendos apontados na transcrição representem as acentuações, quer sejam numa frase (exemplo 1), numa palavra (exemplo 2) e por vezes numa sílaba. (exemplo 3). Tal como no caso dos sinais de dinâmica, também pretendo conferir às ligaduras um significado que melhor se adapte a esta transcrição. Neste caso, as ligaduras constroem as frases, respeitando, da forma mais fiel possível, as respirações de uma melodia cantada em andamento e que, obrigatoriamente, corresponde ao compasso que lhe é imposto pela velocidade maior ou menor da marcha do rancho. Não colocando de parte a possibilidade de outros fraseados e acentuações, esta gravação que aqui vai transcrita foi uma captação feita na caminhada do Rancho de Santa Clara a caminho da freguesia do Pico da Pedra (no segundo dia de caminhada). Atrevo-me a crer que esta transcrição corresponde em grande parte à realidade da maioria dos ranchos. Assim o afirmo porque com base nas diferentes gravações feitas e em diversas comparações, escolhi-a por esta razão. Além desta razão foi o rancho com quem mais tomei contacto e que além disso é um dos que melhor fama guarda pela forma aprazível como canta, tanto na caminhada como nos momentos de celebração da Romaria. Fruto do ensaio e gosto musical de todo o rancho (como está descrito anteriormente neste trabalho).

Exemplo 1:



Exemplo 3:



Exemplo 4:



Mas para conseguir uma completa análise desta melodia é necessário ter em conta a sua interpretação. Ou seja, quais os factores responsáveis pelo fraseado da oração, como é conseguida a dinâmica, o que confere à melodia as pequenas diferenças de rancho para rancho. A primeira questão que me surgiu, relacionou-se com o facto de se tratar de uma oração: a Avé – Maria. Católicos de todo o mundo a rezam. Está estipulada como uma oração falada, no entanto, a música mais importante e mais cantada das Romarias Quaresmais de São Miguel é precisamente esta oração transformada em cântico. Cântico, ao que me foi possível apurar, inalcançável nas suas origens e, por isso, foram estas mesmas origens, perdendo importância para a análise desta melodia. No livro de Bettencourt (1984) há referência a um Mestre de Romeiros, de seu nome Eugénio Pacheco, que, ao referir-se às origens das peregrinações diz: “(...) já no tempo de seus pais e seus avós se cantava a belíssima oração” (Battencourt: 1984) Se calhar, e por ser de todo impossível descrever as origens, seja importante referir uma das formas de, segundo os Suyá, a música pode ser aprendida (Seeger:1987). Algumas canções o seu repertório musical era tão antigas que a sua origem estava descrita em mitos referindo-se a um passado muito longínquo (Seeger: 1987).²² Segundo o autor Bettencourt (1984) a música mais utilizada pelas Romarias, a Avé – Maria, serve o texto religioso mais utilizado ao longo dos oito dias de Romaria (Bettencourt: 1984). Toda a Romaria está dominada pela oração cantada da Avé – Maria. Segundo o mesmo autor, a Avé – Maria tornou-se o “distintivo musical” das Romarias Quaresmais Micaelenses

²² Anthony Seeger: *Why Suyá Sing?* (1987) Alguns tipos de canções, para os Suyá eram tão antigas que se dizia que tinham sido aprendidas num tempo já muito distante, tempo onde a sociedade Suyá estava ainda a formar-se.

(Bettencourt: 1984). Para este autor, uma das razões apresentadas para o destaque dado à oração da Avé – Maria, tem que ver com o facto da tradição ter sido, durante muito tempo designada por Romarias às Casas de Nossa Senhora, e que o ritual está desde sempre muito ligado com o culto Mariano (Bettencourt: 1984). Surge, talvez por isso, essa ligação tão estreita com a canção da Avé - Maria, por ilustrar o culto de forma tão fiel e ser uma oração dedicada a homenagear Nossa Senhora (como são as Romarias). O autor de *Para uma sociologia da música tradicional açoriana* (1984) faz, no seu livro uma análise musical à música da caminhada dos Romeiros. Como tal, creio ser importante referir, neste texto, esta análise. Segundo o autor, o perfil modal da melodia, é o que lhe confere antiguidade (Bettencourt: 1984) e leva o autor a compreender esta influência do cantochão, não só na Avé – Maria, mas também nas outras diversas formas musicais utilizadas nas Romarias (Bettencourt: 1984). A Avé – Maria, que nas palavras do autor está “inscrita” em modo menor natural e que tem contornos modais com o seu carácter rigorosamente monódico (Bettencourt: 1984). No entanto, o autor faz aqui um alerta importante, porque apesar de fazer esta comparação, defende que ouvir um grupo de Romeiros a cantar, não é necessariamente a mesma coisa do que ouvir um grupo de eclesiásticos que entoam um trecho de canto gregoriano (Bettencourt: 1984). Nesta análise, Bettencourt (1984) realça características fonéticas e tímbricas e o peso conferido a algumas sílabas, razão pela qual optou pelo uso do ritmo composto na sua transcrição:

A_____ ve, Ma ri a chei a de gra ça, O Senhor é convos____

5
co, ben dí ta_____ sois vós____ en____ tre as mulheres

9
Ben dito é o fru to do vos so ven____ tre, Je sus. San____

13
____ ta Ma ria,____ mãe____ de Deus____ ro

17
gai_____ por nós,____ nós pe____ ca dores, a gora e na

21
ho ra da nos sa mor te. Amén, Je sus.

No livro de 2006 *A Irmandade dos Romeiros*, também é feita uma revisão analítica da oração cantada da Avé – Maria dos Romeiros. Os autores referem-se à Avé – Maria como uma canção entoada de forma triste e melancólica (Coutinho: 2006). Segundo esta obra, e citando a investigadora Carmen Goujon, a Avé – Maria é “(...) uma oração ancestral que é transmitida oralmente de geração em geração é outro traço tradicional e característico desta viagem sacrificial. Desde modo ela tornou-se o distintivo musical da romaria. Ela anuncia a chegada dos romeiros a cada lugar. É o ritmo lento deste canto, o seu carácter rigorosamente monódico e pungente, o peso atribuído a certas sílabas, o tom de voz com austeridade e tristeza, que se perpetuam como forma de tradição oral e memória colectiva.” (Coutinho: 2006). É um cântico entoado de forma cadenciada e ritmada e que o passo é coordenado com a respiração de quem vai em caminhada (Coutinho: 2006) e repetido milhares de vezes “(...) à maneira de um mantra (...)” (Coutinho: 2006). Assim, a música cria um fio condutor espiritual que consegue construir uma total dedicação do devoto (Coutinho: 2006).

Neste contexto, essa dedicação fica justificada nas palavras do investigador de Psicologia Evolucionária Robin Dunbar: “o facto de reagirmos à música desse modo e de sermos especialmente propensos a fazê-lo quando estamos em grupo parece ser uma notável característica da natureza humana. O canto comunal, como quase todas as religiões reconheceram há muito, tem um poder emocional particularmente forte sobre nós.” (Coutinho: 2006). Assim, é o cântico da Avé – Maria que aumenta o grau de concentração do Romeiro e o faz esquecer as dificuldades e dores do caminho (Coutinho: 2006). O mesmo investigador (Robin Dunbar) explica: “é extraordinário que tenham colocado essa ênfase na inflicção de dor física ou tensão psicológica.” e continua “Pensem no balanço da cabeça dos judeus ortodoxos quando rezam junto do muro das lamentações em Jerusalém; na contagem repetitiva das contas do rosário e noutras formas semelhantes de oração; na flagelação e nas tarefas dolorosas impostas aos peregrinos (...) nos dolorosos e desgastantes rituais iniciáticos de muitas sociedades tribais; no vigoroso canto dos hinos das tradições mais evangélicas do cristianismo; e no intenso cântico ritmicamente repetitivo da tradição qawwali no Islão Sufi.” (Coutinho: 2006). Para concluir o mesmo investigador afirma: “As práticas religiosas parecem ter sido concebidas para nos darem aquele ímpeto dos opióides que nos faz sentir muito mais capazes de lidar com os caprichos do mundo e, talvez de igual importância, muito mais em paz com os nossos próximos.” (Coutinho: 2006). No testemunho do Padre Ernesto Ferreira, referindo-se ao mesmo cântico da Avé – Maria, na sua obra de 1927, fala da sua

grandeza, através da sua antiguidade (Coutinho: 2006) e define-a como uma “expressão de pudentíssima mágoa”.

O som da Avé – Maria, candenciado, com ritmo marcado ao compasso do andar, dolente, pesado, em modo menor e do género de lamento. Género este que se surge na literatura como um dos melhores exemplos de canto – falado (Feld & Fox: 1994). Segundo Seeger (1987) para um etnomusicólogo, o estudo da música deve sempre começar pela análise da relação entre a música e outras formas de arte, pois “nada existe por si mesmo.” (Seeger: 1987). A música reproduzida nos diferentes rituais das Romarias (principalmente a oração aqui em destaque) é vocal, tal como a música para os Suyá é, também, exclusivamente vocal (Seeger: 1987). Para analisar uma música exclusivamente vocal, é preciso comparar com o discurso. No entanto, isso não significa que o canto seja igual à forma de dizer as palavras ou as frases, mas é um meio correcto de analisar o caso específico da Avé - Maria.

Através da análise comparativa das diferentes captações feitas a diversos ranchos em caminhada, foi possível compreender que a razão, por excelência, que distinguia a mesma melodia de grupo para grupo dizia respeito às características do discurso (pronúncia) e ao timbre do grupo (média das idades dos membros do rancho). A canção estava portanto condicionada pela dicção verbal (pelo discurso falado) do rancho. Através da sua Avé – Maria é possível avaliar a idade média do grupo. Por exemplo, mais do que a acentuada pronúncia do imenso rancho de romeiros de Rabo de Peixe (com uma média de cem irmãos), está o timbre de vozes jovens. O exemplo contrário é o do Rancho da Pedreira do Nordeste com apenas vinte irmãos. A potência sonora é absolutamente diferente e só é possível ouvi-los com clareza quando caminham muito próximo de nós. Por ser um exemplo tão extremo, de um grupo tão pequeno, a pronúncia fica em segundo plano, uma vez que o volume do rancho não a torna perceptível. No entanto, um rancho mais pequeno terá a mais valia na sua tarefa de dividir a música da caminhada. Quando é um grupo de apenas vinte pessoas a Avé – Maria (parte da frente do rancho) devolve de forma mais clara o canto à Santa Maria (parte traseira do rancho). Num rancho como o de Rabo de Peixe (que no último ano contou com cento e cinquenta e três irmãos) a parte da frente do rancho quando cantam torna-se quase que por completo imperceptível para a metade traseira do rancho responder com a oração. Se num grupo pequeno a pronúncia fica pouco perceptível, num rancho com cerca de cem irmãos fica mais acentuada. No rancho de Rabo de Peixe são perfeitamente reconhecíveis todas as características da pronúncia daquele lado Norte da ilha. As que mais se destacam (tanto no discurso falado como na caminhada da Avé – Maria) são os finais de palavras em decrescente

e as vogais cerradas e abertas. No caso do rancho de Rabo de Peixe, e como consequência directa da forma de dizer a oração, as palavras e as frases ficam mais curtas, criando, por isso, respirações mais longas e momentos de silêncio que aparentam ser mais prolongados. No exemplo 1 acima transcrito, o rancho de Rabo de Peixe faz ouvir todas as vogais “a” de forma mais gritada, as palavras “Deus”, “nós” e “pecadores” são exemplos de palavras que no cântico da Avé – Maria deste rancho tornam-se quase impossíveis de ouvir. Como explicam os autores Feld e Fox no seu discurso entre as relações da música com a linguagem, também a Avé – Maria é a ligação entre dois tipos de discursos da voz: a voz falada (oração Avé – Maria) e a voz cantada (melodia da Avé – Maria).

No entanto, não é apenas esta questão que caracteriza a performance da oração. Outra condição que tem implicações no resultado sonoro desta canção, é o percurso efectuado pelo rancho no decorrer de toda uma semana. Numa oração repetida milhares de vezes, no mesmo dia, ainda que seja pelo mesmo grupo de pessoas, parece claro afirmar que as mudanças são inevitáveis. Trata-se de uma Avé – Maria entoada desde as primeiras horas da madrugada (cerca das quatro horas) até ao final do dia (depois do pôr-do-sol pelas vinte horas). Ainda por cima, é uma oração cantada de forma repartida, em que parte do rancho canta a “primeira quadra” da oração e a outra parte do rancho canta a “segunda quadra”. Para além dos dias terem muitas horas, o percurso completo da Avé – Maria cantada é de oito dias. No primeiro dia de caminhada, o rancho sai da sua freguesia a cantar com força, alto, quase dando a sensação de se tratar de uma melodia alegre. Apesar da despedida sentida que ficou na igreja da sua freguesia (como descrevi anteriormente) os homens Romeiros partem sempre com vontade e predisposição. Naturalmente, após percorridos entre 20 a 30 km, a pé, no mesmo dia, e ao chegar à freguesia onde vão pernoitar, as vozes já se encontram cansadas; no entanto, é possível observar que ao chegarem a uma freguesia onde sabem que são esperados, cresce o esforço para entoar a sua melodia de forma apelativa, para serem ouvidos, para que a sua melodia seja o anúncio da sua chegada. Tomando aqui como exemplo o Rancho de Santa Clara, no primeiro dia vão sair da sua freguesia, na cidade de Ponta Delgada, e só irão pernoitar nos Mosteiros. Saíndo na madrugada de sábado de uma zona da ilha banhada pelo mar do sul e pernoitam na freguesia dos Mosteiros já com vista para o mar do lado Norte da ilha. Outra característica muito própria dos percursos feitos pelos Romeiros são as acentuadas descidas e subidas nas quais, apesar de todas as dificuldades da caminhada, o cantar da Avé – Maria não é suspenso. Creio que, em momentos de esforço extremo, o Mestre do rancho possa permitir a suspensão do canto. Claro que a respiração de todo o rancho se ouve, nestes

casos extremos, de forma alterada. Nestas ocasiões as frases são intervaladas por respirações mais longas, a canção é entoada de forma mais calma e é o momento em que se ouvem mais falhas nas vozes de todo o grupo. A única forma de continuar cantando nestes caminhos mais acentuados, está em retirar força das palavras e diminuir o volume de som, principalmente nos finais de frases. São os momentos em que o corpo se encontra em maior esforço, e como tal, a consequência mais directa são as mudanças no resultado da entoação da oração. Também a velocidade a que vai um rancho confere alterações à Avé – Maria aqui em análise. Quando caminham mais rápido, a canção também é cantada mais rápida. Com cantar uma canção de forma mais rápida, não me refiro directamente à velocidade em que se ouve a melodia, mas todas as palavras e frases ficam mais curtas, e ao contrário do exemplo anterior, também as respirações são mais curtas, retomando-se o canto mais rápido. Mostra disto é o exemplo 4 transcrito anteriormente, em que as últimas sílabas da palavra “Maria” desaparecem, retomando-se, com isso mais rapidamente a palavra seguinte da oração. É quase regra, e serve aqui o meu trabalho enquanto observadora atenta para o demonstrar, que a velocidade do caminhar condiciona o andamento da Avé – Maria, quer seja para uma velocidade maior ou menor. Um dos momentos em que a Avé – Maria é ouvida de forma mais lenta acontece quando um rancho chega a uma freguesia, principalmente tratando-se da freguesia onde irão passar a noite. Por estarem a chegar a um local de destino, cantam com calma e tudo tem tempo para ser mais lento: a marcha e a canção da Avé – Maria. Quando um rancho canta mais devagar, e da mesma forma que referi à pouco, isso não significa que o andamento da melodia seja lento; acontece que todas as palavras são ditas até ao fim e ouvem-se até as sílabas mais rápidas. As frases são mais prolongadas, bem como as respirações, e o retomar da frase seguinte no texto também é feito com mais calma.

Nesta análise musical, as condições impostas pela meteorologia também constituem um factor importante a ser destacado. Um dia de sol ou de chuva, principalmente quando extremos, influenciam quem vai na caminhada, e neste caso, mais do que influenciar quem caminha, influenciam a cantiga e quem a interpreta enquanto caminha. Quando chove muito, como é frequente na Quaresma em São Miguel, o rancho tem a tendência para andar mais depressa, por isso o volume do coro do rancho é menor, simplesmente porque é necessário que o esforço seja colocado no andamento, o que rouba lugar ao fôlego de quem canta. Uma frase musical (transcrita acima) nesta oração é a frase: “Mãe de Deus, rogai por nós pecadores.” (exemplo 1). Quando o cansaço se nota na oração há sílabas e palavras desta mesma frase que são entoadas mais fortes, como é o caso da palavra Mãe (com a ajuda das

notas mais agudas) e a sílaba “ai” na palavra rogai (também pelo mesmo motivo). Por outro lado, quando o grupo percorre um caminho mais acentuado e que requer maior esforço, a palavra “pecadores” desta mesma frase, torna-se quase que imperceptível e apagada da oração; isto acontece porque a melodia descendente faz com que o volume de voz também seja decrescente. Esta foi a razão porque usei o ritmo rápido das semi-colcheias nestes casos, por se tratarem de sílabas que por estarem num registo mais grave são menos fáceis de cantar e por isso, em caso de a situação externa aos Romeiros ser mais extrema, estas são as primeiras notas a desaparecerem da melodia. Se não desaparecem de todo (o que acontece muitas vezes é a sua quase omissão, mas não integral) são, pela sua dificuldade, sílabas que podem e devem ser menos esforçadas no canto.

Outro aspecto curioso, na interpretação desta oração, diz respeito às palavras Avé – Maria (no começo da transcrição acima) e às palavras “Santa Maria”: estes são os dois momentos mais sonoros de toda a oração. Na minha opinião isto acontece porque quando começa uma nova “quadra” da oração recomeça uma das metades do rancho (não esquecer que o rancho para o cântico da caminhada está dividido em dois grupos) a cantar. Por assim dizer, quando a metade da frente do rancho está a cantar a Avé – Maria, a metade traseira do rancho está em silêncio a rezar, o que lhe permite que ao recomeçarem a cantar na Santa Maria, estão com o fôlego e a força mais reestabelecidas. O mesmo acontece quando a parte de trás do rancho está a cantar, a parte da frente do rancho está em silêncio, quando agarra na melodia da Avé – Maria, fá-lo com mais força do que com o final da quadra entoada antes da deles.

A Avé – Maria dos Romeiros, mais do que uma melodia que está sujeita na sua totalidade às condições externas impostas para ser entoada, é uma melodia que está sujeita a condições externas ao rancho. As Romarias, com a popularidade que as rodeia e com a envolvência que lhes é característica, concentra muito mais em si do que apenas os homens que cantam e que são Romeiros. Os Romeiros são apenas a parte activa e visível desta tradição. A música, neste contexto não é excepção, sendo praticada para ser recebida e ouvida: a música é performada, e por isso não está completa apenas com a reprodução do som musical. Se em algum momento de maior isolamento, os Romeiros perdem a noção de acompanhamento e observação externa, a realidade é que quase durante todos os oito dias da caminhada, um rancho tem a noção de que está a ser observado. Os Romeiros mostram sempre particular cuidado quando chegam a uma freguesia na qual os aguarda alguma assistência, principalmente no final do dia, quando se trata da freguesia que os vais receber

para pernoitar. “ À entrada numa povoação, os cânticos redobram de intensidade (...)” esta é a observação feita pelo autor Alexandre Coutinho (2006). A população de uma freguesia aguarda sempre de forma calorosa a entrada de um rancho de Romeiros: “As pessoas param à passagem do rancho (...) e são poucos os carros que não abrandam. (...) Quem vem à porta ou à janela escuta em silêncio (...)” (Coutinho: 2006). Uma das melhores experiências que tive na investigação para este trabalho foi na freguesia das Sete Cidades, no final de um dia, aguardando a chegada do rancho de Romeiros da Vila da Povoação. Um final de dia quase escuro, em que a freguesia se encontrava em silêncio absoluto. Estava sentada num muro da igreja da freguesia e um menino (que não devia ter mais de sete anos) e que esperava, como eu, a chegada daquele rancho, assim que os avistou gritou para dentro da sua casa: “Eles estão a chegar!”. Se calhar, como eu ouvi aquele menino, algum Romeiro do rancho que chegava também o poderá ter ouvido. Este pequeno exemplo serve para mostrar a alegria com que os Romeiros são esperados em todas as freguesias que vão percorrer. Por esta razão, é com o “bem” cantar da sua Avé – Maria que um rancho pode mostrar gratidão pelo apoio dado pelos habitantes da ilha de São Miguel. Para que os Romeiros tenham uma noite descansada, precisam de conforto; conforto esse que só pode ser proporcionado por aqueles que se oferecem para recolher os irmãos (a expressão micaelense é “arrumar Romeiros”) do rancho que pernoita na freguesia. Assim, quando a Avé – Maria é cantada para o público é performada de forma mais elaborada, respeitando todas as palavras, para que estas mesmas sejam perceptíveis. O rancho tem cuidado para que toda a melodia esteja correctamente afinada, para que corresponda às expectativas do público presente no momento, modifica-se a atitude na forma de cantar para que seja compreendido desta mesma forma (Merriam: 1964)²³. Quando uma performance se torna publica, existe um aumento no comprimento e regularidade das frases (Seeger: 1987). O contrário também acontece, pois quando o rancho percorre caminhos que são isolados, a Avé – Maria é cantada mais em silêncio, mais como um murmúrio. Uma melodia cantada apenas para o rancho, que por isso pode repousar um pouco na sua euforia. No entanto, aqui a Avé – Maria mostra a sua principal função: motivação dentro do rancho. Os Romeiros, mesmo quando percorrendo caminhos mais isolados, prosseguem dentro do seu rancho a dividir a oração da Avé – Maria. Continuam a cantar em conjunto, pois mesmo quando o público não existe é necessário que a força permaneça vinda dentro do rancho. A motivação também deve funcionar dentro do rancho (de uns irmãos para os outros).

²³ “(...)the behavior it self is shaped to produce music sound(...)”

Para fechar o círculo da análise musical, como no percurso circular das Romarias, faço aqui referência, de forma mais geral ao último dia da caminhada. É importante referir este último dia por duas razões: porque significa o fechar do ciclo da caminhada e é um dia de contexto muito particular. Musicalmente, os resultados perceptíveis na interpretação da Avé – Maria, são muito semelhantes aos que acontecem na chegada a qualquer outra freguesia. A melodia cantada (e por isso ouvida) com calma, com frases, palavras, respirações e retomar de frases cantados de forma pausada. Apesar de as palavras Avé – Maria e Santa Maria serem sempre as cantadas com maior volume, neste caso não especificamente por razões de alterações na respiração, mas sim, por se tratarem das notas mais agudas cantadas ao longo da Avé - Maria. Por serem mais agudas são notas mais fáceis de “gritar”, não querendo dizer com isso que a melodia não seja perceptível por essa razão. Mas neste caso o contexto é o mais importante. O último dia da caminhada significa o regresso a casa e à igreja da sua freguesia que deixaram uma semana antes. O contexto modifica-se pela familiaridade do lugar: casa. É um regresso ao ambiente da vida do quotidiano de cada Romeiro. As pessoas que os esperam para receber são a família: pais, mães, esposas, filhos e até, quem sabe, um vizinho. A celebração que irá ter lugar na igreja da freguesia do rancho, no último sábado da caminhada, é uma celebração entre os seus familiares. Mais do que isso, cada Romeiro, naquele dia, caminha para ser recolhido na sua casa.

Como se explica que uma peregrinação seja feita a cantar? Porque é mais fácil que o cântico se adapte ao caminhar do que a fala, porque uma melodia os mantém unificados, porque se cantam em conjunto, porque se divide o cântico como se divide o rancho: Avé – Maria e Santa Maria. Sendo uma caminhada de oito dias em torno da ilha, a música funciona como motivação, porque o rancho canta de forma antifonal²⁴ mantendo todo o grupo em contacto e em sincronia através do cântico.

Tal como no livro de Seeger (1987) o autor se dedicou ao estudo analítico do som musical em si mesmo. No seu trabalho tomou particular atenção a algo que acontecia à afinação de uma determinada canção a quando de uma determinada performance (*rising pitch*). O autor de *Why Suyá Sing?* (1987) deu conta de uma subida microtonal da afinação, mas que aparentemente, não havia indicação para que tal acontecesse. Dava-se o caso de performarem uma determinada canção a melodia permanecia igual, mas toda a mesma melodia subia na sua afinação. Mais do que isso Seeger pretendia questionar um problema

²⁴ Ulrich Michels in *Atlas de Música* – volume I. Uma das três formas de interpretar o canto gregoriano, significa a alternância entre dois coros. (2003)

sobre o qual não tinha designação na linguagem Suyá (1987). Era possível, portanto, que os Suyá tivessem um conceito sem uma designação para o mesmo e que talvez por isso não atraísse a sua atenção para o problema designado por Seeger (1987) subida de afinação. Após a análise cuidada do som musical a quando de cada performance o autor concluiu que a subida gradual de afinação acontecia em todos os momentos da performance (1987). Surgiram ao longo do trabalho de Seeger inúmeras sugestões para responder esta questão da afinação: o andamento da canção, a hora do dia e a temperatura (questões também envolta da análise musical feita à Avé – Maria dos Romeiros). No entanto, Seeger (1987) observou que nenhuma destas respostas parecia acontecer com regularidade. Segundo Seeger (1987) os Suyá nunca falaram sobre uma possível tentativa de cantar numa determinada afinação, como tal o autor atribuiu a afinação inicial de cada música à forma habitual de colocação da voz. Esta conclusão feita por Seeger (1987) na análise da afinação feita à performance de um momento musical pelos Suyá, foi também levantada aquando da análise da Avé – Maria dos Romeiros. A tonalidade na qual se canta a Avé – Maria está directamente relacionada com a altura das vozes do rancho que interpreta num momento da música da caminhada.

CONCLUSÃO

Ao terminar este trabalho de mestrado fico com a certeza de ter cumprido com o principal objectivo ao qual me propus: desenvolver, criar conhecimento e registar academicamente o património musical em torno do tema das Romarias Quaresmais de São Miguel. Tive como principal objectivo abordar a tradição das romarias da minha ilha em torno da música performada, ou seja, a forma como as romarias são cantadas e são ouvidas. Porque cantam os Romeiros foi a questão que se manteve em destaque durante toda a minha investigação, e ao terminar, creio que consegui cumprir com a demonstração de que no desenvolvimento, performance e recepção desta tradição se encontra a música na sua espinha dorsal. Durante os quarenta dias reservados ao calendário religioso da Quaresma, milhares de homens cantam em caminhada e são ouvidos enquanto cantam na sua caminhada. Por este motivo, era mais do que necessário registar e mostrar a organização musical que está em torno de todos os momentos que compõem as *Visitas às Casas de Nossa Senhora*. A preparação da Romaria com as reuniões, cuja grande parte diz respeito ao ensaio musical de todas as canções destinadas para a semana de romaria. As celebrações elaboradas e cantadas pelos ranchos, seja na missa de saída (exemplo descrito no trabalho), seja dentro das igrejas no decorrer da caminhada e mesmo na missa de regresso à sua paróquia. Mais do que o repertório musical cantado nas celebrações eucarísticas, optei por destacar o hino das romarias: a Avé – Maria. Cantada consecutivamente durante os oito dias da caminhada, esta melodia ficou aqui transcrita, registada e analisada musicalmente. A análise aqui concretizada teve o cuidado de rever outras análises feitas sobre a mesma melodia, como são os exemplos de Bettencourt da Câmara (1984) e Coutinho (2006). A análise desenvolveu-se em torno da sua melodia, intervalos e fraseados e nas condições de contexto que criavam as diferenças entre a mesma oração cantada por diferentes ranchos. A certeza de ser uma cantiga que faz inteiramente parte da minha ilha e que opera tal poder que o tempo da Quaresma não se encontra completo sem a mesma. Não basta compreender que a Avé – Maria no último ano foi cantada por cerca de 60 ranchos (como de resto tem vindo a acontecer nos últimos cerca de dez anos), que cada rancho pode compreender entre vinte a cem homens, mas que para além disso, é a Avé – Maria por excelência de todos os micalenses. Todo e qualquer micalense é capaz de reproduzir oralmente e reconhecer esta mesma melodia. Atrevo-me a concluir que a Avé – Maria dos Romeiros é um pouco de todos nós (micalenses) e que é um dos sons que melhor representa a ilha de São Miguel, principalmente nos dias cinzentos e

húmidos da Quaresma. É um exemplo claro de como a música pode ser condicionada, de diversas formas, pelo seu contexto. Ficou exemplificado como o público que assiste a uma caminhada influencia a forma como a Avé – Maria é entoada, bem como as condições rigorosas de percurso que os Romeiros atravessam a quando da sua peregrinação e, por último, que até as condições meteorológicas são um factor a ter em conta quando se observa a performance da Avé - Maria.

A oração cantada da Avé – Maria é o motivo principal desta tese de mestrado. O poder e importância de uma oração entoada milhares de vezes ao longo de oito dias de caminhada, mostra-se na capacidade que esta oração tem, através dos seus Romeiros que acreditam nela, de unificar e ajudar um rancho a superar a prova dura das Romarias Quaresmais de São Miguel. Os Romeiros cantam porque acreditam que é a sua forma mais poderosa de oração, cantam em conjunto (de forma antifonal), cantam para se manter unidos e concentrados por forma a cumprirem com o seu objectivo de percorrer a ilha no tempo destinado para a sua peregrinação. Cantam porque ao cantar “se reza por duas vezes”. Os Romeiros cantam porque é assim que o seu grupo se organiza: na caminhada; dividindo a oração em Avé – Maria e Santa Maria; e nas celebrações: para que todos possam participar e organizar as missas em torno das canções. A música dos Romeiros é, em parte, a expressão da cultura micaelense, e a forma como os Romeiros, em peregrinação, comunicam com a restante comunidade da ilha de São Miguel. Os Romeiros também cantam porque estreitam ligações com a ilha que os acolhe e ajuda a concretizar a sua performance.

Com esta organização tão dependente da música, segue-se necessariamente uma procura por repertório musical e assim, começam a surgir cada vez mais composições musicais originais que se destinam à Romaria em si. Foi aqui demonstrado apenas um exemplo: o Romeiro Anibal Raposo (rancho de Santa Clara). As duas composições aqui expostas, foram assim escolhidas por se tratarem de dois exemplos bastante distintos: uma marcha e uma canção entoada de forma responsorial. Para tal, ficaram neste trabalho transcritos este dois exemplo, que farão parte, no futuro quem sabe, de um cancioneiro religioso das ilhas dos Açores. Assim, é possível concluir, que a vivência musical é de tal forma activa nas Romarias, que se tornam motivo para a criação de repertório original para o cancioneiro da ilha do arcanjo. A importância da música sente-se de tal forma que já surge a necessidade de criar música propositadamente para este efeito. Mais do que isso, a riqueza musical das Romarias está numa tradição que para além de ser o motivo que conduz a escrita musical, é também o lugar onde a mesma música pode ser experimentada e utilizada. Depois

de apresentada, será, naturalmente divulgada e ouvida. Assim que uma canção faz parte do repertório de um rancho, poderá fazer parte do repertório de todos os outros ranchos. O contexto onde as Romarias se desenvolvem tem a capacidade de criar e sustentar a música que nele existe, se por um lado são a razão para a criação de repertório original, também são capazes de o performar, manter e mais do que isso, divulgar.

Outra motivação que conduziu esta investigação foi a questão em torno das origens das Romarias, principalmente procurar uma revisão dos dados que rodeiam as mesmas. A possibilidade, que não pretendi que fosse exluída, dos quilhentos anos de história, já desde o tempo dos terramotos do século XVI, não é, de todo, posta de parte. Mais do que isto, e estando perante a possibilidade de tantos séculos de história das Romarias, qualquer investigação e tentativa de alcançar uma ideia sobre as origens, será sempre uma aproximação de todas as verdades em torno das mesmas. O meu objectivo de trabalho, neste sector, não passou por desmentir toda e qualquer teoria e aceitação que existe através das fontes históricas sobre as Romarias, mas sim, mostrar que a ideia temporal, a ideia de longevidade, perde importância perante uma tradição já tão enraizada e instituída como é o caso das Romarias Quaresmais de São Miguel. No decorrer da revisão e investigação das fontes históricas sobre as Romarias, surgiu um novo dado relacionado com as confrarias e as misericórdias. A possibilidade das Romarias terem encontrado abrigo nas confrarias para se manterem é uma sugestão que creio, de todo, não estar fora do contexto. A ideia de que as primárias procissões penitenciais que, segundo a interpretação dos dados históricos, estavam directamente relacionadas com as confrarias de Nossa Senhora do Rosário, justifica, assim o lugar que possam ter na história das origens das Romarias. No entanto, sobre este assunto, parece-me importante concluir a capacidade de sobrevivência e adaptação das Romarias da minha ilha. Sejam das medievais procissões da época dos terramotos de que nos deixou escrito Frutuoso (1998), é para mim, importante mencionar a forma como as temos hoje bem organizadas. Não há Quaresma na minha ilha que não seja feita ao som dos passos cantados dos Romeiros. No calendário das manifestações religiosas das ilhas dos Açores, os Romeiros ganharam, e com certeza pela sua forte persistência, o seu lugar de destaque. Nos dias de hoje as Romarias fazem-se na Quaresma, em torno de toda a ilha, tendo no decorrer da caminhada o mar sempre à esquerda de cada rancho e têm a duração de oito dias. No entanto, revistos os seus antecedentes e as suas possíveis origens, é importante referir que as Romarias são uma expressão da religiosidade católica, mas que se sustém de forma laica, com os seus estatutos próprios que as organizam e coordenam e que se manifestam na fé do povo micaelense. Esta

espiritualidade, que é tão própria do micalense, manifesta-se de modo especial pela devoção a Nossa Senhora, portanto, no culto mariano das Romarias Quaresmais.

Porque cantam os Romeiros? Qual é a importância dada à música que se torna tão valorizada na experiência tida em Romaria? A música da caminhada, a *Avé- Maria* dos Romeiros é caracterizada pela forte influência das palavras sobre o texto, visto que a melodia serve totalmente para ilustrar o texto da oração. As suas frases construídas através das respirações, a tonalidade entre diferentes ranchos marcada pelos diferentes timbres de vozes e sotaques dos homens que constituem os diferentes ranchos, a repetição condicionada pelos diferentes percursos percorridos durante oito dias de caminhada; conferem características muito particulares a esta oração cantada da *Avé – Maria* dos Romeiros. Inalcançável nas suas origens, e que os mais antigos da ilha falam dela por sempre a ouvirem na sua lenta e pesada melodia. Mais importante do que as suas origens, tornou-se a experiência de comunidade feita através desta canção. Como explicou Seeger (1987) cantar para o povo Suyá é uma parte essencial para a convivência em sociedade, por estabelecer domínios espaciais, durações temporais e formas de relacionamentos humanos. Para os Suyá o canto organiza diferentes momentos da vida em sociedade. Esta é uma das conclusões mais importantes relativas a este trabalho. Para o funcionamento dos oito dias da semana em Romaria, a música desempenha o papel principal de coordenação dos diferentes momentos (as missas, os convívios internos do rancho e a caminhada), sendo a principal responsável pela unidade e concentração do rancho em todo o percurso. Ou seja, através da repetição exaustiva de uma mesma melodia, o rancho consegue ultrapassar em conjunto a caminhada de fé das Romarias. A entoação repetida do cântico da *Avé – Maria*, permite aos Romeiros que se relacionem não só entre si (dentro do rancho), mas também para com todos aqueles que, na ilha de São Miguel assistem há performance da tradição das Romarias. Cantar é uma experiência do indivíduo, do indivíduo na sua sociedade e serve o propósito de representar a identidade na sociedade (Seeger: 1984). Cantar é a forma, por excelência, para os Romeiros de mostrar a sua experiência tida dentro da comunidade do seu rancho e da comunidade de toda a ilha.

O cântico é a forma como as Romarias se reproduzem socialmente e faz inteiramente parte de todas as cerimónias e rituais levados a cabo nesta semana de caminhada. As performances das cerimónias são a forma como os Romeiros se mostram à comunidade da qual fazem parte. Como exemplifica Seeger (1987) nas palavras de Roy Rappaport: a performance relembra ao indivíduo que existe uma ordem, mais do que isso, estabelece essa ordem (Seeger: 1987). Esta ordem está, portanto, ilustrada na performance das cerimónias da

caminhada da Romaria. Esta ideia de ordem e de organização é partilhada entre a música e o Mestre. Por um lado o Mestre como figura principal dentro da hierarquia do rancho, e a música responsável por organizar as celebrações eucarísticas e, mais importante do que isso, o estandarte musical das Romarias Quaresmais de São Miguel, a Avé – Maria.

Por último, as experiências deste trabalho serviram também, em grande parte, o propósito pessoal de escrever sobre a riqueza etnomusicológica da minha ilha, das pessoas que a concretizam e do significado musical e cultural que os Romeiros envergam em todo o seu esplendor. Com informação e desejo de prosseguir seguindo os estudos em torno deste tema, fica aqui o registo de uma introdução etnomusicológica ao mundo da performance musical das Romarias Quaresmais de São Miguel.

BIBLIOGRAFIA

ABRANCHES, Joaquim Cândico.

s.d. “Os Romeiros de São Miguel” in *Novo Almanaque de Lembranças Luso – Brasileiras*.
Lisboa: Lallémant Frères.

AHLBÄCK, Tore, (ed.)

1993 *The Problem of ritual*. Abo: The Donner Institute for Research in Religious and Cultural History

ALVERNE, Frei Agostinho de Monte.

1986 *Crónicas da Província de S. João Evangelista e das ilhas dos Açores* - Volume I.
Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

ALVERNE, Frei Agostinho de Monte.

1994 *Crónicas da Província de S. João Evangelista e das ilhas dos Açores* - Volume II.
Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada. (2ª ed.)

ALVERNE, Frei Agostinho de Monte.

1988 *Crónicas da Província de S. João Evangelista e das ilhas dos Açores* - Volume III.
Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada. (2ª ed.)

APPADURAI, A. & F.J. Korom & M.A. Mills (eds)

1991 *Gender, Genre, and Power in South Asian Expressive Traditions*. Philadelphia:
University of Pennsylvania

AUBERT, Laurent & Anthony Seeger (colaborador); Carla Ribeiro (tradução)

2007 *The music of the other: new challenges for ethnomusicology in a global age*.
Burlington: Ashgate publishing, Ltd

AAVV

1982 *Apontamento Histórico e Etnográfico de São Miguel e Santa Maria*. Ponta Delgada:
Direcção Escolar.

AAVV

2008 *História dos Açores. Do descimento ao século XX – Volume I e II*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

1984 *Romeiros de São Miguel: 1534 – 1984. Nos 40 anos da Diocese de Angra e Ilhas dos Açores*. Ponta Delgada: Direcção Escolar.

BAMFORD, Sandra C.; *Embodying Modernity and Post Modernity: Ritual, Praxis, and Social Change in Melanesia*; 2007.

BEARD, David, Kenneth Gloag,

2005 *Musicology. The Key Concepts*. London: Routledge

BABIRACKI, Carol M.

2008 “What’s the Difference? Reflection on Gender and Research in Village India”, in *Shadows in the Field: New Perspectives for Fieldwork in Ethnomusicology*. Oxford: Oxford University Press

BÉHAGUE, Gerard

1984 *Performance Practice. Ethnomusicological Perspectives*. Westport: Greenwood Press

BELL, Catherine M.

1997 *Ritual: perspectives and dimensions*. Oxford: Oxford University Press

BETTENCOURT, José M.

1984 *Para a sociologia da música tradicional açoriana*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Ministério da Educação, Biblioteca Breve

BLACKING, John

2000 “On Musical Behaviour” in *Music, culture, and society: a reader*. Oxford: Oxford University Press

BRAGA, D. António Sousa.

2003 “Romarias Quaresmais de São Miguel” in *Saber*. Ponta Delgada.

BARZ, F. Gregory

2003 *Performing Religion. Negotiating Past and Present in Kwaya Music of Tanzania*. New York: Rodopi.

CONNOLLY, Peter

1999 *Approaches to the study of religion*. London: Continuum International Publishing Group

COSTA, Francisco Carreiro.

1978 *Esboço Histórico dos Açores*. Ponta Delgada: Instituto Universitário dos Açores.

COSTA, Susana Goulart.

2008 *Açores: Nove Ilhas, Uma História*. Berkeley: University of California

COUTINHO, Alexandre & Luís Felipe Mota Machado & Pedro Mota Machado

2006 *A Irmandade dos Romeiros*, Portugal: Lucerna (1ª ed.)

DIAS, José Maria Teixeira

2011 *A História do Povo Açoriano*, Ponta Delgada: Publiçor.

ELIADE, Mircea. Rogério Fernandes (trad.)

2006. *O Sagrado e o Profano. A essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil.

EMILIO, Cecília Candoza.

1990 *Azorean Folk Costumes*, San Diego: edição do autor.

FERREIRA, Ernesto.

1959 “As Romarias Quaresmais na ilha de São Miguel.” In *Insulana* vol. XV, Janeiro – Junho.

FRANCISCO, Ernesto e Oliveira, Martins.

1992 *A Festa nos Açores*. Ponta Delgada: Serafim Silva/ Artes Gráficas.

FRUTUOSO, Gaspar.

1998 *Saudades da Terra- Livro IV*. Ponta Delgada: Edição do instituto cultural de Ponta Delgada.

FELD, Steven & Aron Fox

1994 “Music and Language” in *Annual Review of Anthropology* vol. 24.

GASPAR, Manuel Vieira.

2003 *Pára! Os Romeiros vão passar*. Núcleo filatélico Infante/ Juvenil O milhafre.

GEERTZ, Clifford

1973 *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books

HOBBSBAWM, Eric, Terence O. Ranger (ed.)

1992 *The Invention of Tradition*, Cambridge: Cambridge University Press.

HATZFELD, Henri; Armando Pereira da Silva (tradução)

1997 *As raízes da religião: tradição, ritual, valores*. Lisboa: Instituto Piaget.

HOPPIN, Richard H.

1978 *Medieval Music*. Estados Unidos da América: Norton.

MAGRINI, Tullia

2003 *Music and Gender. Perspectives from the Mediterranean* Chicago: University of Chicago Press

MELLO, Maria Orísia & Cabral, Conceição Melo.

2010 *Açores - Quem somos/ Porque somos*. Ponta Delgada: Publiçor.

MELO, J. Tavares de

1984 *Ritual Translúcido*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura

MENEZES, Avelino Freitas & Mator, Artur Teodoro & Leite, José Guilherme Reis (direcção científica).

2008 *História dos Açores: do descobrimento ao século XX*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

MERRIAM, Alan P.

1964 *The Anthropology of Music*. Evanston: University of Illinois Press

MIZRUCHI, Susan Laura (ed.)

2001 *Religion and cultural studies*. Princeton: Princeton University Press

MOURA, Mário & Rodrigues, José António.

s.d. Rostos de Fé- Romeiros na Ilha de São Miguel. Ponta Delgada: Publiçor.

NARCISO, Santos.

2003 “Romeiros de ontem e de hoje – Passos de Fé que marcam o tempo.” In *Açorianíssima: Março – Abril*. Ponta Delgada.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de

1984 *Festividades cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações D. Quixote

PIMENTA, Pde. Manuel António.

2003 “Pelas Estradas da Vida... Os Romeiros de São Miguel” in *Saber*. Ponta Delgada.

PINTO, Agostinho.

2008 *Uma singular peregrinação cristã. Romarias Quaresmais da Ilha de São Miguel – Açores*. Ponta Delgada: ECCE.

RAPOSO, Paulo Jorge Pinto

1994 *Ritual: uma expressão performativa da experiência social: diálogos com os santos e com os mortos*. Lisboa [texto policopiado]

SALOMON, Herman Prins

1980 *A fifteenth century haggada with ritual prescriptions in Portuguese aljamiado*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian

SARAIVA, Álvaro & Teixeira Dias

1987 *Romeiros: Peregrinos de Hoje*. Ponta Delgada: edição dos autores.

SCARES, Joseph A

1997 “A Reformulation of the concept of Tradition” in *International Journal of Sociology and Social Policy*. MCB UP ltd.

[SEGALEN, Martine](#); [Carvalho, Elsa](#), trad.

2000 *Ritos e Rituais*. Mem Martins: Europa América.

SERPA, Caetano Valadão.

1978 *A Gente dos Açores*. Lisboa: Prelo Editora.

SEEGER, Anthony.

2004 *Why Suyá Sing. A Musical Anthropology of an Amazonian People*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press.

SHELEMAY, Kay Kaufman.

1986 *Music, Ritual, and Falasha History*.

SOUSA, Ana Isabel.

2006 *Açores. História, festa, romarias e Igreja no feminino*. Ponta Delgada: Gráfica Açoreana.

SOUSA, Roberto.

2002 *Romeiros de Água de Pau – A fé de um povo*. Água de Pau: Junta de Freguesia.

SUPICO, Francisco Maria.

1995 *As Escavações – Volume I, II, III*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

SWATOS, William H.

1994 *Gender and Religion*. New Brunswick: Transaction Publisher

TABICO, António.

2003 *Romeiros: a fé de um povo*. Associação Luso- Canadiana dos Romeiros de São Miguel.

TURNER, Victor Witter

1969 *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*. New York: Aldine Transaction (3ªed.)

VIEIRA, Carlos Manuel Bolarinho

2004 *Diário de uma romaria: rancho de Romeiros da Matriz de São Miguel Arcanjo*. Vila Franca do Campo: Câmara Municipal.

WHITEHEAD, Tony Larry & Conaway, Marry Elle (editores)

1986 *Self, Sex, and Gender in Cross- Cultural Field*. Illinois: University of Illinois Press.

YELLE, Robert A.

2003 *Explaining mantras: ritual, rhetoric, and the dream of a natural language in Hindu tantra*. London and New York: Edição de Routledge

ANEXOS

ANEXO 1

Entrevista Padre José Paulo:

Ana: Começando pelo princípio. É responsável pelo rancho aqui em Santa Clara.

P. José Paulo: Na medida em que fui eu que lancei a ideia. Os responsáveis foram os 30... 35 irmãos que na altura há 10 anos quiseram também... portanto isso correspondeu a um desejo, houve muito cepticismo, muita gente que à partida não quis, que achava isso uma quimera, uma ideia leviana e é importante dizermos sem qualquer jactância ou vaidade que no contexto da cidade de Ponta Delgada o rancho de Santa Clara foi pioneiro em suscitar outros dois ranchos aaa... um ano ou dois depois foi o Rancho de São José e quatro ou cinco anos depois foi o rancho da Matriz. Portanto, acho que Santa Clara foi um pouco o gene que corresponde um pedaço aquilo que é o sentir da nossa, como é que eu vou dizer, da nossa... do nosso povo, da nossa tradição religiosa. É porque repara, há 40 anos 50 anos os ranchos nem sequer passavam pela cidade de Ponta Delgada nem sequer pernoitavam...

Ana: Era proibido...

P.J.P: Portanto, quem saía normalmente nos ranchos era uma camada social mais pobre, mais desfavorecida, conectada por vezes com o álcool, portanto os ranchos de romeiros andaram um pouco pelas ruas da amargura, e só mais tarde, e aí teve um papel purificador um Homem não muito estimado, mas os Açorianos são um pouco assim, que foi o Bispo, o antigo Bispo D. Aurélio, que se lembrou de fazer uns estatutos para as romarias, e estes estatutos para as romarias disciplinaram, disciplinaram as romarias, no sentido de se criar regras, obviamente que estas regras nas romarias são o que é possível...

Ana: Claro!

P.J.P: Porque não há... a lei é boa, mas a lei também pode ser uma escravatura.

Ana: Claro, e cada um cumpre como pode.

P.J.P: Exactamente.

Ana: Ah! A criação deste rancho mudou, ou trouxe alguma coisa à paróquia de Santa Clara.

P.J.P: Sem dúvida que trouxe! Trouxe, olhe, novo sangue. Gente que, por exemplo, não praticava, cristãos que não praticavam e começaram a praticar portanto a sua fé. Relativamente À questão, sei lá, de gente aqui na casa dos 50 40 anos que começou de facto a mudar a sua vida. E aliás o nosso rancho sempre foi conectado com essa faixa etária, a faixa dos 40 para cima ... normalmente é constituída por esta faixa etária, que é um rancho velho, um pouco na terminologia dos ranchos de São Miguel é considerado um rancho velho. Portanto, este ano, apareceu-nos duas crianças as duas com 11, eram assim um bocado umas

aves raras no meio de Homens carecas, barrigudos e velhos e de cabelos brancos, portanto, de modo que, nós temos essa conotação. E porquê? A evangelização se calhar começou precisamente por essa faixa etária e... há coisas que no rancho de Santa Clara são completamente diferentes do que nos outros ranchos, quer dizer, um amadurecimento... de gente de já uma certa idade, que não tá propriamente para determinado tipo de de de, de outro tipo de acções que houve aí nos outros ranchos, quer dizer nós não somos, não é melhor nem pior é o que é, é uma característica deste rancho de Santa Clara, né... Agora se me perguntou se me perguntas o que é que mudou... mudou com certeza a participação ah... desde há dois anos que nós temos o chamado Grupo Paroquial, que é no fundo o braço do rancho de Santa Clara para que os romeiros se empenhem portanto nas actividades da comunidade, tais como procissões, tais como festas de Santa Clara, acções sócio caritativas, mensalmente o rancho de romeiros faz 4 5 cabazes, ricos cabazes para dar às populações, portanto, é... o testemunho, no fundo, é o grande anuncio da ressurreição do Cristo Pascal, do Cristo Vivo. E portanto, eu penso que o rancho de romeiros dá, é um belíssimo testemunho a nível da comunidade paroquial, e a nível, sobretudo, da acção. Agora podes-me perguntar: são todos? Obviamente que nestas coisas nunca são todos, são sempre percentagens diminutas, mas mesmo assim já...

Ana: Já é melhor...

P.J.P: Sim, sim, sim, sim, sim!!!

Ana: Ah... os romeiros trouxeram-lhe, e falo dos Homens romeiros da paróquia de Santa Clara, trouxeram algum público entre aspas, à sua Igreja, ou seja...

P.J.P: Em termos de fiéis e de assembleia. Obviamente que é uma das coisas, isto está muito melhor, mas uma das coisas que inicialmente que dizia-se que a freguesia ficava deserta quando os romeiros saíam, porque as famílias iam em caravanas, não só traziam os parentes próximos como a vizinha, a criança, o avô, ao ponto de nalgumas mesas, se calhar pudeste ver isso, não sei se tiveste no almoço das capelas, mas no almoço das capelas...

Ana: Sim!

P.J.P: Mas no almoço das capelas há banquetes que as famílias se abancam e os romeiros, se não forem providentes, comem em pé. Mas... é um bocado isso, quer dizer, há uma certa, eu diria, uma certa euforia familiar à volta dos romeiros. Isso é importante!!! Não deixa de ser importante, porque de facto há toda uma retaguarda que fica tocada pela, pelas romarias, não é. Ahhh.... Mas eu penso que este lado está a diminuir, foi no início quando o rancho de romeiros começou aqui em Santa Clara que houve um bocado, que houve um bom me de

gente que aderiu, e que depois as coisas voltam a normalidade e, depois da poeira da euforia assentar fica tudo normalizado, agora, quer dizer que há toda uma série de famílias que ficam tocadas precisamente pelas romarias, e também, a falange feminina, né, a falange feminina também foi muito tocada pela romaria das mulheres. A romaria das mulheres é uma manifestação, eu não sei se já viste, mas é uma manifestação que, quer dizer, dá para arrepiar, imagina... um grupo de 800 mulheres como este ano, cerca de 800 Senhoras, puseram-se na estrada em caminhada, dá que pensar, quer dizer, quem é que tem paciência para se incorporar, aqui não temos a falar de queremos trabalho, a fábrica fechou, direitos dos enfermeiros... ou uma fábrica que fecha e querem emprego, uma reclamação, ou uma não sei quê, ou o leite desceu, ou o peixe não é bem pago, aqui fala-se ou aqui trata-se de gente que faz uma manifestação pública para louvar a Deus, né. Isso também veio por contágio da romaria masculina, da romaria quaresmal, né. Portanto, o ano a seguir aos romeiros saíram criou-se, de facto, a romagem feminina, que é um fenómeno interessante: são 4 catequeses para 800 senhoras, é a celebração de confissões, o que é de facto formidável.

Ana: Há toda essa questão à volta da participação feminina nas, nas romarias e até há descrições de início do século passado da participação de mulheres nas romarias masculinas... concorda, discorda... acha que elas já tem o seu lugar na romaria masculina?

P.J.P: Hummmm... não vou por aí. Não vou por aí por duas coisas: em primeiro lugar, acho que os Homens, derivada a essa questão, portanto, dos estatutos, não estão preparados, nem de perto nem de longe, para caminharem lado a lado, com mulheres. Nós tivemos uma experiência interessante num ano ah... em que uma Senhora meteu-se atrás da nossa romaria, nem nos pediu licença, acho eu, nem nada, e tivemos sempre essa senhora sempre toda a semana atrás do rancho. Pronto, tudo bem. Chegava-se a altura das necessidades no meio das distrações, essa senhora deve ter visto coisas que nunca viu e..... Eu acho que é um pouco, repara, quer dizer, que elas inicialmente foram assim, vamos às origens. Historicamente prova-se que só com Fontes Pereira da Melo e temos a falar séc. XIX, no princípio do séc. XIX não é...

Ana: Hum hum!

P.J.P: Por aí. É que São Miguel teve estradas a unir todas as freguesias. Portanto, não havia ligação, finais do séc. XVIII princípios do séc. XIX não havia ligação entre as freguesias, portanto, como é que os romeiros faziam isso, por trilhos, como é que os romeiros.... É muito duvidoso que existam romarias por toda a ilha, é muito duvidoso. Dizer-se que as romarias quaresmais têm 500 anos, quanto muito 200 ou 120 e tal, portanto, isto é um dado, que se

pode confrontar com dados históricos, nomeadamente Jacinto Monteiro, e outros que estudaram este fenómeno, né, e que está provado, que as romarias, por ventura, inicialmente até podem ter a marca dos 500 ou 400 anos, não sei, mas muito ligadas ao concelho, ligadas a uma área restrita, seja Povoação, Furnas, Vila Franca, e não há ilha toda. Que é complicado, só com Fontes Pereira de Melo é que se faz a ligação das freguesias todas da ilha de São Miguel, portanto, e a partir daí, este é um dado histórico que, quanto a mim, vem consubstanciar o facto de que as romarias não têm, de facto este meio milhar de anos de que se fala. Portanto, isto é uma opinião, muito minha, mas que os mestres de romeiros não falam nisso ou que os Homens das romarias dizem, ah não, temos 500 anos, desde que Açores é Açores que existem as romarias. Não! Porque de facto se agente for aqui às origens os primeiros povoadores desta ilha, era gente que, e nós descendemos desta gente, era gente que veio da cadeia, abriram-se as cadeias vieram para cá. Os padres /frades franciscanos é que foram os primeiros evangelizadores, portanto, há aqui uma grande dose de franciscanismo: Eu te saúdo oh Maria; Seja louvada sagrada vida paixão morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, todas estas saudações da romaria são saudações franciscanas, portanto, São Francisco de Assis escreveu isto, o próprio culto ao Espírito Santo, é um culto que vem de um ramo do franciscanismo chamado espirituais franciscanos é que deram azos (?), portanto... ah... hoje porque é que o Espírito Santo acabou em todo o país, está em Tomar, na festa dos tabuleiros, mas a festa dos tabuleiros é mais uma coisa para turista ver, quer dizer... também como as nossas festas do Espírito Santo aqui em Ponta Delgada que é um bocado igual. Mas... o Espírito Santo hoje está a tornar-se num folclore, repara... agora é a câmara da Lagoa que quer, antes era só a câmara de Ponta Delgada e coisa, agora a Ribeira Grande também já quer fazer. É um culto anárquico que o regime autárquico, que o regime governamental tão a tornar-se os grandes mordomos de algo que tem a ver com o nosso povo, quer dizer, a coroa do Espírito Santo, e a bandeira que simboliza, e mesmo em termos simbólicos, o que é que eles dizem sob o ponto de vista de fé, é complicado nós irmos por aí... obviamente que eu não posso pregar isto desta maneira, tamos numa conversa pessoal, não é, e intransmissível, como diz a TSF, mas... não desviando das romarias, as romarias, portanto, Gaspar Frutuoso que foi o Homem que começou a estudar isto, da religiosidade dizia, mas ninguém consegue fazer nada aqui com esta gente, os padres franciscanos tavam aqui frustradíssimos porque era gente de um calibre e com um cadastro atrás de si, de crime e não sei quantos, que se estavam borrifando para a religião. Isto só começa a mudar quando há a grande crise sísmica do séc. XVI, aqui em Vila Franca, quando Vila Franca desaparece,

quando de facto existem vulcões e terremotos, a terra começa a tremer, o medo surge, e há uma viragem para a religião, e aí começa, dizem, as romarias quaresmais.

Ana: Alguma coisa começa aí, não é? ...

P.J.P: Romarias?!? Mas eu diria muito... reduzidas, não a globalidade da ilha. Que inicialmente as mulheres tenham sido incorporadas, em termos de casais família é muito provável, ahh... mas estas coisas sofrem sempre purificações, se nós formos ao culto da missa, à celebração da missa, uma coisa é a missa do séc. I, logo depois de Cristo morrer, e outra coisa é a missa hoje, quer dizer, as coisas também se vão purificando, vão-se filtrando, quer dizer, não é... a missa tornou-se um pouco na ceia judaica quando antes a missa era uns zagabes(?) ah... com cozidos a portuguesa, torresmos, que eu não sei o que é que se comia nas Italias em Roma, mas era um pouco isso, quer dizer, não dava certo ____ depois reduziu-se a ceia pascal com pão e vinho (?) é esse também um pedaço histórico de todo o culto é, os inícios, como são, e depois a lógica purificadora dos tempos, do Homem de cada tempo, portanto, as próprias orações foram-se purificando, embora existam, ainda hoje, uma ou outra que levantam alguma duvidas, que eu duvido da sua eficácia, agente diz que tudo cheira a Nosso Senhor, eu também acredito nisso, né... tudo cheira a Nosso Senhor, mas também antigamente rezava-se, e penso que ainda há alguns romeiros que o fazem, pelos cadáveres que estão no cemitério, quer dizer, os cadáveres? Não faz assim muito sentido, embora eu perceba o que se quer dizer, mas... ah, portanto, houve toda uma purificação, houve toda uma evolução das romarias que neste momento se tornam um movimento interessantíssimo sob o ponto de vista de piedade de encontro, de deserto de desinstalação, de retiro, isto é que é o fundamental. Agora, dizer, bem as origens iam mulheres (?) isto hoje era absolutamente inconciliável. Aliás a prova que nós temos disso é a romaria feminina a romagem feminina de um dia que se faz aqui em São Miguel. Portanto... e só nesse dia é um problema para uma Senhora fazer uma necessidade que... é muito complicado, mesmo em termos de, como é que eu vou dizer, em termos de, prática de prática de caminhada é difícil, muito difícil.

Ana: Eu acho que a romaria feita pelas mulheres ter 700 mulheres, claramente diz que elas têm uma necessidade terrível de participar de alguma forma... de forma igual como os maridos participam, como os filhos participam, como os irmãos participam. No entanto eu tenho a sensação (...) de que as mulheres têm um lugar naquela romaria. Para já é um culto mariano, para começar por aí, e eu não tenho duvidas nenhuma sobre este lugar, seja pelas intenções, seja pelo apoio mental que aqueles Homens têm, e algumas mulheres participam muito pouco, ou pelo menos pouco visivelmente. Ou seja, eu acho que existe um lugar da

mulher na romaria que nós conhecemos... são verdade, ou sou eu que imagino todas estas coisas.

P.J.P: Há um lugar... vamos lá ver, em primeiro lugar, há toda uma sensibilidade que fica afectada. Fica afectada pelo cansaço... o Homem chora, fica sensível, percebes? Há um lado de sensibilidade, que fica muito mais aguda pelo cansaço, pela ausência até pela preocupação de quem não está presente, etc... agora, quanto a mim, há ranchos que nem sequer admitem a presença das mulheres ou das filhas a semana inteira, nem digo de famílias. Portanto, eu acho que não, eu acho que há toda uma retaguarda que é fundamental no bem-estar dos romeiros... retaguarda esta que são as mulheres, que são os filhos, eu diria que dos momentos mais românticos que vejo, não tenho dúvida em dizer-lo, de muitos Homens, que tem trabalhos pesados, puxados... que se calhar não tem o hábito de tirar um Domingo para a família, grandes momentos de romantismo são passados na romaria. Não através de carinhos e afectividades, não se trata disso, mas trata-se de refeição que é caprichada, do estar a mesa, do ter feito aquilo que o marido gosta ou que o pai gosta, de ter a preocupação ou de ter um cuidado diferente no trato de... eu que sou solteirão e que vejo isso de fora, percebo esta realidade. Portanto, até me parece que a romaria até convida a uma certa reanimação a uma certa vida conjugal. Há uma beleza que por vezes está escondida, há um capital de amor de afectividade que tá escondido, ou que está oculto porque muitas vezes a vida não o permite porque a vida é dura de cada dia e este capital rebenta muitas vezes em acto de ternura e mesmo de uma intimidade que no dia-a-dia não se tem, e eu não falo de outras intimidades, eu falo da intimidade de uma conversa, do diálogo, da partilha, do cuidado, do estar a mesa, de sentar a filha no colo, de um estremecer quando a mulher endireita um xaile e um lenço, percebes, este tipo de coisas. Porque no fundo, pelo cansaço e pela oração se estão... os sentidos ficam muito mais afinados, ficam muito mais a flor da pele, e fica-se muito mais mimoso se calhar nestes dias, portanto isso a respeito da romaria___ que as mulheres fazem e até nisso eu penso que é importante, mas sobretudo não desvirtuando aquilo que são as romarias masculinas estão moldadas desta maneira, não se vai esculpir a romaria masculina de outra maneira, não se vai fazer outra escultura, elas são isso mesmo, e já estão de tal maneira num grau de maturação, já estão de tal maneira experimentadas na estrada e na casa das pessoas não interessa mexer muito mais.

Ana: Eu concordo consigo, concordo mesmo.

P.J.P: Agora que exista se calhar romarias femininas noutros ___ isto não é fácil, não é fácil porque é preciso também saber qual é a resposta das comunidades, portanto, nós como

romeiros também temos diálogos com as comunidades e com a própria Igreja, e as pessoas que nos acolhem, que são as freguesias onde nós pernoitamos, percebes... que diálogo, que resposta, as romarias femininas poderiam ter como outras freguesias ou com outras paróquias, percebes. Não sei se as pessoas estão muito sensíveis a isso. Que se faça um dia, é tudo muito bonito e até se gosta muito, agora que se faça nos moldes portanto da, sei lá, da romaria masculina... não!

Ana: Quando teve a ideia, vou dizer mais uma vez que foi responsável, da formação do rancho, é o Senhor que vai buscar o Mestre, que é actualmente o Mestre do rancho de Santa Clara. Porque é que o escolheu?

P.J.P: Eu escolhi em primeiro lugar porque o Mestre, no caso do Manuel Pacheco que é paroquiano aqui de Santa Clara, portanto, mora no ramalho, na rua direita do ramalho e é, portanto, não deixou de estar ligado à sua terra natal que é as Feteiras, mas já mora aqui em Santa Clara à trinta anos. Portanto, acho que ele passa mais tempo aqui em Santa Clara do que nas Feteiras, portanto, seria contraditório também se ele não desse a cara por um projecto de uma romaria aqui em Santa Clara. Até porque ele estava nas Feteiras e não era Mestre nas Feteiras. Tinha sido noutro tempo e tinha passado a bola, por assim dizer, o mando, para o irmão mais novo. As Feteiras é uma romaria já muito amadurecida, uma romaria que tem para aí 60 anos ou 70 anos, portanto no rancho existem oradores q.b., dois ou três mestres que já foram, contra-mestres com fartura, um que já foi que já é que já tornou a ser porque já saiu porque já entrou, portanto tem um naipe de irmãos que nós aqui na altura não teríamos, então ele apenas ia na romaria das feteiras porque tinha lá parte da família, e o meu desafio foi convidá-lo, na altura convidei um outro mestre com quem já tinha saído, o que seria difícil porque este mestre morava longe, mas foi o primeiro mestre com quem eu saí em Vila Franca do Campo, na primeira vez que fui de romeiro e, sabendo das qualidades dele, coloquei-lhe a ele a pergunta, e ele disse-me não, tu tens um Homem na tua paróquia que é mestre de romeiros e até já não vai como mestre, que é fulano de tal. E assim foi. Depois, como é que eu vou sair das feteiras e foi o problema de sair das feteiras. Eu disse-lhe, olhe você já não é mestre, e eu acho que a missão da igreja também é esta não é, um rancho está fundado, tem pernas para andar, outro que nem sequer a gatinhar está, portanto, e foi o mesmo desafio que eu coloquei, ao o mesmo desafio que eu coloquei isto a frase de São Paulo, quer dizer São Paulo era um Homem que fundava comunidades, em Corinto gostavam imenso dele, agarravam-se às saias de São Paulo, e mesmo assim São Paulo ia fundar aos romanos ia para ___ ia para Tessalónica, quer dizer não ficava no sítio. Já fundaste uma, um grupo, agora anda

para aqui para Santa Clara fundar outro, e foi um pouco isto, ele aceitou um desafio, e grande sorte a nossa é um Homem excepcional. Grande sorte a nossa porque é daqueles Homens que levam nas pernas, na alma e no corpo mais anos desta tradição, não uma tradição fechada, mas uma tradição aberta sempre a partilha, à leitura dos sinais dos tempos.

Ana: Ele diz que a força não vem dele.

P.J.P: Eu acredito firmemente nisso, porque é um Homem... para já é um Homem muito bom, cheio de qualidades humanas, tem uma voz excepcional e ele assume a liderança do rancho como o servo dos servos, aquela imagem do Cristo que lava os pés aos discípulos assumindo-se como servo dos servos, e nesta linha eu penso que ele assume isso, ele é o último a deitar-se é o último a comer, portanto ele prepara ali, há um lado de delicadeza que eu prezo muito no Irmão Mestre, quer dizer, uma delicadeza natural que não vem propriamente dos punho de renda, não vem propriamente de camisas engomadas, é uma delicadeza natural que nasce da bondade da alma que é excepcional.

Ana: Pegando na frase que o Irmão Mestre já me disse a mim: A força não é minha. Efectivamente alguma coisa acontece a vocês todos. Por isso é que quando vocês entram numa Igreja, e apesar de estarem estourados e molhados agente fica com pele de galinha e as pessoas tiram-vos o chapéu na rua, e as pessoas que estão a circular desligam o rádio e abrem os vidros... alguma coisa acontece... é a força da oração?

P.J.P: Portanto, eu creio que qualquer a primeira oração é aquela que transfigura aquela comum ao coração, toda a oração feita com sinceridade transforma e acho que quem vai de romeiro desce um pouco à cela ao quatinho pequenino ao coração da sua identidade, no coração da identidade de cada Homem mora Deus. É um pouco aquela ideia de Santo Agostinho, procurava de fora... ____ Ferreira Gomes, para mim o melhor bispo português de todos os tempos, o bispo que foi expulso por Salazar na década de 60 gostava muito de falar da peregrinação interior e mais do que a caminhada exterior, onde se conquistam mazelas físicas etc., há uma caminhada interior. E chega-se aquela frase fantástica de Santo Agostinho, um Homem que se converteu tardiamente, que dizia “que procurava de fora, mas encontrei de dentro, procurava de fora oh beleza nova e sempre eterna e dentro tu vieste com os teus raios de luz e quebraste a minha cegueira, procurava de fora e tu vieste com a tua voz e quebraste a minha surdez”. Portanto é esta experiência que é descer á cela do auto conhecimento e ir no fundo, como é que eu vou explicar-te, ao coração da nossa identidade de Homens e de imagem e semelhança de Deus e ver que Deus está lá, o ressuscitado.

Ana: Não é assustador passar tanto tempo em silêncio?

P.J.P: Acho que se devia passar mais. Isso é a minha perspectiva. O silêncio tem, é um instrumento, há uma sinfonia no silêncio e esse grande instrumento do silêncio chama-se coração, portanto agente as vezes pensa que o barulho que se encontra nas cidades de grande confusão, mas o barulho está dentro de nós e é fruto de muito embates e de muitos confrontos, quer dizer e por vezes cá dentro torna-se um desafino de sons que deve ser, é como te digo o silêncio é uma questão interior, eu posso estar no meio da confusão, e estar em silêncio e fazer silêncio, portanto o silêncio é a dimensão mais recreadora da alma humana. É o tal quartinho, o tal espaço pequenino do auto conhecimento onde Deus mora: procurava de fora e estavas cá dentro.

Ana: Era muito mais difícil fazer uma romaria sozinho?

P.J.P: Eu acho impossível, acho impossível porque a fé é essencialmente comunitária, eu acho que é fundamental...

Ana: A força do outro?!

P.J.P: A força do outro através da oração do outro. Como outro reza, como o outro canta, como o outro também faz a sua caminhada a procura e sede do outro, eu penso que isto é fundamental, aliás faz parte dos estatutos, nunca se vai pernoitar sozinho é sempre com alguém. É a dimensão comunitária da fé que eu penso que enquanto povo que enquanto grupo que sozinho a coisa era totalmente impossível. Não se arranja forças. Isso vê-se as vezes no meio das preparações, que agente para se preparar sozinhos agente faz uma caminhadas, mas isso tem pouco a ver com o sentido de físico, agente as vezes vai fazer uma caminhada daqui para lá e vê um individuo a sair de uma canada escura e quer fugir logo, mas se for com dois ou três a coisa já é diferente, é completamente diferente. Portanto e a força do grupo é a força da comunidade. Mas inicialmente a fé partiu foi daí, quer dizer não foi de uma perspectiva individual.

Ana: Não é cansativo cantar constantemente a Ave-maria? Ou a Ave-maria também ajuda na tal formação de...

P.J.P: Por isso é que quanto maior é o rancho mais facilmente agente fazer um pouco umas certas continências vocais... há muita gente sobretudo quem não tem muito fôlego e os mais idosos é difícil cantar sempre com a mesma pujança com o mesmo ritmo dos mais novos, portanto isso vê-se claramente. Há a rouquidão é complicado... o nosso rancho por exemplo tá sempre a cantar, há outros ranchos que fazem silêncio, aí está, são pontos de vista, eu por exemplo acho que faz-nos falta silêncio.

Ana: A Ave-maria não... eu tenho aquele problema de estudar música à muitos anos e nada me tranquiliza tanto como a música, não há nada que exista como a música. Eu sinto-me tranquila a ouvir-vos cantar, muito tranquila, e acho que toda a gente deve sentir alguma coisa... deve ter algum efeito em vocês, a vossa Ave-maria.

P.J.P: Sem dúvida, eu acho que, eu costumo dizer que o som da Ave-maria é um som telúrico, telúrico porque dá a impressão que vem das entranhas da terra. Porque é que eu faço esta comparação? Estamos numa terra sísmica, vulcânica e uma das coisas que mais me impressionou foi o barulho de um terramoto, quase que vem das entranhas da terra. E eu acho que o som da Ave-maria é um som que tem a ver com esta terra, quase como um terramoto que nos invade. É um som muito virado para esta terra que treme, que é vulcânica...

Ana: Que é instável, que tem mar a toda a volta...

P.J.P: Que é instável, onde o imprevisto pode estar sempre. Portanto, isto para te dizer que não é fácil, não é fácil cantar sempre a Ave-maria, mas que ela tem um efeito, eu diria até tranquilizador não é, pacificador...

Ana: De mantra?

P.J.P: Não, não, não levo as coisas para aí. Para espiritualidades paralelas, eu levo isso para a nossa espiritualidade, portanto, cristã, profunda, criada pelo Homem de cá, que tem as salvas à cruz criadas pelo Homem de cá, com a linguagem do Homem de cá, que tem termos como a aparelhada, como teu pré, como podemos dizer que é um todo nosso, todo nosso, o Homem de cá também é capaz de fazer um louvor a Deus a partir da linguagem de expressão da ilha, enquanto açoriano. Sem ter de ir buscar coisas fora.

Ana: Vamo-nos deixar estar onde estamos.

P.J.P: Se há coisa muito autóctone muito nossa, muito micalense, são as romarias, tá certo que elas tem coisas, as salvas franciscanas ou de São Francisco, mas são muito nossas.

Ana: Vocês têm empenho musical?! E eu pergunto isso porque: cantam bem, muito raramente cantam a uma voz só - tem sempre duas vozes. Alguém ensina isso, porque nem toda a gente que está aqui sabe música e não querendo destacar nenhum dos Irmãos, mas isso é uma pergunta que eu tenho de fazer, o facto de ter um membro do grupo que escreve música, que escreve muito bem música, e então a última que ele escreveu é tão micalense ... isso tem influência, isso faz com que vocês todos tenham cuidados musicais e influências musicais?

P.J.P: É um dom ter-se o Aníbal, acho que é uma mais-valia, como agora se diz, e é um dom de Deus ter-se alguém como o Aníbal. Porque é um poeta, porque é alguém que respira

Açores, respira a ilha e tem um poeta, tem uma visão, tem uma atenção aos sons ás aves, á natureza, basta ir ao lado dele, ele este ano foi um bocado ao meu lado e estava atendo e apercebi-me disso e é alguém muito querido no rancho e é um dom aqui para o nosso rancho. E eu creio que ele tem originais, tem romarias muito sofridas, creio mesmo que é o romeiro que mais sofreu em termos de saúde ao longo das romarias mesmo até com presenças hospitalares, saiu e voltou, ele... é alguém que agente gosta muito, eu pessoalmente tenho uma grande admiração e cito muitas vezes as poesias dele, ah... mas isto portanto ele é uma boa voz, mas a afinação não depende só dele, a afinação depende do mestre, um Homem que também está ligado a grupos corais. Eu creio que é importante nós fazermos o segundo termo de comparação. Eu creio que existem dois ranchos aqui na ilha que estão no mesmo patamar, o rancho da Conceição da Ribeira Grande e o rancho de Santa Clara. Portanto, não sei se já ouviste o rancho da Conceição da R. G....

Ana: Não, só por c.d. é que ouvi.

P.J.P: O rancho da Conceição R.G. porque também tem alguém ligado à banda militar que ensaia, e é um rancho muito grande, são cento e tal foram 106 este ano, e portanto tem uma afinação fantástica. Na semana antes de nós sairmos, eu acho que é na semana antes de nós sairmos portanto eles celebram missa aqui na quinta – feira... na quinta – feira ou na quarta, por aí. Por aí são os dois ranchos mais afinados... modéstia a parte.

Ana: Eu tenho esse defeito de profissão eu tou sempre ouvindo a música, ouço com atenção, percebo imediatamente todas as afinações. E eu faço essa pergunta por o Aníbal ser amigo do meu pai desde sempre e de saber que ele tem influência num grupo em torno dele. E também lhe faço essa pergunta, se calhar para ser mestre dos romeiros também é necessário ter alguma...

P.J.P: Não necessariamente. No caso da Conceição das Capelas o rancho que, pelo menos eu saiba, não é pródigo em ter um voz muito boa, ou um ouvido distinto, agora, tem de facto outros irmãos que proporcionam... a liderança de um rancho não quer dizer que seja, que tenha de ser de facto um cantador ou um executante sob ponto de vista da música brilhante, não necessariamente isso.

Ana: Pelo menos tem que ter algum gosto que o seu rancho e cuidado musical... Vocês mexem muito no vosso repertório?

P.J.P: Todos os anos procuramos ter músicas novas...

Ana: Pelo menos as que vem do Aníbal...

P.J.P: Não só, vem dos repertórios litúrgicos e das canções por exemplo... dois novos cânticos este ano e ano passado fui eu que os trouxe, modéstia a parte de Fall River, de um compositor de Fall River, portanto... nem tudo se adequa sob o ponto de vista da liturgia a um rancho, porque existem cânticos de tal maneira, as vezes, elaborados, pesados com uma densidade litúrgica, com um peso litúrgico, com um elegância litúrgica que não se adequam um pedaço a caminhada ou à romaria que não podem ser cânticos muito pesados e tem de se ter uma certa sensibilidade para os cânticos que nós trazemos também para o romeiro cantar.

Ana: A mim não me preocupa nada o tipo de cântico, como é que é, se é mais elaborado ou menos, a mim fascina-me que os romeiros sejam os responsáveis de grande divulgação e circulação de repertório musical, e isto é importantíssimo a nível de estudos musicais, e isso a mim interessa-me muito. Acho que já disse tudo.

ANEXO 2

REGULAMENTO DO MOVIMENTO ROMEIROS DE SÃO MIGUEL

CAPÍTULO I – SECÇÃO I

Artº 1º: Da Natureza - Denominam-se Romeiros de São Miguel os grupos de católicos que, organizados em Ranchos por localidades, se propõem visitar, durante o Tempo da Quaresma, o maior número de Igrejas e Ermidas da Ilha de São Miguel, cantando e rezando em todo o percurso.

1º Cada Rancho deverá sair numa das semanas da Quaresma, previamente escolhida em conjugação com o Grupo Coordenador, devendo os primeiros sair no fim-de-semana seguinte à Quarta-Feira de Cinzas, e os últimos deverão entrar nas suas localidades no início do Tríduo Pascal, isto é, na Quinta-feira Santa.

2º O percurso será feito, por regra, no sentido dos ponteiros do relógio, ou seja, tendo sempre o mar à esquerda.

3º A saída do Rancho deverá ser antes do alvorecer, e a entrada na localidade das pernoitas, logo a seguir ao pôr-do-sol.

Artº 2º: Dos Fins - Os fins da Romaria são:

1. Fazer penitência pelos pecados próprios e alheios.
2. Louvar e agradecer ao Senhor pelas Graças recebidas.
3. Suplicar a paz e as bênçãos de Deus para a humanidade, para a Igreja, para a Diocese e para as famílias.

Nota: As Orações serão feitas especialmente por intercessão de Maria Santíssima, a quem, logo pela manhã, se pede protecção materna para a caminhada.

Secção II

Artº 3º: Criação de um Rancho de Romeiros - A criação e organização de qualquer Rancho de Romeiros na Ilha de São Miguel, depende da aprovação do Pároco da localidade, ouvidos o Conselho Pastoral e o Grupo Coordenador dos Romeiros de São Miguel.

Nota: Igual procedimento deverá ser tomado aquando do reinício do Rancho, nas localidades onde a última saída tenha ocorrido há cinco ou mais anos.

Artº 4º: Organização do Rancho - Logo que o Rancho for criado ou reiniciado, deverá tal facto ser comunicado ao Grupo Coordenador, com informação do nome, estado civil e profissão dos responsáveis, e bem assim, local, dia e hora de reuniões.

Artº 5º: Dos responsáveis e Colaboradores do Rancho - Cada Rancho de Romeiros terá: Mestre, Contramestre, Procurador de Almas, Lembrador de Almas, dois Guias e dois ou mais Ajudantes.

Nota: O Mestre e o Contramestre são considerados os Responsáveis pelo Rancho e os demais são Colaboradores.

Artº 6º: Da nomeação do Mestre e do Contramestre - O Mestre e o Contramestre são nomeados pelo Pároco da localidade, ouvido o Conselho Pastoral. Podem também ser propostos por um grupo de paroquianos, que sejam ou tenham sido Romeiros, dispensando-se, neste caso, a audição do Conselho Pastoral. A escolha deverá recair em paroquianos, cristãos conscientes, piedosos, humildes, zelosos e cumpridores das suas obrigações de católicos, que tenham qualidades de liderança e chefia. Da nomeação do Contramestre, deverá ser ouvido o Mestre.

Nota: Excepcionalmente, a nomeação do Mestre poderá recair em cristão de fora da localidade, mas suficientemente conhecido pelo respectivo Pároco. Quando assim acontecer, o Contramestre deverá ser forçosamente um residente.

Artº 7º: Da duração do Mandato dos Responsáveis - O mandato do Mestre e do Contramestre, durará cinco anos, renováveis para um segundo e terceiro mandato. Só excepcionalmente, é que haverá mais de três mandatos, se a maioria dos membros do Rancho estiver de acordo.

Artº 8º: Das atribuições do Mestre - 1. Compete ao Mestre:

- a) Superintender em tudo o que possa conduzir ao bom êxito da Romaria.
- b) Usar de caridade e justiça para com todos os irmãos, de maneira que o respeitem e o estimem.
- c) Conservar a paz, harmonia e disciplina entre todos os irmãos do Rancho, na preparação e durante a caminhada.
- d) Providenciar para que sejam observadas as normas do Regulamento e praxes tradicionais da Romaria, evitando a introdução de modificações ou abusos.

- e) Tomar providências para que o Rancho participe na Eucaristia todos os dias.
- f) Fazer diariamente, sempre que possível pela manhã, uma leitura bíblica e meditação, escolhida e preparada antecipadamente, se possível com o Pároco.
- g) Regular a marcha, determinando as suas interrupções para descanso dos irmãos, necessidades fisiológicas e refeições.
- h) Cuidar da saúde dos Romeiros, providenciando, se necessário, a ida dos doentes aos Centros de Saúde ou Postos de Socorro mais próximos; em caso de maior gravidade, providenciar pelo transporte do doente a casa, determinando quem o deverá acompanhar, se for necessário.
- i) Não permitir o consumo de água durante a caminhada, isoladamente ou em demasia, só quando autorizada a todos; exceptuam-se os irmãos que, como penitência especial, fazem a Romaria a pão e água.
- j) Designar quem deverá fazer a Oração em cada Igreja ou Ermida; a Oração da manhã, da noite (na pernoita) ou às refeições (antes e depois).
- k) Zelar pela fidelidade às orações pedidas ao Rancho, que deverão ser rezadas em voz alta.
- l) Velar pela segurança rodoviária dos Romeiros, durante as caminhadas nocturnas do Rancho, devendo os últimos Romeiros das duas alas ser portadores de faixas de material fluorescente, para que o Rancho seja melhor identificado.

Compete ainda ao Mestre, ouvido o Contramestre:

- a) Nomear os colaboradores do Rancho.
- b) Determinar a semana da saída e os locais de pernoita.
- c) Definir previamente o itinerário, alterá-lo, excepcionalmente, se for necessário.
- d) Orientar a admissão dos irmãos, devendo pedir opinião ao Pároco, que decidirá nos casos controversos.
- e) Cuidar da preparação da Romaria e dos Romeiros.
- f) Determinar a hora de saída das localidades das pernoitas.
- g) Organizar e preparar os encontros, reuniões ou outras actividades do Pós-Romaria.
- h) Emitir opinião sobre os Romeiros que queiram integrar o Grupo Paroquial de Romeiros.

Artº 9º: Das atribuições do Contramestre - Compete ao Contramestre:

- a) Desempenhar as funções do Mestre nas ausências deste.
- b) Cooperar e coadjuvar o Mestre nas matérias referidas no nº 1 do artigo anterior.
- c) Emitir opinião nas matérias referidas no nº 2 do artigo anterior.

Artº 10º: Da nomeação e atribuições do Procurador das Almas;

O Procurador de Almas é o Romeiro, nomeado pelo Mestre, que recebe e faz a contagem das Orações pedidas pelo povo, durante a caminhada. A contagem poderá ser feita, como é tradicional, pelas contas do terço, devendo indicá-la ao Mestre para que o Rancho as reze, quando aquele julgar conveniente. As Orações e pedidos especiais deverão ser logo rezados pelo Rancho. O Mestre poderá designar um dos seus ajudantes para colaborar com Procurador, nos casos de maior necessidade (saídas de Missas, passagem em algumas freguesias, etc.).

Artº 11º: Da nomeação e atribuições do Lembrador das Almas;

O Lembrador das almas é o Romeiro, nomeado pelo Mestre, que, durante a caminhada, tem a seu cargo anunciar e pedir Orações especiais. Deverá fazê-lo interrompendo o canto da Avé Maria, em voz alta e perceptível por todos, com uma «Salva» (Seja bendita e louvada a Sagrada Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo), ao que todos respondem: «Seja para sempre louvado com Sua e Nossa Mãe, Maria Santíssima», seguindo-se o pedido da Avé Maria. Deverá ainda fazê-lo à passagem do Rancho pelos cemitérios, pedindo pelas almas daqueles que lá estão sepultados.

Artº 12º: Da nomeação e atribuições dos Guias;

Os Guias são os Romeiros, nomeados pelo Mestre, que conduzem o Rancho pelo itinerário previamente traçado. Se surgirem dúvidas com o Rancho em andamento deve-se pedir, sem para e através de sinais, aos Mestre ou Contramestre que indique o caminho a seguir.

Artº 13º: Da nomeação e atribuições dos ajudantes;

Os ajudantes são os Romeiros que, nomeados pelo Mestre, auxiliam e colaboram com ele, nas seguintes funções:

- 1 - Fazer as Orações nos templos por ele indicados.
- 2 - Cooperar com o Mestre nas Orações comunitárias do Rancho «Rezas» e Orações pedidas, «1º Terço do dia», «lembrar as almas», «salvas», etc.

3 - Coordenar as refeições, providenciando, como despenseiros, a compra dos alimentos e bebidas, quando for caso disso.

4 – Cooperar com o Mestre e o Contramestre em todos os casos imprevistos.

Artº 14º: Da admissão dos Romeiros;

Somente deverão ser admitidos como romeiros:

1 - Homens dotados do uso da razão, com capacidade para participar nos Sacramentos da Penitência e da Eucaristia e que habitualmente procuram cumprir os Mandamentos da Lei de Deus e da Santa Igreja.

2 - Homens com espírito de obediência para aceitar e cumprir as normas do Regulamento e as que lhes forem determinadas pelos responsáveis, bem como com saúde suficiente para poderem fazer a caminhada.

Nota: Os residentes de outras localidades, não conhecidos dos responsáveis do Rancho onde pretendem incorporar-se, devem ser portadores de credenciais dos respectivos Párocos, para o Mestre ajuizar das qualidades exigidas para a Romaria.

Artº 15º: Admissão;

Poderão ainda ser admitidos como Romeiros homens baptizados que, tendo dissolvido o seu casamento por divórcio, tenham a sua situação familiar estabilizada publicamente por casamento civil.

Nota – Neste caso, o Romeiro cumprirá o que o Magistério da Igreja Católica Universal determina em tal situação: não podendo receber a absolvição, participará na Santa Missa sem comungar (Catecismo da Igreja Católica, nº 1650.)

Artº 16: A preparação das Romarias compreende tudo o que envolver a saída do Rancho da Paróquia, bem como a preparação próxima dos que sejam admitidos à Romaria.

Artº 17: A preparação próxima dos Romeiros deverá ter uma componente prática e outra doutrinal, esta preparação, em conjunto, não poderá ser inferior a 20 horas, sob pena de não participação na Romaria. Excepcionalmente, poderá ser dispensado o Romeiro já experiente na parte prática.

Artº 18: A preparação próxima tem ainda como objectivo a criação de um espírito de grupo (amizade, harmonia e fraternidade) entre os Romeiros, de verdadeira comunhão, pelo que os admitidos à Romaria devem logo começar a tratar-se por «irmãos». Por deferência, o

tratamento dos responsáveis deverá ser o do cargo, antecipado de Irmão (Ex. Irmão Mestre) e o dos demais pelo nome ou apelido. Devem ser evitadas alcunhas.

Nota: Se, na admissão ou durante a preparação, os responsáveis tomarem conhecimento que dois ou mais irmãos estão desavindos entre si, o Mestre procurará, como bom pai de família – em separado, se os conhecer ambos, que se reconciliem entre si, com a advertência de que se mantiverem a desavença, não se poderão incorporar no Rancho.

Artº 19: 1 – Componente prática da preparação dos Romeiros compreende:

- a) A exercitação do canto da Avé Maria, das «Salvas», dos cânticos para as Missas, das orações nas Igrejas e Ermidas e noutras ocasiões especiais.
- b) A leitura e comentário das normas do Regulamento, no que tocar às Romarias quaresmais.
- c) O perfeito conhecimento do sentido de cada oração pedida e as consequentes obrigações próprias dos Romeiros.
- d) A indumentária (roupa e calçado) dos Romeiros – exigências e experiências.
- e) O modo de ser e estar (comportamento) do verdadeiro romeiro.

2 – A componente doutrinal deverá compreender a leitura, meditação e reflexão bíblica sobre temas ligados aos valores evangélicos: Penitência e oração; conversão e reconciliação; vida em Cristo (Graça); Virtudes Teologias (Fé, Esperança e Caridade); fraternidade (aceitação, partilha, etc.) ou outros que vão ao encontro das necessidades do Rancho.

3 – A componente prática fica a cargo dos responsáveis pelos Ranchos, podendo, numa experiência de comunhão, ser convidados os membros do Grupo Coordenador ou os responsáveis de outros Ranchos.

4 – A componente doutrinal deverá ficar a cargo do Pároco, ou dos responsáveis pelo Rancho, ou, se for julgado conveniente e depois de ouvido o Pároco, poderão ser convidados outras pessoas: Sacerdotes, Religiosos ou Leigos.

Artº 20º: Das condições Gerais a Observar;

Todos os Romeiros devem:

- 1. Participar no Sacramento da Reconciliação nas vésperas da partida, procurando manter-se em estado de graça para que a Romaria seja espiritualmente proveitosa. Se algum Romeiro, durante a caminhada, precisar de orientação espiritual ou de se reconciliar, deve manifestar esse desejo ao Mestre, para que este providencie o encontro com um Sacerdote;

2. Participar na Eucaristia todos os dias;
3. Dar conhecimento ao Mestre das próprias falhas no cumprimento das normas do Regulamento referente às Romarias;
4. Obedecer pronta e imediatamente às ordens do Mestre e acatar as suas admoestações com humildade, devendo evitar desculpas sem sentido;
5. Visitar, quanto possível, todas as Igrejas e Ermidas da Ilha, que constam do itinerário previamente traçado pelos responsáveis do Rancho;
6. Observar silêncio em todo o percurso mesmo nos descampados; se houver necessidade imperiosa de trocar algumas palavras durante a caminhada, deverão fazê-lo em voz baixa, de modo a que não se deixe de ouvir o canto da Avé Maria, bem como as orações pedidas pelo Rancho e as súplicas dos fieis que se recomendam às orações dos penitentes;
7. Rezar, cantando, a Avé Maria e todas as saudações comuns, segundo a tonalidade própria e tradicional; rezar um Terço pelas intenções de quem os acolher durante a noite;
8. Levar Terço, lenço de lã, xaile, saca para a comida e um bordão, tudo como é tradicional; durante todo o percurso, o xaile deve ser levado aberto sobre os ombros e o lenço sobreposto por cima dele;
9. Contribuir, dentro das suas possibilidades, para as colectas feitas pelo Mestre;
10. O Romeiro que, tendo feito a preparação, não puder, por motivo justificado, incorporar-se no dia da partida, pode ir ao encontro do Rancho no 1º ou 2º dia da caminhada, em local previamente combinado com o Mestre. A incorporação no Rancho faz-se, como é tradicional, após autorização e com o Rancho parado, beijando o Crucifixo, cumprimentando o Mestre e todos os demais irmãos;
11. O Romeiro que, por motivo grave e justificado, tenha de abandonar o Rancho, deve, com este parado e após autorização e consentimento do Mestre, despedir-se de todos os irmãos, recomendando-se às suas orações e considerando-se vinculado ao Rancho para as orações pedidas.

Artº 21º: Os Romeiros não devem:

1. Fumar, comer, beber ou falar com o Rancho em andamento;
2. Sair do Rancho e entrar em qualquer loja ou estabelecimento sem autorização prévia do Mestre, que apenas a dará em caso de absoluta necessidade;

3. Fazer penitências especiais sem conhecimento do Mestre. O tradicional pão e água ou outras penitências devem ser do conhecimento do Pároco da localidade, a fim de ser encontrada, com o penitente, uma forma alternativa para o seu cumprimento, na eventualidade de algum imprevisto ou impossibilidade. Essa alternativa deverá ser comunicada ao Mestre;
4. Dar esmolas isoladamente durante a caminhada, sem o consentimento do Mestre;
5. Abandonar o Rancho;
6. Visitar parentes ou amigos nas freguesias onde o Rancho passar;
7. Usar telemóvel;
8. Levar consigo bebidas alcoólicas;
9. Sair de noite depois de recolhidos.

Nota 1: O Mestre poderá autorizar o uso de um telemóvel no Rancho, para casos de emergência.

Nota 2: Poderá ainda ser autorização o uso de um outro, por motivos profissionais.

Artº 22º: Da caminhada propriamente dita;

Todos os Ranchos devem ser portadores de um Crucifixo de média dimensão, o qual deverá ser levado à frente por um dos Romeiros mais jovens, que seguirá no meio dos dois guias.

Artº 23º: O Rancho, salvo quando estiver em oração conjunto (altura em que poderá caminhar de forma diferente), deverá ser formado com os Romeiros em duas alas. Devendo os bordões ser levados na horizontal, pelo lado de dentro das alas. O Terço deverá ser levado na mão contrária à do bordão.

Nota: Salvo em casos excepcionais, o Rancho deverá manter forma organizada, mesmo fora das localidades, O canto da Avé Maria poderá ser substituído pela Oração comunitária ou por Oração individual em silêncio meditativo.

Artº 24º: Após a saída da respectiva Paróquia, o Mestre, logo na primeira paragem possível, já sem a presença de outros paroquianos, pode convidar todos os Romeiros a uma eventual reconciliação entre si, com vista a que a peregrinação seja uma caminhada em autêntica comunhão. Mantendo-se desavenças que impeçam a união fraterna, deve o Mestre providenciar a saídas dos desavindos.

Nota: Se as referidas desavenças ocorrem durante a caminhada, o procedimento será idêntico.

Artº 25: A peregrinação penitencial começa em cada dia, com a Eucaristia ou a Oração da manhã, à saída da localidade do Rancho ou da pernoita, terminando coma Oração da noite nas localidades de acolhimento. A Romaria só se considera interrompida para o descanso e para as refeições.

Artº 26: Durante o percurso, o Rancho deverá parar para orar em todos os templos que existam no itinerário previamente traçado, quer estejam abertos, quer estejam fechados. Nos que se encontrarem abertos o Rancho deve sempre entrar, a não se que haja actos de culto.

Nota 1: Se no templo estiver a ser celebrada a Eucaristia ou qualquer outro acto de culto, o Rancho deve fazer a sua Oração, em voz baixa e à porta do templo, prosseguindo depois a caminhada, sem perturbar a celebração do acto de culto.

Nota 2: Se os templos estiverem fora do itinerário habitual, deve o Rancho parar, de preferência em local que os vislumbre, fazendo então uma oração mais breve do que a habitual e tradicional. Pode a Oração ser feita em andamento, se houver menos tempo ou algum atraso.

Artº 27: À passagem pelas freguesias as pessoas costumam pedir orações ao Rancho, perguntando o número de irmãos, para que elas possam rezar em comunhão com os peregrinos. Rezarão tantas orações quantos forem os irmãos, ao que se deverá acrescentar, como é tradição, as pessoas de Jesus, Maria e José, que são considerados Romeiros.

Artº 28º: Se dois Ranchos se encontrarem durante o percurso, deve cada um dos Mestre providenciar para que os seus Romeiros cumprimentem os irmãos da respectiva ala do outro Rancho, beijando sempre o Crucifixo.

Nota 1: Se não houver cruzamento propriamente dito de Ranchos, os Romeiros do que estiver parado, deverão levantar-se, e, em

silêncio, fazerem uma Oração pelos penitentes que caminham.

Nota 2: Se o encontro ocorrer dentro duma Igreja, devem os Mestre combinar entre si o lugar e o modo como os irmãos se devem cumprimentar.

Artº 29º: Durante as interrupções podem os Romeiros, em plena camaradagem e amizade de irmãos, falar, fumar, rir e brincar, devendo, no entanto, manter a devida compostura e a atitude de verdadeiros peregrinos.

Artº 30º: Se durante a caminhada houver, por parte de algum Romeiro, comportamentos incorrectos, abusos sucessivos ou graves incumprimentos das normas do Regulamento, de ordens, directrizes ou instruções do Mestre, deve este, após a adequada admoestação em particular sem sucesso, ordenar que o prevaricador abandone o Rancho. Deverá recomendar que o mesmo tire a indumentária que identifica o Romeiro e ordenar que ele seja acompanhando até à sua residência por um dos seus colaboradores.

Nota 1: De imediato, ou logo na 1.^a paragem, deverá informar o Rancho do sucedido, bem como das diligências feitas.

Artº 31º: Da Pernoita: Como atrás referido, a penitência do dia termina com o acolhimento e Oração da noite na localidade da pernoita. Após a Missa ou a Oração da noite, o Mestre, tomando o Crucifixo, distribui os Romeiros conforme a população vai pedindo, tendo a preocupação de juntar um Romeiro mais velho e experiente com um novo. Todos se despedem do Mestre, beijando também o Crucifixo, como é tradicional.

Artº 32º: Na casa que os acolhe, os Romeiros devem:

1. Saudar, à entrada, os moradores, dizendo: «Seja bendita e louvada a Sagrada Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor

Jesus Cristo», ou a forma abreviada: «Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo», ao que os presentes poderão responder: «Seja para

sempre louvado com Sua e nossa Mãe, Maria Santíssima».

2. Aguardar que os mandem sentar, lhes ofereçam banho, ou simplesmente água para lavar os pés, e a refeição.

3. Falar com simplicidade e bom espírito cristão enquanto esperam pela refeição e durante a mesma, devem nunca murmurando, mas antes pondo em relevo os aspectos positivos da caminhada.

4. Despedir-se das pessoas antes de se recolher ao quarto, e, agradecendo-lhes a hospitalidade, entregar o Terço do Rosário, que simboliza a Oração rezada pelas intenções da família, bem como uma pagela com a mensagem do Rancho, devidamente assinada.

5. Evitar sair do quarto de dormir durante a noite e não utilizar outras instalações da moradia, à excepção do quarto de banho.

6. Fazer o menor barulho possível ao erguerem-se, e, se houver alguém levantado, saudá-lo na forma habitual, e, à saída, agradecerlhe a hospitalidade, dizendo, por exemplo: - «Ó Irmão seja pelo amor de Deus e por alma dos seus», ou algo semelhante.

Nota 1: Depois dirigirem-se para o local combinado na véspera.

Artº 33º: À medida que vão chegando, devem os Romeiros saudar os Irmãos já presentes, dizendo: «Seja bendita e louvada a Sagrada Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Nossos Senhor Jesus Cristo», ou a forma abreviada: - «Seja louvado Nosso Senhor

Jesus Cristo», ao que os presentes respondem: - «Seja para sempre louvado com Sua e nossa Mãe, Maria Santíssima», e beijando o Crucifixo, cumprimentam o Mestre e os Irmãos.

Artº 34º: Reunido o Rancho, será feita a Oração da manhã, concluída a qual se reinicia a marcha.

Nota: Se faltar algum Romeiro, o Mestre ordena que um dos seus ajudantes ou outro Romeiro experiente aguarde o faltoso, devendo depois esforçar-se para atingir o Rancho o mais depressa possível. Nessa altura, o Romeiro faltoso deve beijar o Crucifixo, e, dirigindo-se ao Mestre, cumprimentá-lo, justificando a falta e pedindo desculpa.

Artº 35º: Considerando que os Romeiros em peregrinação estão em comunhão com a sua comunidade paroquial, esta deverá celebrar a Eucaristia e outros actos de piedade pelas intenções dos Romeiros, durante a semana de peregrinação.

Artº 36º: Como é tradição, durante a Romaria há o chamado «Encontro da Família». Este é um momento em que a família vai participar um pouco na vida do Rancho, com Oração, alegria e partilha.

O ponto alto do encontro será a participação na Eucaristia juntamente com os Romeiros. Após a Missa, haverá o almoço dos irmãos com os respectivos familiares. É nesta ocasião que os irmãos poderão abastecer-se com alimentos e roupa para o resto da caminhada.

Nota: São de evitar outros encontros dos Romeiros com a família. No caso que isso tenha de acontecer, seja feito apenas nos lugares de descanso ou das refeições conforme o estabelecido pelo Mestre.

